VÍDEO volte à infância com

MICKEY

CAP. AMÉRICA

ASTERIX

AGENTE 86

SPEED RACER

SET

CINEMA VÍDEO

EDITORA AZUL

5633 - Fevereiro, 1993 - Ed. 68 - Ano VII - Nº 02 - Cr $ 65.000,00

MICHELLE PFEIFFER foge das fofocas

SPIKE LEE defende Malcolm X

MATT DILLON cai no rock'n'roll

REPORTAGEM como comprar um Oscar

ENTREVISTA

ROBIN WILLIAMS

no delírio de TOYS, um manifesto contra os videogames

THE ONE

Uma nova era em imagem e som.

CÂMERA

VHS-C
NV-S500 PN(*)
NV-G200 PN

MULTI LASER DISC PLAYER

LX-K700(*)
LX-101

VIDEOCASSETE
NV-J48BR(*)

TELA SUPERPLANA

A tela de THE ONE é 30% mais plana que a dos modelos convencionais. Isto permite que você tenha um maior campo de visão e possa apreciar imagens nítidas de qualquer ângulo.

TELA NEGRA

Com mais de 750 linhas de resolução, a série THE ONE consegue um grande realismo nas imagens. Graças aos pigmentos negros no vidro da tela, a reprodução dos tons escuros também é mais realista, com uma melhora de 46% no contraste.

Modelo TC-33V2L
(com sistema "PinP")

SISTEMA DE SOM DE ALTA QUALIDADE

No exclusivo New Dome Sound Stereo System/Surround System, as caixas acústicas estão dentro do gabinete e envolvem o tubo de imagens. Isto proporciona um som ambiente mais rico, como no cinema, com graves mais profundos, médios e agudos cristalinos.

CONTROLE REMOTO MULTIFUNCIONAL

Para operar, ao mesmo tempo, o televisor e a maioria dos videocassetes Panasonic.

A Panasonic produz seus televisores como quem cria uma obra de arte. Ela busca expressar todo o seu talento para emocionar uma pessoa verdadeiramente especial: você. THE ONE reúne uma série de características que o fazem único no mercado. Ele possui um design arrojado e os mais sofisticados recursos de áudio e vídeo.
Conquiste este privilégio.

THE ONE

THE ONE
TC-29V2L (29")
TC-33V2L (33")

Panasonic

(*) À venda na Zona Franca de Manaus
Produtos Importados

Neste início de ano, Robin Williams esteve numa situação inédita, até para ele. Estrelava simultaneamente um hit absoluto e um fracasso inesperado, nas telas americanas. O sucesso é o desenho *Aladdin*, produção Disney em que ele faz a voz do gênio da lâmpada. O fracasso é *Toys*, fantasia de Barry Levinson, seu diretor em *Bom Dia Vietnã*. Elogiado pela crítica, não encontrou sua audiência. Este mês, o público brasileiro poderá decidir por si mesmo. Quanto a *Aladdin*, não deve chegar aqui antes de julho – mas você começa a sentir o gostinho deste super-sucesso imediatamente, graças à entrevista de Robin Williams a José Emilio Rondeau.

Começando já nossa "Operação Oscar", Ana Maria Bahiana reúne sua longa experiência de correspondente em Hollywood para revelar as pressões e *lobbies* que os estúdios usam para "comprar" o Oscar. E mês que vem: *tudo* que você sempre quis saber sobre o maior prêmio do cinema. Até lá.

Fotos de capa: Robin Williams no filme *Toys* (Fox), Mickey (Abril), Coquinho Américo (Europa), Asterix (Wave), Agente 86 (Globo Vídeo), Speed Racer (Reserva)

6 TAKES
De Super Mario aos segredos de *Drácula*

16 COMO COMPRAR UM OSCAR
A guerra de marketing dos produtores

18 ROBIN WILLIAMS
No País das Maravilhas

24 MICHELLE PFEIFFER
A gata se revela

30 MALCOLM X
Spike Lee enfrenta a polêmica

36 MATT DILLON
O rebelde vira roqueiro

40 VIDEOLANÇAMENTOS
De *Faces da Morte* a *Filhos da Guerra*

48 PRÉ-ESTRÉIA
Chaplin, por seu astro Robert Downey Jr.

50 NOVOS FILMES
O Último dos Moicanos, *A Mulher do Soldado*

58 MITO
Ed Wood, o pior diretor da história

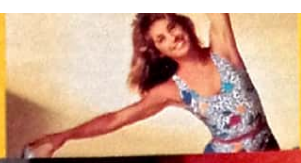
62 EQUIPAMENTO
Alucinações de aluguel

63 CARTAS

65 FILMOGRAFIA

66 NOSTALGIA

Campeonatos Europeu, Espanhol, Holandês e Paulista de futebol.



As últimas novidades em saúde, ginástica e dietas.

ESTE É UM LA DAS IMAGINE QUA

TVA ESPORTES. 24 HORAS NO AR. *Não se tem notícia, no futebol americano, de torcedores que invadem o campo para agredir os atletas. Também, do jeito que esses caras são grandes, quem seria o louco? Mas este é apenas um dos muitos esportes que você vai poder ver e conhecer na TVA Esportes. O canal que transmite a programação integral da ESPN americana 24 horas por dia, todos os dias. Os esportes que você ama - e os que amaria se conhecesse - estão em nossa programação.*

Esportes alternativos: pesca, surfe, esqui e muitos outros.

NBA e American Bowl, os campeonatos de basquete e futebol americanos.

NCE DENTRO
REGRAS.
NDO É FALTA.

Mas a TVA não é só esportes. São 5 canais por assinatura, simultaneamente no ar, cada um especializado num tipo de programação: filmes, esportes, notícias, clássicos do cinema e do desenho animado e variedades. Ligue agora e coloque 5 novos canais na sua TV: SP (011) 815-6000, RJ (021) 203-1225, Curitiba (041) 252-8820.

ASSINE O MUNDO.

Fórmula Indy, IMSA - Campeonato de Marcas e Copa Davis de Tênis.

Mathilda May abala a França estreando em duas novas carreiras: modelo e cantora

Mulher Fatal

As formas perfeitas da ex-bailarina parisiense Mathilda May voltam a ser notícia em seu país. Não como a atriz descoberta por Claude Chabrol, mas como cantora: ela acabou de lançar seu primeiro álbum, *Mathilda May*. "Esse disco não tem nada a ver com o que se passa em minha carreira cinematográfica", declarou à revista francesa *Video 7*, "pois me sinto uma vítima do sistema, já que as distribuidoras colocaram *Le Cri de la Roche* e *Isabelle Eberhardt* em salas alternativas um ano depois de realizados. Mas não sou a única. Toda a equipe, atores, diretores e técnicos, sofre com isso. Essa é uma das razões para que eu tente novos caminhos em minha vida profissional."

A idéia de experimentar novos horizontes começou quando Mathilda deu uma de modelo, em abril de 92: vestiu estilistas famosos, como Jean Paul Gaultier, Thierry Mugler, Lanvin e Claude Montana, e jóias da Maison Chanel para uma sessão fotográfica, que vocês podem ver em primeira mão.

Enquanto o álbum não chegar por aqui, os fãs da gata poderão admirá-la no filme *Colette – Diário de uma Paixão*, que estréia este mês nos cinemas. Os que estiverem impressionados com sua beleza, podem levá-la para casa – basta alugar a fita *Isabelle Eberhardt*.

Pescoço e braço esculpidos por jóias de Chanel...

...e as curvas perigosas delineadas por Thierry Mugler

OLHO VIVO

FAXINA NO SET DE *MÁQUINA 3*

Fazer a checagem das dicas dos leitores para esta seção não é tarefa fácil. A desta edição foi enviada por Karla Moreira, de Salvador. Ela fez seis indicações de *Máquina Mortífera 3*, mas a única correta é a seqüência do assassinato do motorista do carro blindado, dentro da sala de interrogatório: o sangue da parede (foto acima) foi "prontamente" faxinado (abaixo) antes que Mel, Glover e Rene chegassem para levar um papo com o rapaz.

Fotos Ivan Carneiro

BILHETERIA EUA

CAMPEÕES DE 92

	Em milhões de dólares
Batman, o Retorno	162.8
Esqueceram de Mim 2	146
Máquina Mortífera 3	144.7
Mudança de Hábito	139.5
Quanto Mais Idiota Melhor	121
Instinto Selvagem	117.7
Aladdin	115.3
Uma Equipe Muito Especial	107
O Guarda-costas	88.5
A Mão que Balança o Berço	88

CALENDÁRIO

MORTOS TODO DIA

A revista americana *Film Threat* – conhecida pelo sarcasmo com que trata a indústria cinematográfica – desta vez se superou. Sua edição de janeiro trouxe de presente o *Dead Celebrities Calendar*: um calendário de 93 com uma ou mais celebridades mortas para cada dia do ano, a maioria astros do cinema. Este delicado presente inclui ilustrações do mais atroz mau gosto, tipo Judy Garland de porre na estrada dos tijolos amarelos, e Natalie Wood se afogando (ao lado). Os textos também são lindos. Vide o dia 24 de novembro: "Morre a celebridade e bastardo Peter Lawford". Para espíritos de porco. *André Forastieri*

Machões convictos e donzelas desprotegidas sempre saíram por aí com uma boa escolta. Mas imagine se "colar" a onda de casais formados por protetores/protegidos detonada por Kevin Costner/Whitney Huston. Tem gente que vai se dar mal... Conheça os protetores de certas celebridades

Stallone

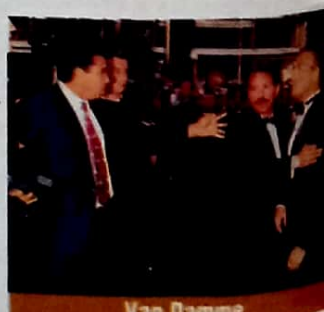
Madonna

Clint Eastwood

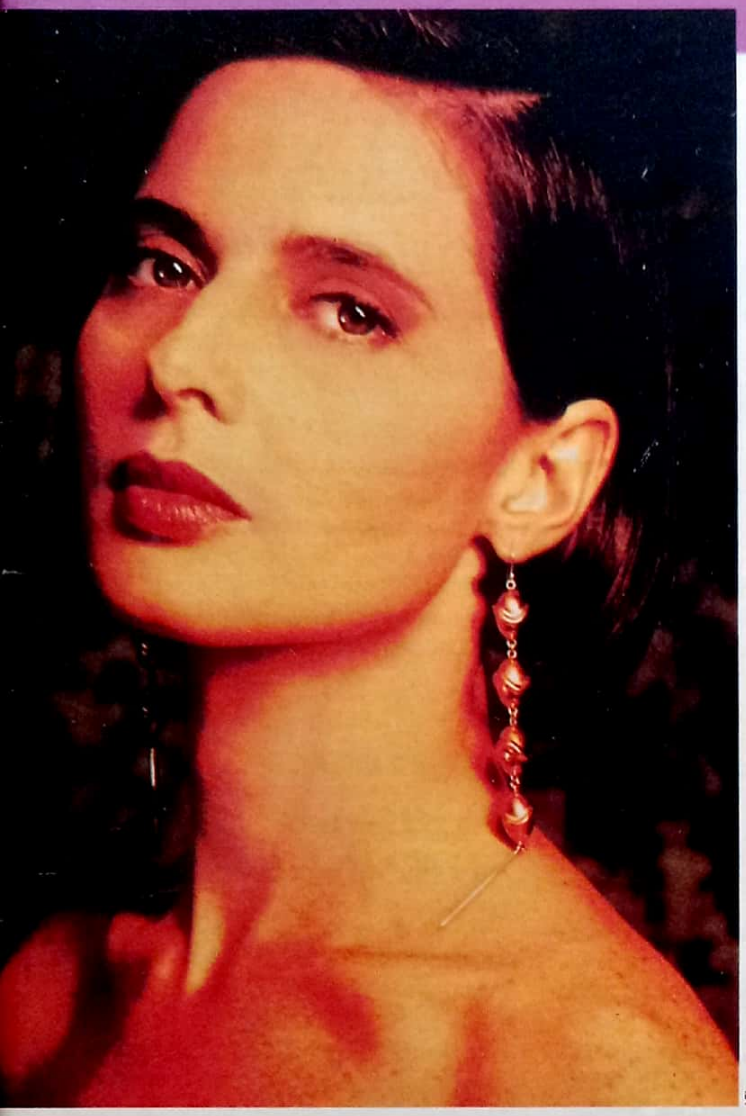
OS GUARDA-COS

Schwarzenegger

Brigitte Nielsen



Van Damme



LFI

Kim Basinger

TAS

Liz Taylor

Fotos Stills

ISABELLA ROSSELLINI

CONDUTA DUVIDOSA

Que o livro *Sex* causasse protestos contra Madonna era esperado, mas que sobrasse também para Isabella Rossellini não estava nos planos da Lancôme. A empresa de cosméticos ficou furiosa ao vê-la vestida com roupas de homem – ainda mais depois de ter gasto 5 milhões de dólares em um contrato de exclusividade. "Muitos americanos não vão gostar de ver Isabella fazendo isso, por causa de suas convicções religiosas e ideológicas. Mas na Europa ninguém ligou muito", disse um porta-voz da Lancôme.

TRAILER

Os filmes que você vai ver no futuro

Snoopy, Charlie Brown e todos os moleques neuróticos da famosíssima tira *Peanuts* vão parar no cinema. O especialista John Hughes – que no momento filma *Pimentinha* – vai adaptar para a Warner Bros. as histórias criadas por Charles Schulz em 1950.

Depois de terminar o drama sobre Aids *Philadelphia*, **Jonathan Demme** atacará na cinebiografia de Martin Luther King. O filme tem o título provisório de *Parting the Waters*.

Wesley Snipes (*Febre na Selva*) está sendo cotado para vários filmes: *Skeezer*, drama sobre crack, *Money Men*, ao lado de Dennis Hopper, e *Lazarus and the Hurricane*, cinebiografia do pugilista dos anos 60 Rubin "Hurricane" Carter.

O filme só vai ser lançado em junho, mas **Arnold Schwarzenegger** não brinca em serviço: já está passando desde dezembro o trailler de *The Last Action Hero*. Mostra Schwarza dirigindo um superjipe militar, pronto para entrar em ação – quando ele se vira para a câmera e diz: "Espere até junho."

Desaparecida do celulóide há mais de um ano, **Julia Roberts** será uma estudante de Direito que testemunha um assassinato em *The Pelican Brief*, de Alan Pakula. Antes disso, Julia recusou outros projetos, incluindo as seqüências de *Três Mulheres, Três Amores* e *Linha Mortal*.

John Landis está pensando em fazer a continuação de *Um Lobisomem Americano em Londres*. Outro projeto é *One Cut From Paradise*, comédia sobre o esquadrão de bombas de Los Angeles.

Reina

Mel Gibson anunciou que vai financiar um filme sobre **Keith Moon**, o lendário baterista do Who que morreu de overdose aos 33 anos, em 1978. O cantor da banda, Roger Daltrey, participará do filme, que começa a ser rodado no final de 93.

Kim Basinger e **Alec Baldwin** vão substituir a dupla Steve McQueen/Ali McGraw em *The Real McCoy*, refilmagem de *Os Implacáveis* (1972), dirigido por Sam Peckinpah.

Robert Redford e **Paul Newman** estão sendo sondados para fazerem uma seqüência do hit dos anos 60 *Butch Cassidy e Sundance Kid*.

TEMPORADA 93

SUPER SÉRIES

Aventuras imperdíveis, alta tecnologia e projetos de Oliver Stone e Steven Spielberg nos novos seriados da TV americana

WILD PALMS

GIBI SURREAL

Sem nenhum exagero, já está sendo chamada de "a *Twin Peaks* de 93" essa transposição para a tela de *Wild Palms*, tiras mensais que o roteirista e escritor Bruce Wagner (autor do livro *Force Majeure*) publica na revista *Details*. É também o primeiro projeto de Oliver Stone para TV, como produtor.

"Entre num mundo onde a realidade é apenas um estado de espírito", já avisa a campanha da minissérie de seis capítulos que a rede ABC exibirá. Se surrealismo e novas tecnologias são o seu barato, não perca. *Wild Palms* se passa numa Los Angeles do futuro e é centrada no personagem Harry Wycoff (James Belushi), um executivo de TV que emprega técnicas de Realidade Virtual nos programas e se envolve numa trama mortal. O elenco tem também Robert Loggia e Angie Dickinson. Cada episódio terá um diretor diferente, entre eles Kathryn Bigelow e Phil Joanou. *José Emilio Rondeau*

SEA QUEST

DÓLARES AO MAR

A Amblin de Steven Spielberg e a Universal Television se uniram pela primeira vez desde *Amazing Stories*, de meados dos anos 80. Juntas produzirão 22 episódios, com uma hora de duração cada, de uma ficção-científica futurista que seguirá as aventuras de uma tripulação multinacional no submarino Sea Quest, em busca de novos mundos sob a água no ano de 2018.

Roy Scheider comanda o cast, no papel do Capitão Nathan Bridger. Para garantir o máximo de realismo, a produção conta com a consultoria do cientista Robert D. Ballard. Espera-se um padrão superior até ao da série *O Jovem Indiana Jones*, de George Lucas: cada episódio de *Sea Quest* está orçado em cerca de um milhão de dólares. A série milionária vai estrear nos EUA por volta de setembro deste ano. *J.E.R.*

CONAN, THE ADVENTURER

BÁRBARO BONZINHO

Depois de ter suas aventuras contadas em livros, histórias em quadrinhos e no cinema, Conan, criado por Robert E. Howard em 1932, estréia agora em desenho. Mas *Conan, the Adventurer* tem poucas semelhanças com o personagem dos gibis: a série mostra um herói jovem e bem-comportado, que enfrenta o vilão Wrath-Amon (um homem-cobra) e sua horda de monstros e feiticeiros com uma espada mística.

Apesar de ainda não estar sendo veiculado nos EUA, *Conan, the Adventurer* pode pintar por aqui em breve. Sua licenciadora, a Character, já está negociando os direitos de exibição no Brasil. *Sidney Gusman*

X-MEN

MUTANTES MILIONÁRIOS

O desenho animado *X-Men* estreou com enorme sucesso nos EUA. Os dois primeiros episódios, exibidos em pré-estréia nos dias 31 de outubro e 7 de novembro de 92, quebraram recordes de audiência.

Há dois motivos para isso. *X-Men*, história de uma equipe de super-heróis jovens, perseguidos pela lei, é o gibi mais popular dos EUA. E o desenho é uma rara adaptação fiel aos quadrinhos, com uma esmerada animação e ótimos efeitos computadorizados. A formação da equipe é a atual da HQ, mais um personagem criado especialmente para a série, Morph, que pode assumir qualquer forma humana. *S.G.*

O DRÁCULA QUE NÃO FOI

Ilustração sobre foto de Renata Borges

Cenas em 3-D e Traci Lords como Lucy: idéias descartadas por Coppola na última hora

Fãs mais fissurados do *Drácula* de Coppola, ou qualquer interessado nos métodos de criação do diretor, encontraram um banquete na edição de fevereiro da revista norte-americana *Prevue*. Seu editor, Jim Steranko – convocado por Coppola em meados de março de 91 como um dos "consultores criativos" –, narra detalhadamente todas as reuniões de concepção do projeto. Entre outras coisas, são reveladas idéias muito interessantes, mas posteriormente descartadas, como um *look* futurista para o castelo do conde; uma descida de Drácula ao inferno para selar seu pacto com o demônio; Traci Lords no papel de Lucy, e duas ou três cenas em 3-D (uma delas a perseguição e o clímax finais). Em tempo: com o sucesso de seu vampiro, está realmente vingando o projeto de Coppola para produzir refilmagens do ciclo de terror da Universal. Já está assinado o contrato com Kenneth Branagh para este dirigir *Frankenstein*, e o próximo da fila seria *O Homem Invisível*. (Como Coppola já declarou não ter o menor interesse pelo Lobisomem, resta saber se faz parte dos planos a Múmia vivida originalmente por Boris Karloff.)

José Augusto Lemos

É melhor você começar
a ler o Estadão.

e dê para a
cunhado
de futebo

Recorte aquele seu que só fala

Se existe uma coisa tão chata quanto a falta de assunto, essa coisa se chama falta de outros assuntos. Quem lê o Estadão está preparado para mais de 90 minutos de conversa: bastidores da política, reviravoltas da economia, negócios, moda, turismo, cultura e tudo aquilo que está acontecendo de interessante no momento. Até futebol. Na próxima vez que alguém vier com o mesmo papo pela décima quinta vez, mostre que você também é fanático por outros assuntos: dê um cartão vermelho.

ESTADÃO
É muito mais jornal.

Luigi (Leguizamo)...

...e Mario (Hoskins)

Cenário criado por David Snyder, o mesmo de *Blade Runner*

SUPER MARIO, O FILME

Heróis Eletrônicos

Mais um vilão para Hopper

A versão cinematográfica do game mais famoso do mundo tem cenários futuristas e efeitos especiais classe A

Agora que nem mesmo a molecada fanática por games, mais fissurada nas pancadarias de *Street Fighter II*, tem paciência para agüentar os maletas irmãos Mario, primeiros heróis dos jogos de vídeo que se tem notícia – o encanador Mario foi criado em 81 pelo japonês Shigeru Miyamoto, para o jogo *Donkey Kong* –, Hollywood resolveu investir num longa-metragem dos bigodudos.

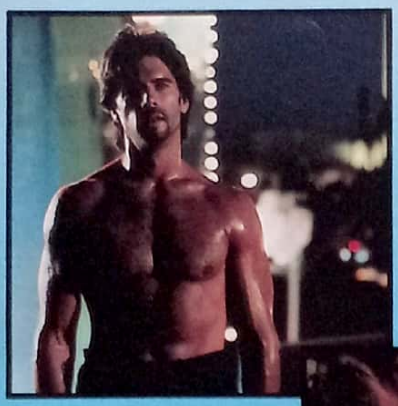
Dirigido por Annabel Jankel e Rocky Morton (os criadores de *Max Headroom*), cenografia de David Snyder (*Blade Runner*) e roteiro de Barry Morrow (*Rain Man*), Mario e Luigi ganham carne e osso sob as peles de Bob Hoskins e do comediante John Leguizamo. A qualidade da produção, com uma enxurrada de efeitos especiais, é garantida e promete ter a mesma correria do jogo. Para completar, Dennis Hopper é o maléfico tirano de Dino-York, cidade onde se passa o filme.

Mas o roteiro toma muitas liberdades em relação ao tradicional universo dos heróis. Luigi, por exemplo, não tem bigode e nem o vilão Kopa e o cogumelo Toad, personagens constantes das aventuras dos "Mario Bros", dão o ar de suas graças.

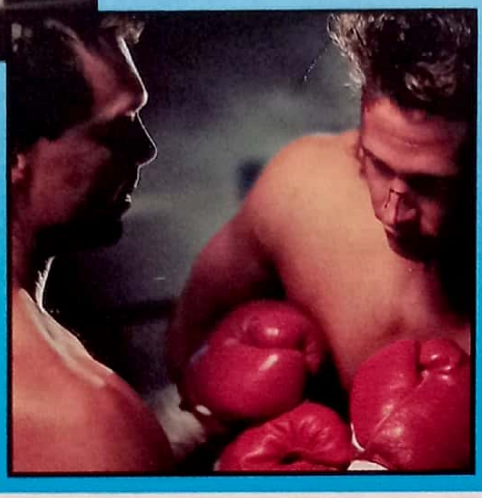
Carlos Eduardo Miranda

KICKBOXER A GRANDE DISPUTA

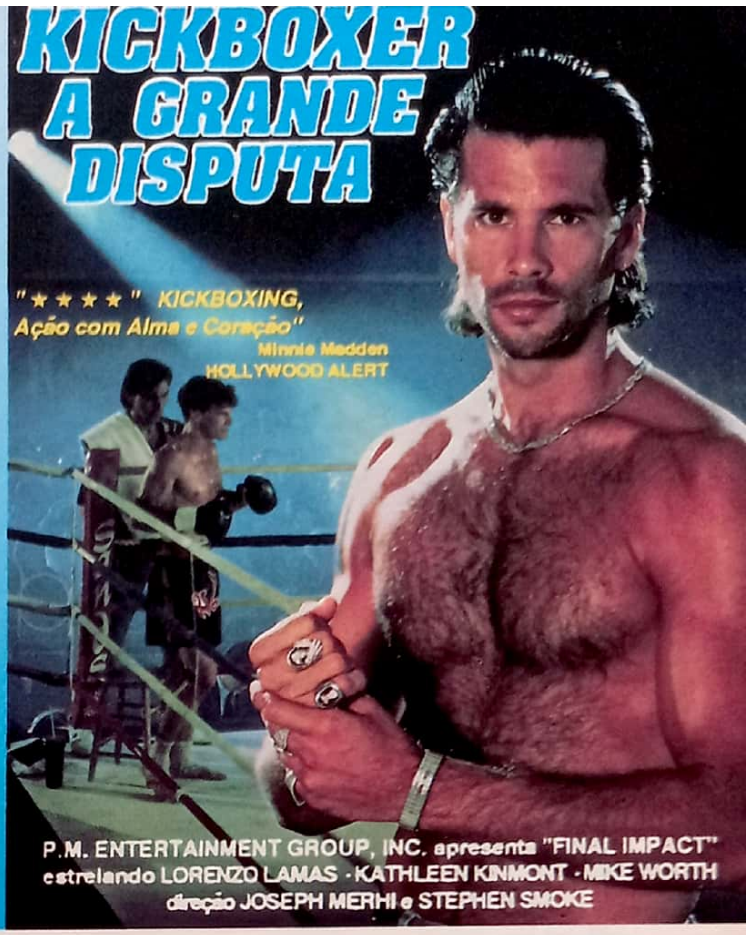
com
LOURENZO LAMAS
muita ação para os fãs
de KICKBOXING se
deliciarem



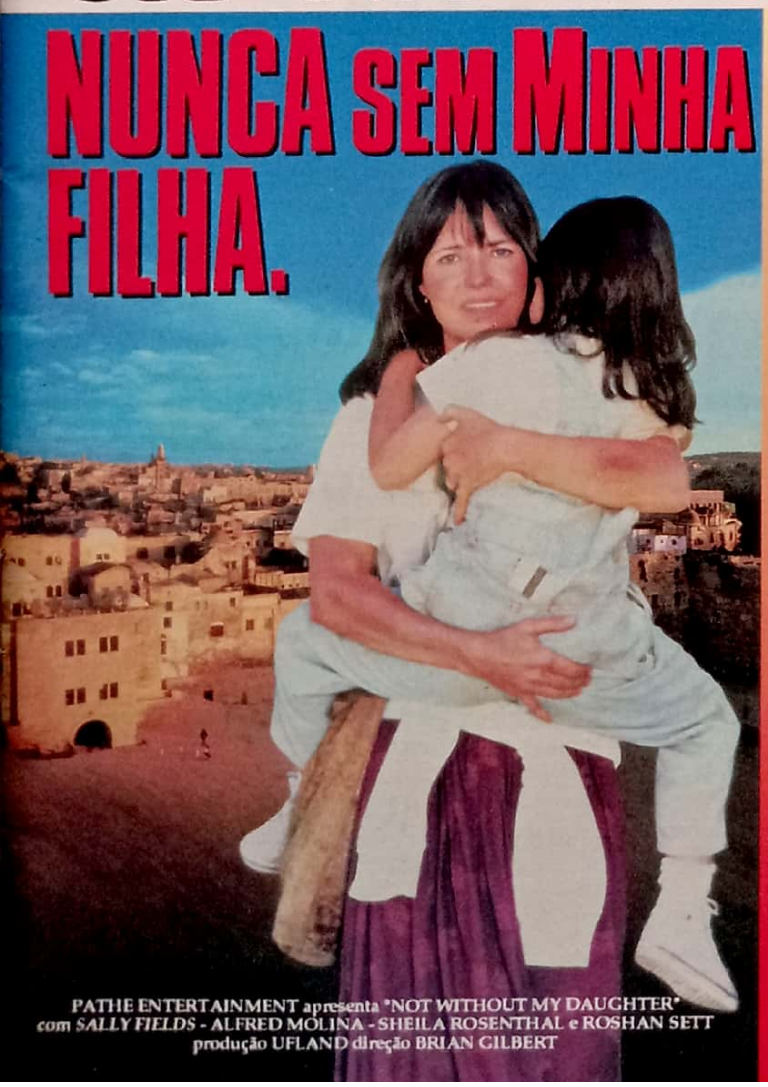
AMERICA VIDEO



No sangrento
ringue de
Las Vegas,
o passado e o
presente colidem.
E somente
um homem
sobreviverá ao
impacto final...



JÁ NA SUA LOCADORA



NUNCA SEM MINHA FILHA

UMA EMOCIONANTE HISTÓRIA REAL! PRISIONEIRA DO MARIDO IRANIANO, UMA JOVEM OCIDENTAL PRECISOU MAIS DO QUE CORAGEM PARA FUGIR, PRECISOU DE UM MILAGRE.

PARIS VIDEO FILMES

UM RELATO ENVOLVENTE E VERTIGINOSO, ONDE AS EMOÇÕES ESTÃO SEMPRE A FLOR DA PELE.

Ilustração: Renata Borges

Como Comprar Um Oscar

Vale tudo na corrida pela estatueta: mimos, mutretas, champanhe gelado, pressão descarada. Basta dinheiro – e informação

Minha amiga Jamie tem um problema sério: ela trabalha como consultora de marketing para cineastas independentes, e um deles meteu na cabeça que tem condições de ser indicado para o Oscar deste ano.

É até possível que o rapaz esteja certo – seu documentário (sobre a resistência da cultura indígena no Novo México) é bonito, bem feito, tem seu charme nesta era politicamente correta, pós *Dança com Lobos*.

O problema é que seu filminho custou 20 mil dólares para ser feito, dura trinta minutos e não foi produzido por estúdio algum.

Jamie tem um plano bastante decente: mandar cópias do documentário em fita cassete para os senhores acadêmicos, acompanhadas por um belo *press release* – e até, quem sabe, se o orçamento der, um mimo singelo, uma pulseirinha navajo, qualquer coisa assim.

Beleza de estratégia – agora, quem são os membros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas? Quantos são, onde moram? Quem tem seus endereços? Quais deles votam na categoria documentário? E quando termina seu prazo para avaliar candidatos?

Para Jamie, obter estas informações é quase tão impossível quanto descobrir a fórmula do xarope da Coca-Cola ou o código dos computadores do Pentágono. Jamie e seu documentarista não têm chance alguma na batalha do Oscar – que, na verdade, é um jogo de cartas marcadas.

Ganhar um Oscar – ou uma indicação, que, muitas vezes, é um negócio ainda melhor - exige tempo, dinheiro e informação. Essencialmente, há que se montar uma campanha – de atenção, de preferência, de convencimento – para implantar nomes e títulos na cabeça dessa poderosa multidão de desmiolados. Quem tem dinheiro compra o tempo e a informação – toda boa empresa de divulgação e relações públicas (e seus equivalentes nos estúdios) tem a lista dos cinco mil acadêmicos, seus respectivos comitês e departamentos.

Os divulgadores do primeiríssimo time vão além – sabem quem são os acadêmicos-chave, aqueles para quem os outros telefonam na hora de pedir opinião sobre em quem votar; sabem os endereços e telefones particulares dessa gente; sabem quem é que tem um fraco por chocolate, quem coleciona vinhos raros, quem adora filmes históricos e quem não suporta dramas.

Um par de dezenas de dólares, mais despesas, compra essa estratégia de primeira linha: os videocassetes enviados para casas e escritórios dos acadêmicos, os cartõezinhos personalizados, as cestas de guloseimas, as garrafas de vinhos finos, as camisetas, suéteres e bolsas promocionais. A Disney é exemplar: os mimos de disneyana – reloginhos, lápis, bloquinhos, bonequinhos – começaram a chegar em novembro, e vão se intensificando em regularidade e luxo até o fechamento das urnas, no início de fevereiro.

Na retaguarda, para pegar até os mais desatentos, vai o chumbo grosso: os anúncios nos jornais especializados – de página inteira, dupla e tripla – "sugerindo" não apenas este ou aquele título ou nome, mas dando idéias precisas – fulano para melhor ator coadjuvante por tal filme assim assim; este ou aquele filme para melhor som, melhor montagem, melhores efeitos especiais.

E entre uma coisa e outra, o toque pessoal – os telefonemas para as casas dos acadêmicos-chave, as cabalas, mutretas e maracutaias diversas (tipo "você vota no meu filme para melhor roteiro que eu voto no seu para melhor diretor"), os votos de cabresto, as lealdades pessoais e profissionais.

Tudo legal, tudo bacana, tudo permitido – a Academia se limita a dizer que "não encoraja" as campanhas, que os filmes devem "preferencialmente" ser vistos num cinema ou cabine (e não no vídeo da casa do acadêmico, talvez degustado com pipoca gourmet ou uma lata de biscoitinhos amanteigados enviados pelos divulgadores.... Também obriga os produtores a exibir seus títulos, em diversos horários e locais, exclusivamente para os membros da Academia (o que não impede o envio de limusines, algumas vezes com o champanhe já no gelo, para apanhar os espectadores mais atarefados – e importantes).

Por isso é que não é preciso ser paranormal para perceber quem tem ou não tem chances no jogo do Oscar – basta ler nas entrelinhas dos anúncios (ou melhor – nas dimensões dos anúncios), nas linhas cruzadas do poder, nas sutilezas das simpatias. Hollywood é uma comunidade de redes, de alianças – e alianças, aqui, se compram e vendem. Em geral, a bom preço.

O que me leva de volta a minha Jamie e suas pulseirinhas navajo. Ela acabou adotando uma estratégia esperta, e mandando seus brindes a TODOS os membros dos sindicatos dos atores, diretores e roteiristas. O raciocínio é correto – entre eles TEM que estar alguns dos cinco mil misteriosos acadêmicos. Muitos vão ficar de fora mas... é uma chance, e um jogo se faz de chances. Vamos ver o que acontece em fevereiro, quando saem as indicações. Até lá, a esperança é a última que morre. Até em Hollywood.

Ana Maria Bahiana

SET

Na próxima edição: quem são os membros da Academia, como são feitas as indicações e por que eles votam como votam.

ROBIN WILLIAMS NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Grande comediante, ele só se tornou um astro com papéis dramáticos como o de *Sociedade dos Poetas Mortos*. Agora, Robin se volta para a fantasia e arrasa simultaneamente em dois papéis: o inocente fabricante de brinquedos de Toys e o gênio do desenho Aladdin

Robin, "discreto" entre a mulher e o diretor Barry Levinson, na première de *Toys*

Como explicar que *Toys* cria todo um mundo de mentira, tão fantástico que só encontra paralelo no universo imaginado nas pinceladas de Magritte?

Onde as pessoas moram em casas de boneca que são desdobráveis como as gravuras em alto-relevo de um livro? Como explicar que o novo lançamento de Barry Levinson está mais para o lírico/siderado de um Terry Gilliam do que para o *Rain Man* que ainda hoje é o principal cartão de visitas do diretor? Como explicar que praticamente todos os elementos em cena são brinquedos transformados em mobília, meio de transporte e prédios?

Robin Williams foi quem melhor conseguiu definir *Toys*: "é Disney conforme Dante." A frase não deixa de ser exagerada e brincalhona, e sem dúvida distorce a percepção que se teria de Toys, o surrealista projeto-quindim do diretor Barry Levinson que era para ter sido sua estréia no leme de uma produção, que acabou levando 12 anos para ser realizado.

Mais difícil é explicar por que deram a Robin Williams o papel de um personagem que filosofa e sofre mais do que faz piadas – mais próximo da melancolia de *Tempo de Despertar* do que do esfuziante disc-jockey de sua parceria anterior com Levinson, *Bom Dia Vietnã*.. Talvez Williams esteja certo: a visão fantasiosa de Levinson é infernal.

Em *Toys,* uma dinastia de construtores de brinquedos sofre um golpe de Estado tramado pelo beligerante general da família e vê sua produção ser toda canalizada para a fabricação de armas de guerra e de videogames cujo único objetivo é treinar a criançada para a luta armada desde cedo.

De um lado do conflito, está a personalidade pacifista mas sonhadora demais para se impor de Leslie (Robin), o que viria a ser o herdeiro nacional da indústria Zevo. Do outro, o General (um Michael Gambon quase irreconhecível para quem se lembra dos filmes de Peter Greenway). Embolados na trama estão o filho do General (o rapper LL Cool J, numa bolação alucinada, já que é o único negro de uma família de brancos), a irmã de Leslie, Alsatia (Joan Cusack, perfeita no papel), e Gwen (Robin Wright), funcionária da fábrica e namoradinha de Leslie.

"O filme tem uma maneira absurda de retratar a realidade", diz Levinson. "Portanto, precisávamos criar um mundo absurdo onde esses personagens iriam morar. É assim, portanto, que uma pessoa usa um chapeuzinho com uma hélice liga-

da ao marca-passo que ele leva no coração só para indicar um mau funcionamento do aparelho. É assim que os Zevo puxam as cortinas de casa para fazer com que o dia vire noite."

Não é um filme fácil. É ingênuo demais para adultos e profundo demais para crianças, o que se traduziu na minguada bilheteria registrada em seus primeiros 17 dias de exibição na América, pouco mais de 18 milhões de dólares. Foi um pesadelo para o executivo que aprovou o orçamento de quase 40 milhões para essa curtição de diretor.

O próprio Levinson admite a dureza de se arrumar financiamento para Toys. "Toda vez que você se propõe a fazer um filme", diz o diretor, "é uma luta. Sempre. Ainda mais quando se trata de um filme que cai fora da norma. Toda hora que você precisa

SEM COMPUTADOR

Sets fantásticos de *Toys* são todos reais

Nos últimos anos, efeitos especiais virou sinônimo de computação gráfica em Hollywood, mas To*ys* retomou o seu significado mais amplo. A maior parte das coisas inverossímeis que se vêem na tela não foi criada na pós-produção, elas aconteciam ao mesmo tempo em que os atores diziam suas falas.

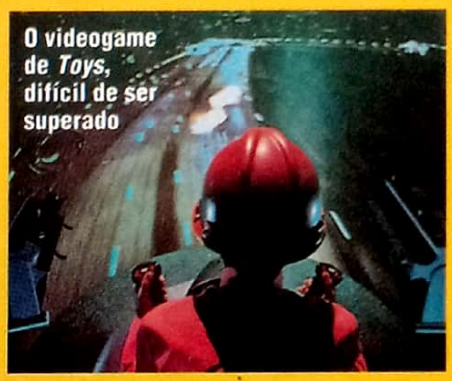
O responsável pelo trabalho foi o veterano Clay Pinney, que, apesar de ter em seu currículo *Uma Cilada para Roger Rabbit*, *Backdraft-Cortina de Fogo*, *Bugsy* e *Star Trek 4*, garante que este foi o projeto mais difícil em que se envolveu.

A linha de montagem da fábrica, com cinco grandes cabeças de três metros de altura que despejam brinquedos, ficou parecendo ser infinita graças a um espelho colocado no fundo do cenário. Durante as filmagens, cada cabeça tinha dentro três pessoas para controlar seus movimentos. As réplicas de cada um dos 24 brinquedos clássicos reproduzidos no filme chegaram a ter nove versões – algumas eram especiais para movimento, outras simplesmente para explosão.

Um dos destaques de *Toys* é a seqüência em que o "Laboratório de Vômito" diminui de tamanho. Tubos de aço, sincronizados e movidos mecanicamente, se encarregaram de movimentar os azulejos de três paredes. Uma idéia simples, mas que custou meses de trabalho até se atingir os movimentos perfeitos.

A Pacific Data Images, encarregada da computação gráfica, ganhou apenas uma recomendação: que as imagens dos videogames não se parecessem com absolutamente nada disponível no mercado – o que, desde já, se tornou um desafio a ser superado pelos próprios fabricantes dos brinquedos.

Vitor Paolozzi



O videogame de *Toys*, difícil de ser superado

Cenário da cidade

A fábrica de brinquedos: espelhos para simular infinito

'vender o peixe' de um filme difícil de se explicar, que não tem como se comparar a um *Duro de Matar* ou a um *Casablanca*, é duro. Você, na verdade, está inventando todo um novo gênero, então esse tipo de problema já é esperado. Mas a idéia de *Toys* sempre me pareceu válida, e por isso perseverei."

Por que tamanho empenho? O visual do filme já seria justificativa suficiente para tanto. É como se Levinson, unido aos talentos do diretor de arte Ferdinando Scarfiotti (o parceiro de Bernardo Bertolucci em *O Último Imperador)* e do diretor de fotografia Adam Greenberg *(O Exterminador do Futuro 2)*, tivesse filmado *Toys* apenas para nos oferecer um festival de imagens plasticamente inebriantes. Mas há, ainda, uma mensagem que Barry espera transmitir.

O tema do filme pode ser resumido nos dizeres "Que a alegria e inocência prevaleçam", esculpidos no túmulo do patriarca dos Zevo – na verdade um elefante esculpido como se estivesse sentado e de cuja tromba saem bolhas de sabão. "Se existe um lado sério no filme", explica Levinson, "é que precisamos proteger as crianças, nutrir a inocência delas e permitir que a imaginação prospere. Se tolhemos essas qualidades, teremos no futuro um adulto sem esperança e sem espírito. Vemos hoje na sociedade atos de violência que não conseguimos compreender, e isso é um resultado do que acabei de explicar."

"O filme é um aviso", continua o diretor, "que era válido 12 anos atrás, quando escrevi o roteiro, e que ainda vale nos dias de hoje. Tanto que a idéia não saiu da minha cabeça esse tempo todo e, enfim, acabamos realizando o filme."

"Cresci colecionando armas de brinquedo", diz Robin Williams, frisando que os vilões de Toys não são os brinquedos, mas, sim, quem os faz e com que intenção. "Mas meu pai, que era militar da Marinha, me explicava as diferenças entre uma arma de brinquedo e o que uma arma de verdade é capaz de fazer. Ele temperava os dois lados."

Ele também critica os videogames. "Eu jogo com meu filho. O perigo que Barry e eu enxergamos nos videogames é que esse tipo de brinquedo é solitário – você não interage com outra pessoa, fica o tempo todo olhando para a tela de um monitor – e não estimula a imaginação, tudo já vem mastigado para você no jogo. Com um brinquedo, digamos, à moda antiga, a criança é levada a criar todo um mundo novo, a inventar."

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

Toys, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Barry Levinson ■ ROTEIRO: Barry Levinson e Valerie Curtin ■ DIREÇÃO DE ARTE: Ferdinando Scarfiotti ■ COORDENADOR DE EFEITOS ESPECIAIS: Clayton Pinney ■ Com Robin Williams, Michael Gambon, Joan Cusak, Robin Wright, Michael Gambon, LL Cool J ■ Fox Films

Aladdin: sétima maior bilheteria de 92 nos EUA e moral adicional para Robin Williams, que imita de Schwarzenegger a Jack Nicholson no papel do Gênio da lâmpada

Fotos: Stills

DESENHO DEMENTE

Williams subverte a estética Disney e consegue um sucesso maior que o de *A Bela e a Fera*

"Fiz como um favor", decreta Robin Williams, falando de sua participação histriônica como a voz do Gênio da Lâmpada em *Aladdin*, o 31º desenho animado em longa-metragem produzido pelos estúdios Disney.

E que favor: no balanço final do ano, *Aladdin* foi a sétima maior bilheteria de 1992 nos Estados Unidos, papou nada menos que 116 milhões de dólares desde sua estréia em novembro, dos quais 32 milhões somente na semana entre Natal e Ano-Novo, um recorde, e grande parte desse sucesso deve-se ao Gênio de Robin. Mesmo que o nome do artista não conste, todo mundo só fala do seu trabalho.

No decorrer do filme, o Gênio – de longe a melhor coisa do filme – dispara piadas com a velocidade de uma metralhadora – os animadores tiveram que suar a camisa para conseguir acompanhar o ritmo vertiginoso das falas de Robin – e troca de "personalidade" num piscar de olhos – ele vira, não exatamente nessa ordem, um mundo de personagens, entre eles Robert De Niro, Jack Nicholson, Arnold Schwarzenegger, Arsenio Hall e Ed Sullivan.

Muito do que está na tela surgiu de improvisos que Robin ia cuspindo durante a gravação das falas constantes no script. "Me deixaram bem à vontade", diz Robin, lembrando, contudo, que algumas partes não passaram pelo crivo "família" da Disney. "Coisas que eles não podiam usar, como, por exemplo, uma fala assim: (*com voz bem sensual*) 'Me esfrega, a hora que quiser' (*risos*). O importante", lá vai ele, improvisando em cima da entrevista, "não é o tamanho da lâmpada, e, sim, o do pavio!"

J.E.R.

David Barry/Reino

À direita, Michelle em seu novo filme, *Love Field*

MICHELLE PFEIFFER

GATA MANHOSA

Tão envolvente quanto retraída, ela é capaz de transformar uma entrevista em tortura pura – ou, aos pouquinhos, em puro deleite

"Estou de férias desde junho", ela ronrona, pondo para trás das orelhas o cabelo dourado, tornado ainda mais áureo pelo sol da manhã de outono que mergulha na sala, filtrado pela cortina de cor creme. "Maio, talvez?", ela corrige, tentando precisar a duração de sua inatividade enquanto forma um bico discreto com os lábios carnudos e arqueia as sobrancelhas. Ela respira fundo, ensaiando um suspiro de enfado.

Michelle Pfeiffer garante que levantou às cinco da madrugada, mas a quase preguiça com que está conversando parece indicar que ela saiu da cama há bem pouco, no meio da manhã, passou rápido sob o chuveiro, maquiou-se levemente, vestiu um conjunto de calça e blaser bege por cima de uma camiseta preta e saiu por aí, para encontrar a imprensa. "É meio que divertido", Michelle prossegue, agora com uma certa impaciência, "e não sei quando tornarei a trabalhar."

O segredo é a alma do negócio, dos mineiros e, pelo que se vê, de Michelle Pfeiffer também. Na manhã em que se declarava oficialmente fora de ação, a história era bem outra: Michelle tinha no mínimo seis projetos novos em andamento que ainda não eram do conhecimento da imprensa, três dos quais ela mesma produz, através de sua própria firma, a Pfeiffer/Guinzburg Pictures, parceria formada com a produtora Kate Guinzburg.

Ela se fez de desentendida e deixou que a conversa tocasse apenas nos pontos desejáveis do momento: seu mais recente trabalho, *Love Field,* filme de época no qual vive uma dona de casa tiete de Jackie Kennedy, que se manda para Dallas ao saber do assassinato do presidente americano e vê seu mundo virar pelo avesso no momento em que sua jornada se entrelaça com a de um desconhecido inicialmente misterioso. A produção que, aliás, ficou na gaveta por dezoito meses acumulando poeira e agora marca o glorioso renascimento da Orion Pictures, após agonizantes batalhas da empresa independente contra a insolvência financeira. O outro assunto é *Age of Innocence,* também de época, mas passado na virada do século, em Nova York, co-estrelado por Daniel Day-Lewis e Winona Rider, dirigido por Martin Scorsese, e, como *Love Field,* mas por razões outras, de lançamento adiado por mais de uma ano. Por último, a possibilidade de Michelle concorrer contra ela mesma quando saírem as indicações para o Oscar – depois de já ter sido indicada para o prêmio de Melhor Atriz em duas ocasiões, por *Susie e os Baker Boys* e *Ligações Perigosas* –, já que são dela dois dos melhores papéis femininos do ano: ou você já esqueceu a faiscante e sombria Mulher-Gato de *Batman, o Retorno*?

O que ficou de fora do papo e o que foi "esquecido" pela estrela: *Higgins and Beech,* com orçamento de 36 milhões de dólares, script e produção de Nora Ephron e Richard Gere como protagonista masculino, sobre o romance verdadeiro de dois correspondentes americanos em ação na Coréia, Marguerite Iliggins (Pfeiffer) e Keyes Decol (Gere), ambos ganhadores do prêmio Pulitzer; *1000 Acres,* co-produzido por Michelle e Jessica Lange, com base no romance homônimo (e ganhador do Pulitzer – haverá aqui um padrão?), escrito por Jane Smiley, e que conta a história de três irmãs (quem será a terceira?) e o pai numa fazenda do Iowa, em 1979; *Dear Digby,* uma produção Pfeiffer/Guinzburg que mostra a vida da editora da

"Basta almoçar com alguém que já dizem que

seção de cartas de uma revista feminina e feminista (Michelle ainda não decidiu se pega para si a personagem principal); *Georgia O'Keefe,* cinebiobiografia que concentra a ação no romance mantido entre a pintora americana e o fotógrafo Alfred Stieglitz, também da Pfeiffer/Guinzburg; *Just People,* cujo tema gira em torno da Aids; *Tabloid,* uma comédia a respeito do relacionamento da repórter de um tablóide de fofocas com uma das estrelas mais mas-

você está noiva!" (sobre seu "amigo" Eric Clapton)

Porta-retrato da diva: o rosto desconhecido nos tempos do sabonete Lux; a cocainômana de *Scarface;* encantando a platéia com sua voz (e não só) em *Susie e os Baker Boys*; ronronando para o homem-morcego em *Batman, o Retorno*; e como a dona de casa que mantém um romance interracial nos anos 60, no seu novo filme *Love Field*

sacradas nas páginas da tal publicação. No filme, Pfeiffer contracena com Cher (não foi dito quem fica com que papel); *Mavis Keates,* tão envolto em segredo que nada se descobre a respeito do filme, senão o título.

Ou seja, de férias ela não estava coisíssima alguma. Na verdade, Michelle Pfeiffer é uma das três atrizes mais requisitadas por Hollywood entre as que recebem os melhores scripts em primeiro lugar, a quem é dado o tão desejado direito de primeira escolha. Mas o mundo não precisa saber disso, não é verdade? Pelos menos por enquanto. Talvez daqui a pouco. Aos pouquinhos. Na hora certa. Não se brinca com palavras – menos ainda quando elas podem aparecer publicadas num jornal ou numa revista.

Afinal, Pfeiffer não é nenhuma novata no jogo de gato (no caso, gata) e rato montado pela imprensa de fofoca. A armadura que formou em torno de si é apropriada e compreensível. "Já me acostumei a esse processo", ela admite com certa resignação, "mas me tornei mais egoísta no que diz respeito ao meu tempo pessoal e fiquei mais seletiva em relação a meus amigos."

Falando à imprensa, Pfeiffer é precisa e econômica – sobretudo, eficiente. Sabe como percorrer campos minados – diante de uma pergunta sobre sua separação de Fisher Stevens, pretensamente depois de ter flagrado o namorado nos braços de uma *starlet* adolescente na Flórida, um imbróglio fartamente noticiado pela imprensa. Michelle recorre à filosofia, com um genérico "nem todos os relacionamentos foram feitos para durar para sempre. Quando há um rompimento, acham que deve ter havido alguma razão terrível para aquilo, alguma anormalidade; mas a verdade é que poucas pessoas na sua vida são irmãos de alma que ficam a seu lado a vida inteira". Na hora em que o nome de um novo provável namorado vem à tona, ela se desvencilha com igual desembaraço. "Eric Clapton? Meu Deus, basta fazer uma refeição com a pessoa que já vão dizendo que você está de noivado!"

Desfaz mal-entendidos em dois tempos – depois de ter dito que em *Love Field* ela havia sido "produtora por negligência (de quem de direito)", Michelle se apressa para explicar que não é a produtora do filme. "*Love Field* foi um filme muito difícil de se fazer", ela explica, "muita gente achava que não fosse 'comercial'. A Orion apostou nele. Houve momentos em que surgiram problemas e era preciso eu pegar no telefone e gritar com alguém (*para resolvê-los*). Isso é produzir, não é? (*risos*)" – e joga uma ducha de água gelada por cima de qualquer possibilidade de controvérsia. Ela refuta a noção de que teria ocorrido uma disputa acirrada pelo papel de Mulher-Gato depois que Annette Bening, a primeira escolha do diretor Tim Burton, preferiu a gravidez ao papel e pulou fora do barco. "Existe um número pequeno de bons papéis para mulheres no cinema", ela argumenta, "e o de Mulher-Gato foi apenas tão disputado quanto qualquer outro papel. Por alguma razão, a mídia

"Love Field não trata de relações raciais. Ele mostra pessoas que cruzam barreiras sexuais, raciais e sociais"

Fotos Orion

Com Dennis Haybert em *Love Field*, o qual pode lhe dar uma indicação para o Oscar e tirar a Orion do buraco financeiro

inventou uma competição entre atrizes que realmente não aconteceu." Provavelmente pensam diferente as atrizes que perderam o papel. Como Sean Young.

Michelle aproveita a ocasião para igualmente desanuviar as suspeitas de que Denzel Washington, seu par inicial em *Love Field*, teria abandonado o filme em meio a um intenso desentendimento com Pfeiffer e com o diretor Jonathan Kaplan. "Desde o início ele não queria fazer o filme", Michelle contemporiza, "tentamos convencê-lo, mas, no fim das contas, não conseguimos."

Desagrada-lhe, também, o que ela considera equívoco de interpretação, "*Love Field* não é um filme a respeito de relações raciais", ela enfatiza, disposta a disassociar o lançamento de qualquer conotação política que possa ser provocada pelo fato de os protagonistas serem uma branca e um negro (Paul, vivido por Dennis Haybert, visto pela última vez no beligerante e fracassado *Navy Seals*).

"É verdade que o conteúdo racial seja *um* dos elementos do filme, mas o que ele nos mostra são pessoas que cruzam barreiras, sejam elas sexuais, raciais ou sociais. Mas, se esse filme pode oferecer algo de positivo à comunidade, é que Lurene, minha personagem, demonstra um sentimento de esperança, de fé na verdade. No mundo de hoje, tão desprovido de esperança, é o tipo de coisa que faz falta."

Quando de fato deixa-se falar, Michelle escolhe terrenos neutros, como o trabalho. "Gosto de todo o processo de desenvolvimento de um filme", ela diz, a propósito do nascimento de sua firma produtora, "de pegar uma idéia e vê-la tomar corpo através de sua colaboração com um roteirista. É estimulante, é quase como ter um filho. Mas também é um processo frustrante porque demora tanto para se realizar um filme e para que o projeto fique do jeito que você quer."

Oferece uma visão rápida de seus mecanismos internos apenas quando, no final da entrevista, lista seus filmes favoritos. "O primeiro filme que vi não lembro qual foi, mas recentemente vi *O Mágico de Oz* pela primeira vez numa tela grande de cinema, no Cinerama Dome, em Hollywood", ela lembra, empolgada. "Dava para ver as sardas de Judy Garland (*risos*). Toda vez que vejo esse filme me comovo. Digamos, então, que esse seria meu favorito, junto com *The Bad Seed*, eram os que mais gostava quando era criança (*risos*). Não sei qual seria o significado disso, mas lembro que *The Bad Seed* teve um grande efeito sobre mim."

Aí, então, ronrona com doce enfado, despede-se e dá as costas com o mesmo entusiasmo de quem acabou de visitar o consultório do dentista.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

U.B.C

apresenta

Momentos inesquecíveis!
Músicas Fascinantes...

Filme em Desenho Animado
Narrado e Apresentado por ANGÉLICA

Um
Grandioso Clássico
da Literatura Infantil

Um
Vídeo para Adultos
e Crianças

ANGÉLICA E O MÁGICO DE OZ

Apoio

REDE MANCHETE

UM LANÇAMENTO
WILSON RODRIGUES

Apoio
BLOCH EDITORES S.A.

Maurício Mattar Flávia Monteiro
Heitor Gaiotti

O GATO DE BOTAS EXTRATERRESTRE

Carmen Silva Felipe levy Tony Tornado Nenna Camargo Wilson Rodrigues

Atriz Convidada
Zezé Motta

Atores Convidados
Jofre Soares José Mojica Marins

Participação Especial
Tônia Carrero

DIREÇÃO E PRODUÇÃO EXECUTIVA WILSON RODRIGUES
ROTEIRO RUBENS F. LUCCHETTI ARGUMENTO IRMÃOS GRIMM DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA HENRÍQUE BORGES
MAQUIAGEM CECÍLIO GEGLIOTTI MONTAGEM WALTER WANNY FIGURINOS MARTA MEDEIROS
DIREÇÃO DE ARTE / CENAS CONTEMPORÂNEAS CAMPELLO NETO
MAQUIAGENS ESPECIAIS
BURMAN STUDIOS INC.
HOLLYWOOD USA
OFTALMOLOGISTA RESPONSÁVEL
EFEITOS VISUAIS "OLHOS DO GATO"
DR. D. WES WHEADON
WEST HOLLYWOOD - CALIFORNIA USA

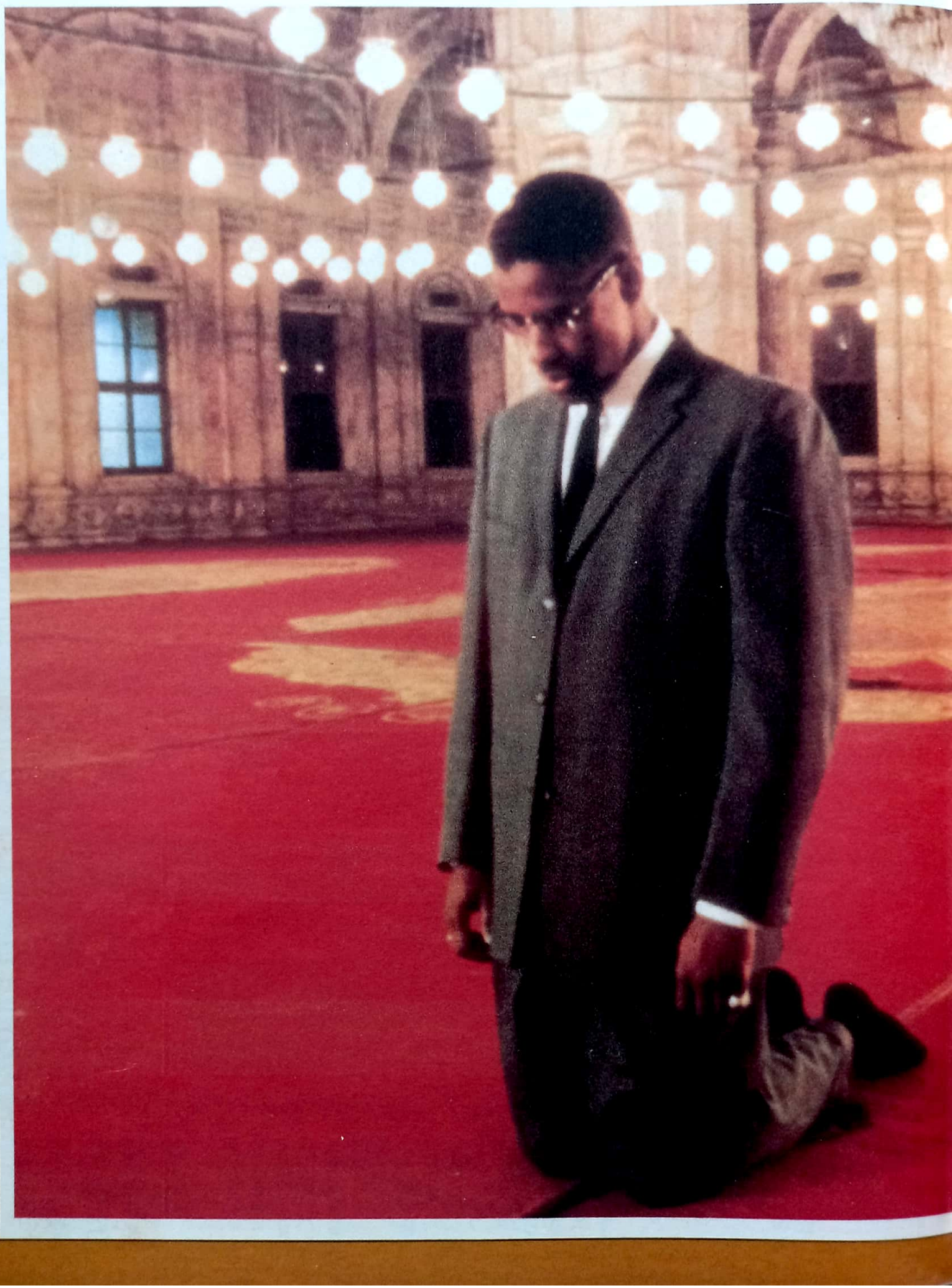
TENHA ESTES SUCESSOS DE VÍDEO EM SUA CASA

Entregamos em qualquer lugar do Brasil via SEDEX, e você só paga ao receber a(s) fita(s), ou através de cartão de crédito.

PREÇO DE CADA FITA: o equivalente a US$ 30.00 (trinta dolares), incluso despesas de frete.

PEDIDOS POR TELEFONE 24 Hs POR DIA LIGUE:
(011) 1406

UBC
União Brasileira de Cinema Ltda.



A Aura Polêmica de *Malcolm X*

Antes e depois de estrear nos EUA, a cinebiografia do ativista negro causou um furacão de controvérsias. Em março, os brasileiros finalmente poderão saber por que o filme de Spike Lee foi tão atacado e louvado

Fox

"Se, de fato, a indústria cinematográfica é uma entidade tão inescrupulosa como implica o diretor, se ele não a respeita ou a ela não dá valor, por que depender do dinheiro dela? Para depois difamá-la porque seus métodos são diferentes dos dele.

Não tiro do diretor o aplauso que ele merece, bem como as premiações. Meu pedido é que ele simplesmente, no momento em que se curva em agradecimento pelos elogios – esguichando 'eu, eu, eu'–, agradeça também aos antecessores que abriram o caminho para ele. Também, que saiba da presença e da continuidade do trabalho dos que antecederam a entrada dele no projeto."

As palavras duras são de Attalah Shabazz, filha de Malcolm X, e foram publicadas na primeira semana de 1993 nas páginas de comentários dos principais jornais americanos. O diretor a que ela se refere, claro, é Spike Lee, cuja cinebiografia do pai de Attalah chegava, então, à metade do segundo mês de exibição nos EUA, com uma respeitável renda de quase 45 milhões de dólares.

Não era a primeira vez que o filme despertava controvérsia – o próprio Spike se encarregou de protagonizar alguns momentos memoráveis, como na vez em que "sugeriu" que todos os repórteres a visitar o set de filmagem fossem negros "de preferência". Ou quando conclamou crianças a matar aula e adultos a faltar ao trabalho para lotar os cinemas no dia de estréia do filme. E também quando, espertamente, Lee ralhou em público contra uma suposta mão-fechada da Warner Bros., irredutível na recusa de adicionar mais grana no estourado orçamento de 28 milhões de dólares, o que provocou uma intensa movimentação de canetas e talões de cheques entre celebridades do quilate de Magic Johnson, Prince e Janet Jackson, e rendeu ao cineasta os oito milhões que necessitava.

Até no Brasil criou-se um pretenso boicote cultural ao filme e ao diretor, quando a verdade é que ninguém se interessara pelos direitos de exibição a ponto de contatar a distribuidora que detém o filme internacionalmente, a Largo Entertainment.

Mas o texto de Attalah marcou a primeira verdadeira confrontação a Spike Lee, até ali autoproclamado pai artístico supremo e incontestável da criança de celulóide. Mais importante de ser notado, a confrontação partia de dentro do núcleo central dos herdeiros do legado de Malcolm X, e o descontentamento com Lee, emudecido até ali e sugerido apenas nas entrelinhas, veio à tona em toda sua extensão. Attalah gastou o espaço necessário para especificar a verdadeira "paternidade" do filme, caso

Fox

SPIKE LEE

Justiceir Solitário

O cineasta tomou para si a herança militante de Malcolm X – tanto para fazer justiça, como para fazer dinheiro

esta tivesse passado em branco: em 1967, o produtor Marvin Worth, amigo pessoal e parceiro no ativismo de Malcolm X desde a juventude, comprou os direitos da biografia do amigo, escrita por Alex Haley. Ao também escritor James Baldwin foi encomendado um roteiro de filme com base no livro, concluído apenas dois anos mais tarde com a ajuda de Arnold Perl. Vinte anos mais tarde, o diretor Norman Jewison (*Feitiço da Lua*) e o roteirista Charles Fuller se ligaram ao desenvolvimento do projeto, junto a Worth. Conforme a lembrança de Attalah, a chegada de Jewison foi "entusiasmante. Ele me pareceu genuíno, sincero e ético".

Acima, o casamento de Malcolm no filme; ao lado e abaixo, a mulher Betty Shabazz e a filha Attalah, nos anos 60 e hoje

David Lee

Mas o filme não seria de Norman por muito tempo. Spike Lee soube da produção e de imediato iniciou uma campanha de descrédito de Jewison, bom de cinema mas, afinal, um branco que não teria, no entender de Spike, a menor "credibilidade" ou a menor "sensibilidade", nem mesmo "direito" para filmar a vida de Malcolm X. Em pouco tempo Jewison foi ejetado e Spike assumiu os controles. Na marra.

É assim que Attalah recorda a entrada em cena de Spike. "Sem mais nem menos, veio a repentina campanha carreirista do atual diretor *(em seu texto, ela nunca se refere a Lee pelo nome)* sem consulta prévia alguma aos sócios do projeto, já em andamento por longo tempo, nem aos detentores dos direitos do filme. Como se fosse uma nova e jovem folha verde de uma árvore, bem-vinda mas resistente ao protocolo e ao respeito. Ser negro bastaria para qualificar alguém? E quanto ao caráter?".

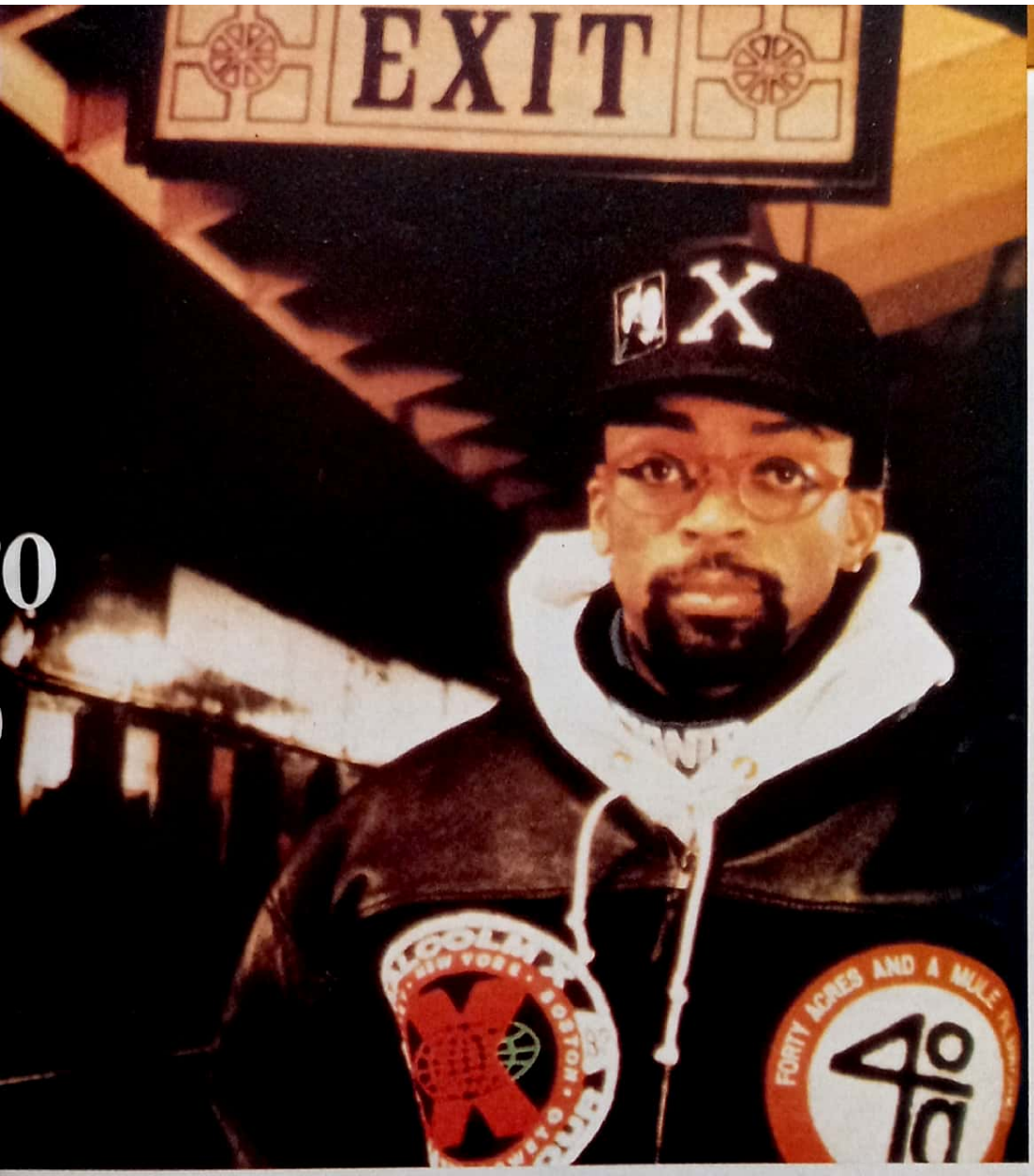
A dra. Betty Shabazz, viúva de Malcolm e mãe de Attalah, admitiu, semanas antes do lançamento do filme, que Lee havia pedido que ela revisasse o script antes das filmagens. "Escrevi um adendo a cada página do roteiro", explica Betty. "Fui indicando: isso aqui não aconteceu, isso aconteceu, Malcolm não disse isso, ele jamais falaria comigo dessa maneira, eu jamais usaria esse tom de voz com meu

Parece ser tarefa das mais ingratas realizar um filme sobre um personagem tão complexo quanto Malcolm X. Você sentiu pressões vindas de lados diferentes para que o filme se conformasse a essa ou àquela visão?

Nenhum cineasta do mundo seria capaz de fazer um filme sobre Malcolm X que agradasse igualmente a todos. Com cada pessoa que você conversar, vai encontrar um ponto de vista diferente em relação a Malcolm. Desde o início, compreendemos que seria impossível agradar a todos.

Um dos pontos levantados no filme é a autoria do assassinato de Malcolm. Não se fala, contudo, no que aconteceu com os assassinos. Onde foram parar?

Não foi feita justiça, no caso, porque eram cinco assassinos e apenas um foi para a cadeia – e, mesmo ele, foi solto recentemente, depois de ter ficado encarcerado por vinte anos. Hoje, mora a menos de dois quilômetros da casa da dra. Betty Shabazz. Quanto à autoria do crime, meu entender é



que ele foi praticado pela Nation of Islam. Todos os assassinos faziam parte do Tempo 25, que ficava em Newark, Nova Jersey.

A Nation of Islam era gerida como se fosse uma organização militar, então acho inconcebível que alguém agisse por conta própria. Não que a ordem tenha partido do próprio Elijah Muhammad, mas veio lá do alto. Também acredito que houve participação da CIA e do FBI, porque Malcolm estava sendo investigado 24 horas por dia, os telefones dele estavam grampeados. Na semana anterior, a casa dele havia sido bombardeada. Todos sabiam que a vida dele estava em perigo. No mínimo, as autoridades se fizeram de desentendidas e deixaram que tudo acontecesse.

Nos créditos do filme, a autoria do roteiro é atribuída apenas a Arnold Perl e a Spike Lee. Não é mencionado o nome de James Baldwin, autor de um dos primeiros roteiros para esse filme. Por quê?

É fácil esclarecer isso. Foram escritos muitos scripts diferentes. Quando o projeto chegou a mim, eu tinha duas opções: poderia começar do zero ou escolher o melhor dos scripts, e reescrevê-lo. O melhor deles era o de Arnold Perl e James Baldwin, ambos falecidos.

A irmã e a administradora do espólio de James Baldwin, Gloria, foi quem fez um requerimento ao sindicato dos escritores americanos, o Writer's Guild of America, pedindo que o nome dele fosse retirado dos créditos. Ela acreditava que, pelo fato de o roteiro atual não obedecer palavra por palavra ao que ele havia escrito, o roteiro não mais seria o trabalho dele. Tentamos dissuadi-la, argumentando que agindo assim ela estaria prestando um desserviço a Baldwin.

Muito se falou do merchandising agressivo ligado ao lançamento de *Malcolm X*. Mas, por que você se interessa tanto com esse aspecto do lançamento de um filme? É apenas para ganhar mais dinheiro?

Sempre fui fanático por camisetas, desde o ginásio. Quando estudava cinema, passei a criar e vender camisetas em frente ao Cinema Studio, onde estava passando *She's Gotta Have It*, e vendia a camiseta do filme.

Com o fenômeno Malcolm X, surgiram muitos produtos ligados ao nome dele, mas a palavra final é sempre da dra. Betty Shabazz, porque ela é quem detém os direitos, é ela quem diz "sim" ou "não". Pessoalmente, não vejo nada demais em licenciamento de camisetas com o nome de Malcolm. Mas ouvi falar de batatas fritas Malcolm X (*risos*). Aí já é demais.

Você concorda com o que ele dizia? Ou discorda de alguma coisa?

Ao invés de escolher isso ou aquilo, deveríamos enxergar Malcolm como um todo. Ele disse certas coisas, mas era sincero. Houve, de fato, um momento na vida dele em que se sentiu daquela maneira em relação aos brancos.

Mas, se você for ler sua autobiografia, vai ver que ele se arrependeu de ter maltratado aquela jovem universitária branca (*a cena está no filme, em que a universitária oferece seu apoio a Malcolm e ele a rechaça bruscamente*). No livro, ele diz que se aquilo acontecesse de novo, se a menina novamente perguntasse a ele o que poderia fazer para ajudar a causa de Malcolm, diria que ela deveria ensinar aos pais e aos filhos dela a não odiar.

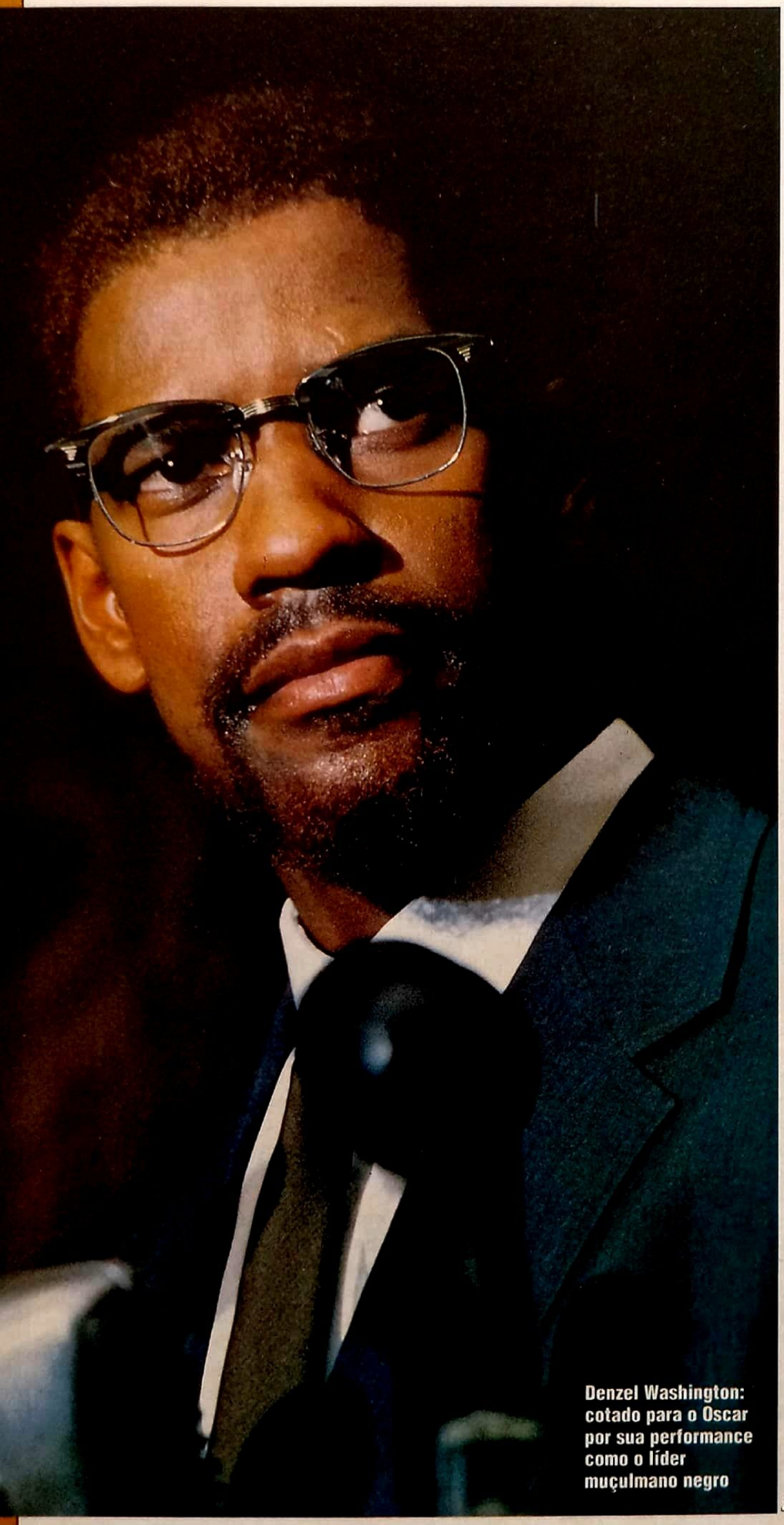
As palavras de Malcolm X têm chance de ser melhor recebidas nos dias de hoje do que quando ele estava vivo?

As pessoas vão aceitá-lo agora muito melhor do que antes. Quando ele era vivo, a mídia só queria martelar uma única imagem: a do homem raivoso, para quem todos os brancos eram diabos. Está bem, mas Malcolm X não era só isso. Com o filme esperamos levar o público a uma jornada em que se veja todos os caminhos que o levaram a ser como era.

A vida para a comunidade negra melhorou por causa de Malcolm X?

As pessoas podem pensar assim por causa do sucesso de alguns poucos negros bem afortunados, como Denzel e eu, Arsenio Hall, Magic Johnson, Oprah Winfrey, Bill Cosby. Podem achar que tudo está muito bem para 35 milhões de afro-americanos desse país, mas isso não é verdade porque os negros estão mais pobres do que antigamente. Ou seja, a coisa está pior.

J.E.R.



Denzel Washington: cotado para o Oscar por sua performance como o líder muçulmano negro

Fox

marido. Quando terminei, mandei para Spike."

Mas Spike seguiu as recomendações da viúva? "Algumas", ela diz rindo. "Você precisa compreender que muita gente quis ser dona de Malcolm, quis interpretá-lo a sua maneira. E eu acho que ele era um homem muito complexo. Você pode colocar uma centena de pessoas numa sala e pedir que cada uma dê sua interpretação de Malcolm, e você terá cem diferentes interpretações – para cada uma delas, Malcolm será a parte dele que mais lhe diz respeito, que mais lhe toca."

Spike e a família Shabazz se chocaram também por causa do merchandising farto e agressivo promovido pela griffe do diretor, uma campanha de vendas que popularizou internacionalmente camisetas e bonés com o X, que também serve de logomarca para uma certa "Rainha dos Baixinhos".

Antes que Betty contratasse um advogado, ela não estava recebendo um tostão dos rendimentos das lojas de Spike. "Todo mundo achava que a família estava recebendo todo o dinheiro", espanta-se Betty, "quando, na verdade, agora estamos recebendo apenas 5 ou 10%, e só por causa do trabalho do advogado."

Que não fique a impressão de que a família de Malcolm seria *contra* o filme. Os mecanismos que levaram à realização de *Malcolm X* podem desagradar os herdeiros, mas ainda assim eles acham importante que as palavras do líder assassinado sejam trazidas à frente do mundo, especialmente agora.

"Uma das coisas que meu pai sempre disse", arrematou Attalah antes de ter escrito seu texto corrosivo, numa entrevista dada ao lado da mãe, "é que uma das principais ferramentas do opressor sempre será a mente dos oprimidos. Quanto mais informação as pessoas têm, menos podem ser controladas. É nossa responsabilidade, portanto, conhecer tudo a nosso respeito. O que esse filme pode fazer é expandir a informação e o conhecimento de um ser humano que muitos só conhecem de documentário. Daí veremos se o que Malcolm X falava se aplica aos dias de hoje. E ele estava se referindo a todos, não apenas a um grupo de pessoas. O enfoque dele é global, é humanista."

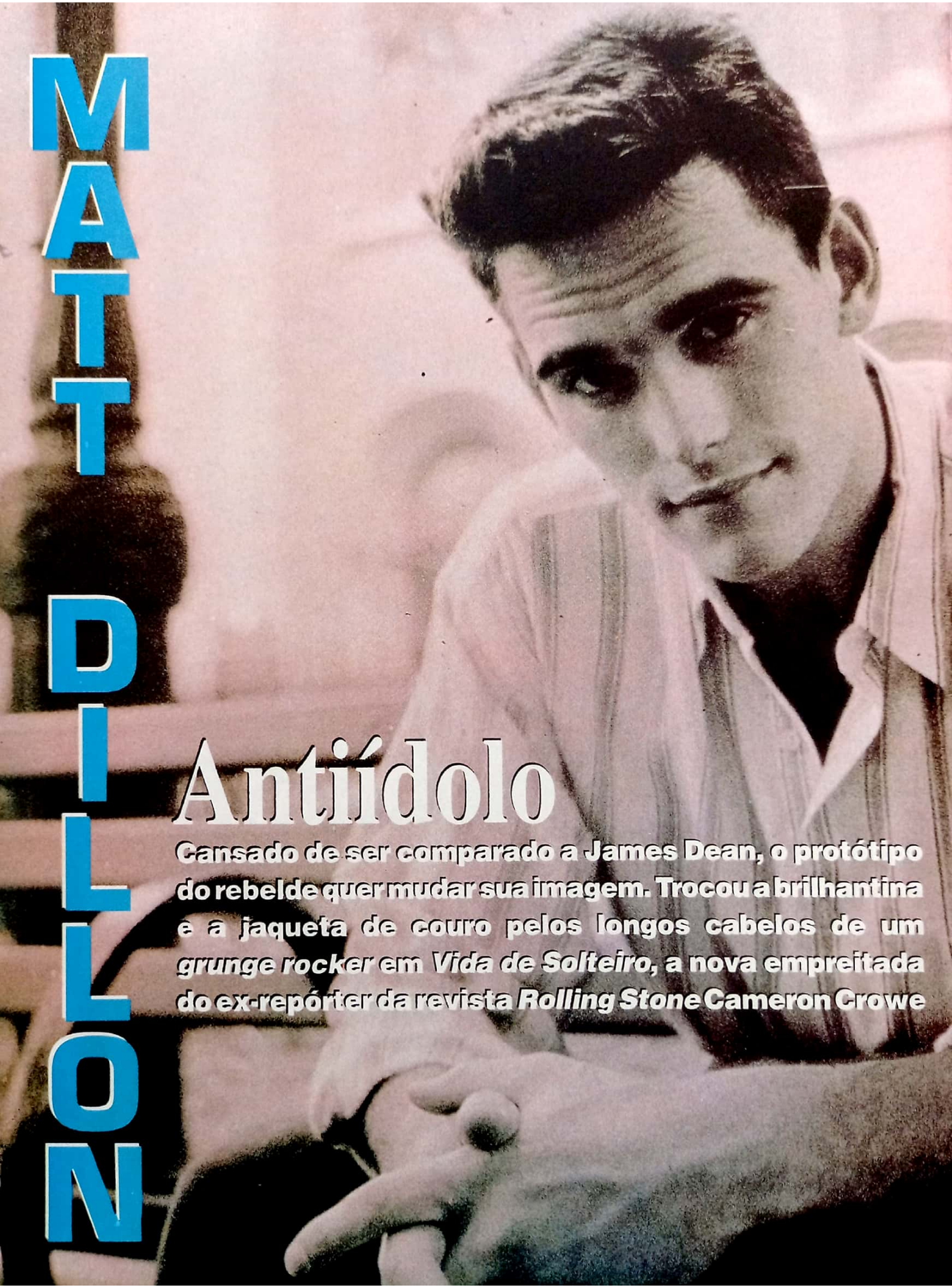
José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

Malcolm X, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Spike Lee ■ ROTEIRO: Arnold Pearl e Spike Lee, baseado em *The Autobiography of Malcolm X*, de Alex Haley ■ FIGURINO: Wynn Thomas ■ MÚSICA: Terence Blanchard ■ Com Denzel Washington, Angela Bassett, Albert Hall, Al Freeman Jr., Theresa Randle ■ Fox Films

UMA COMÉDIA COMO NINGUÉM "VIU" ANTES!

WARNER HOME VIDEO



MATT DILLON

Antiídolo

Cansado de ser comparado a James Dean, o protótipo do rebelde quer mudar sua imagem. Trocou a brilhantina e a jaqueta de couro pelos longos cabelos de um *grunge rocker* em *Vida de Solteiro*, a nova empreitada do ex-repórter da revista *Rolling Stone* Cameron Crowe

RETNA

Em pelo menos metade dos 17 filmes que fez até hoje, Matt Dillon foi o menino mau, o anti-herói pensativo, durão e bonito que conquista todas as garotas. Agora, aos 28 anos, ele não quer mais ser comparado a James Dean. Por isso, trocou a jaqueta de couro por uma camiseta laranja de batik e a brilhantina no cabelo por um cavanhaque e uma peruca comprida até os ombros. Calma meninas! Não, ele não virou hippie nem aderiu a nenhuma seita estranha. É que no seu novo filme, *Vida de Solteiro* (de Cameron Crowe), Dillon vive Cliff Poncier, líder de uma banda de rock que espera ser famoso enquanto trabalha no balcão de um café.

Quando Dillon foi descoberto por caçadores de talentos, aos 14 anos, matando aula na sua escola, era perfeito para o papel do rebelde Richie White de *Over the Edge* (79). Aliás, Dillon – que nunca tinha pensado em ser ator – só aceitou fazer o adolescente rebelde do seu primeiro filme porque era muito parecido com o personagem.

Na época, ele costumava andar com os piores elementos da escola, e também gostava de cultivar a imagem de durão, embora no fundo fosse um bom menino. "Matt sempre usava a gola de sua jaqueta jeans virada para cima e tinha um enorme pastor alemão negro", conta um colega de classe. "Mas não batia nas pessoas, como faziam os seus amigos."

STILLS

Cast de *Vida de Solteiro*

Seu segundo filme foi a comédia *Queridinhas* (*Little Darlings*, 80) – em que ele aparece por quinze minutos –, transformando o jovem ator num clamoroso sucesso para o público feminino. (Talvez porque ele passa esses longos quinze minutos só de cuecas). Começou, a partir dessa performance seminua, a receber 7.000 cartas de fãs por semana.

Mas isso não o impressionou. "O motivo por que eu queria fazer filmes não era ficar famoso, nem enriquecer, nem conhecer garotas – e sim fazer filmes e representar, só isso. Não gosto dos termos ídolo, *heart-throb* (*queridinho*) e bonitão."

Na opinião de alguns diretores, foi isso que salvou a carreira de Dillon, e fez com que ele fosse respeitado como um ator sério. "Matt Dillon é um dos poucos atores que sempre esteve mais interessado em fazer bons filmes do que aparecer em capas de revistas", diz Garry Marshall que o dirigiu em *The Flamingo Kid* (84).

Talvez por isso também, nenhum de seus filmes tenha feito um sucesso estrondoso nas bilheterias, como aconteceu com Tom Cruise, Rob Lowe e outros atores da geração *brat-pack*. Orientado pelo seu empresário e "descobridor", Vic Ramos, Dillon sempre procurou evitar projetos "comerciais", ficando às vezes grandes períodos sem atuar.

Só não conseguia fugir do papel de menino rebelde. Ele foi Moody, o durão da escola em *Cuidado com meu Guarda-Costas* (80), Dallas Winston, o mais revoltado de um grupo de adolescentes pobres em *Vidas Sem Rumo* (com os *brat-packers* Tom Cruise, Ralph Macchio, Rob Lowe, Patrick Swayze e Emílio Esteves – 83) e Rusty-James, o irmão do motoqueiro Mickey Rourke em *O Selvagem da Motocicleta* (83).

O "problema" era a sua aparência. À primeira vista, Matt Dillon passa a sensação de ser o machão perfeito para esses filmes: ele *parece* durão e pensativo, e é realmente bonito. Mas depois que alguém ganha sua confiança, percebe que por trás dessa fachada Dillon pode ser divertido e engraçado. E que, ao contrário dos seus tempos de escola, não gosta mais de imitar na vida real o que representava na tela.

Ele conta que os "períodos loucos" na sua vida, de ficar acordado até as quatro da manhã "procurando encrenca" acabaram. "Todo mundo nessa profissão passa por um período como esse", justifica. E diz que raramente bebe, parou de fumar e prefere ficar em casa ou ir a um bar de blues a freqüentar lugares da moda. É tímido e odeia entrevistas – uma vez disse a um repórter da *Newsweek* que responder a perguntas era "mais ou menos como ser es-

O guitarrista gente boa Dillon com a namorada, a gostosa garçonete Bridget Fonda

magado" –, mas no set de filmagem se sente perfeitamente à vontade.

"Eu acho Matt bem engraçado", diz Bridget Fonda, sua namorada em *Vida de Solteiro,* "mas ele não sabe o quanto é". Talvez saiba. Dillon exercitou esse seu senso de humor pela primeira vez em *The Flamingo Kid*, uma comédia sobre o filho de um encanador do Brooklyn que trabalha num elegante Beach Club, em 1963. Uma fina ironia também aparece em *Drugstore Cowboy* (89), uma produção independente, despretenciosa e sucesso de crítica. O papel de um dependente de drogas que assalta farmácias, onde consegue ser sedutor, engraçado, inteligente, irônico e comovente ao mesmo tempo, impulsionou sua carreira.

Apesar de ser medíocre e de ter sido massacrado pela crítica, em *Um Beijo Antes de Morrer*, Dillon consegue cativar o público no papel de Jonathan Corliss, o charmoso yuppie assassino que se insinua na família de um magnata namorando suas duas filhas gêmeas. "Nesse papel, Matt cria meia dúzia de personagens", explica o diretor James Dearden. "Ele é o genro dedicado, é o amante ideal, é o frio assassino e o menininho da mamãe." "Você quer gostar do personagem de Matt apesar dele ser um assassino", explica Sean Young, que faz as gêmeas ricas. Jonathan Corliss, embora mau e desequilibrado, não é adolescente, nem rebelde. E pela primeira vez, como diz o próprio Dillon, "chego a usar dois ternos diferentes".

Finalmente, em *Vida de Solteiro*, Dillon não só se livra de vez do estereótipo de durão bonitinho – embora não tenha conseguido ficar completamente feio com os cabelos longos e desgrenhados –, como mostra emoções muito diferentes dos trabalhos anteriores. O filme conta a história de um grupo de jovens de vinte e poucos anos e de seus encontros e desencontros amorosos.

"É sobre como as pessoas realmente são", explica Dillon. "É uma briga de gato e rato. Joguinhos de sedução num relacionamento. Estar mais apaixonado por alguém do que ele por você. Sentir falta de alguém. Ser magoado, magoar alguém. Tudo isso é bem universal. Tem um monte de coisas aqui que ninguém colocou num filme antes, pequenas coisas."

Quando perguntam se ele também já viveu algumas dessas pequenas coisas, Matt Dillon quase se ofende. "A sua vida não muda tanto assim porque você é famoso. Não é verdade que eu posso ter qualquer mulher. É uma questão de sorte, como qualquer outra coisa."

Silvia Dale

VIDA DE SOLTEIRO

Rebeldes com Causa

Dificuldades amorosas ao som do rock anos 90 de Seattle

Aviso aos navegantes: ao contrário do que possa parecer e do que a mídia possa ter dado a entender, *Vida de Solteiro* não é um filme sobre a cena de rock de Seattle!

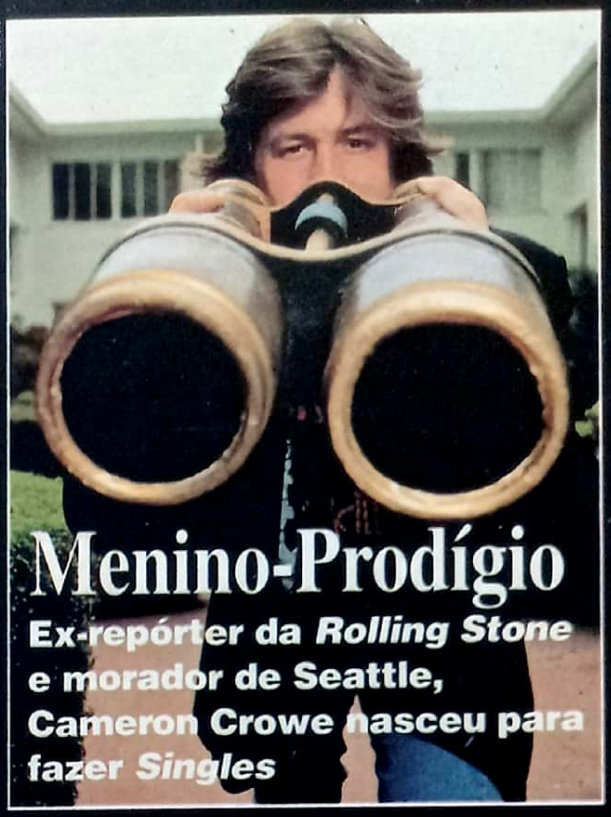
O roteirista e diretor Cameron Crowe pode ter utilizado como extras integrantes de algumas das bandas de rock mais célebres daquela região, Pearl Jam e Soundgarden, e ter recheado a trilha sonora com o repertório dessas bandas ("Touch Me I'm Sick", do Mudhoney, virou "Touch Me I'm Dick", para melhor servir à banda do filme, Citizen Dick). Pode ter concentrado toda a ação na meca do *grunge rock*, e vestido os atores com roupas que pertencem aos próprios músicos (a indumentária de Matt Dillon saiu direto do armário do baixista Jeff Amment, do Pearl Jam), mas o tema de *Singles* é sobre a dificuldade humana de se estabelecer relacionamentos amorosos significativos numa idade em que a auto-segurança e a auto-estima são sentimentos com os quais a juventude só toma contato através de livros.

Como em todos seus trabalhos, principalmente a roteirização por ele mesmo de seu livro *Fast Times at Ridgemont High*, que virou *Picardias Juvenis* pelas mãos de Amy Heckerling, Crowe explora seus personagens com carinho e conhecimento de causa: o guitarrista troglodita, mas no fundo gente boa, Cliff (Dillon), a garçonete que o ama (Bridget Fonda), e o casal relutante formado pelo engenheiro civil (Campbell Scott) e a arquiteta (Sheila Kelley).

Enquanto John Hughes (*Clube dos Cinco* e *Curtindo a Vida Adoidado*) tenta vender ao mundo juvenília angustiada em massa, Crowe entende do riscado, e nos dá o produto verdadeiro, ainda um pouco mais maduro.

José Emilio Rondeau

Singles, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Cameron Crowe ■ Com Matt Dillon, Bridget Fonda, Campbell Scott, Sheila Kelley ■ Warner



RETNA

Menino-Prodígio

Ex-repórter da *Rolling Stone* e morador de Seattle, Cameron Crowe nasceu para fazer *Singles*

Dirigir um filme sobre o amor jovem entre roqueiros de Seattle é uma missão perfeita para Cameron Crowe. Aos quinze anos ele já era repórter da *Rolling Stone*. Aos 21, publicou seu primeiro livro, *Fast Times at Ridgemont High*, polaróide precisa de um grupo de colegiais californianos, para o qual se travestiu de estudante para escrevê-lo e que se tornaria o filme *Picardias Estudantis* . O filme foi um grande sucesso e lançou, com o personagem Jeff Spicoli (vivido por Sean Penn), o protótipo do *dude* chapado – que renderia depois a série *Bill e Ted...* e o recente *Quanto Mais Idiota Melhor*. O próprio Crowe estrearia na direção em 89, abordando novamente a adolescência em *Diga o que Quiserem*, romance simultaneamente melado *e* inteligente.

Em 83, Crowe mudou da ensolarada San Diego para Seattle. A intenção era pesquisar uma possível continuação para *Fast Times...* Mas o ex-jornalista acabou encontrando um ambiente radicalmente diferente das *high schools* californianas – um caldo que acabaria tornando a cidade o maior celeiro de grupos de rock do início dos anos 90.

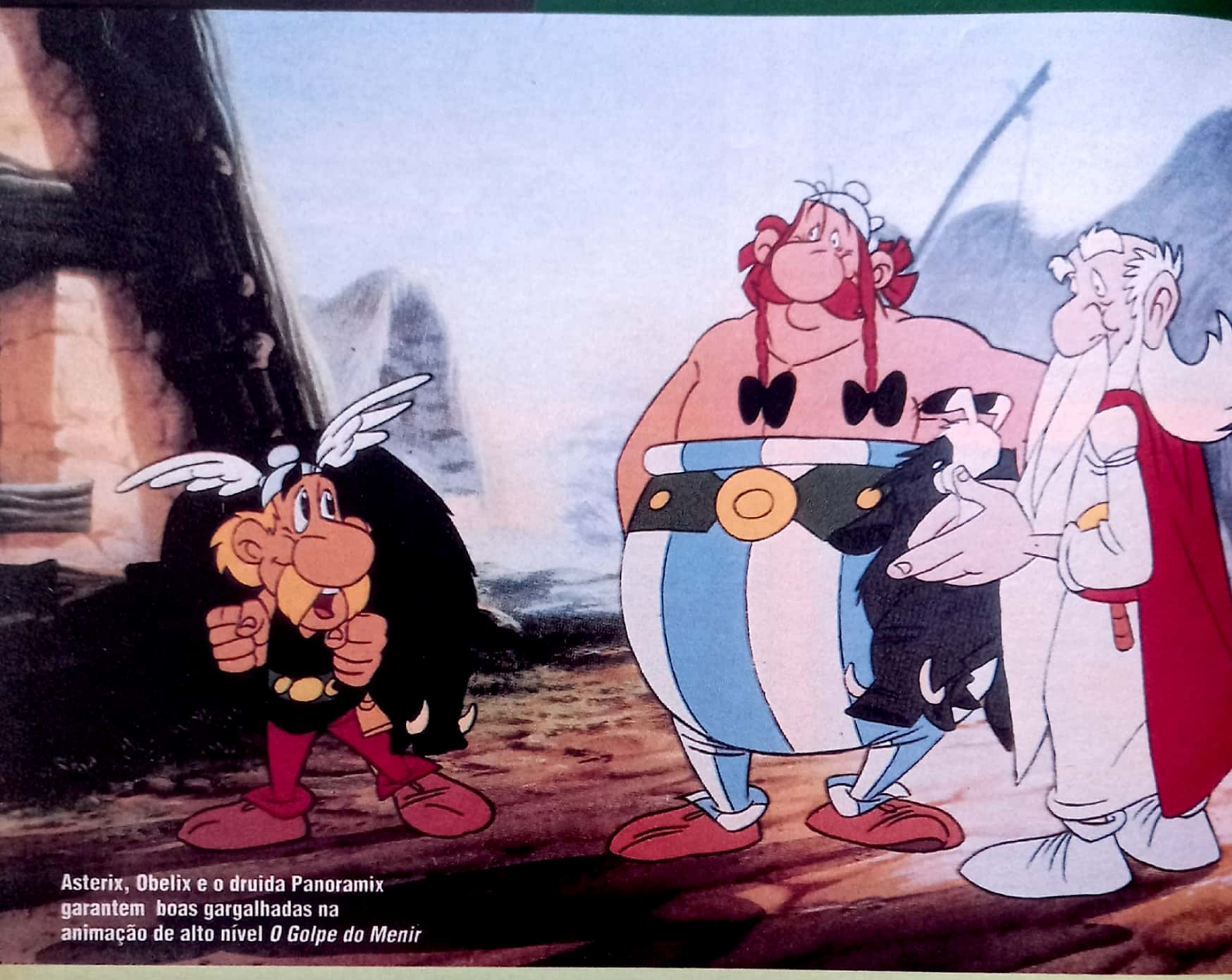
O diretor esteve presente, portanto, no parto da "cena de Seattle". Conheceu em primeira mão bandas que hoje são popularíssimas, como Soundgarden, Alice In Chains, Mudhoney e Pearl Jam – todas presentes na bem-vendida trilha de *Singles*. O único grande ausente é o Nirvana (que não é de Seattle, e sim da pequena e próxima Aberdeen).

Finalmente, foi em Seattle que Crowe descobriu o amor verdadeiro e duradouro – com uma roqueira, Nancy Wilson, do grupo de hard rock Heart. Currículo melhor para criar *Singles*, impossível.

André Forastieri

STILLS

Eddie Vedder do Pearl Jam, de camisa amarela, e Layni Staley, vocalista do Alice In Chains, com cabelos vermelhos, na première de *Singles*, em fevereiro de 92



Asterix, Obelix e o druida Panoramix garantem boas gargalhadas na animação de alto nível *O Golpe do Menir*

ASTERIX, O GAULÊS ★★★

(Astérix, Le Gaulois, França, 1973)

ASTERIX E CLEÓPATRA ★★★

(Astérix et Cléopatra, França, 1979)

OS DOZE TRABALHOS DE ASTERIX ★★

(Les Douze Travaux, França, 1976) Direção: René Goscinny, Albert Uderzo.

O GOLPE DO MENIR ★★★★

(Astérix et Le Coup du Menhir, França, 1989) Direção: Phillipe Grimond. Wave Vídeo.

Os álbuns de Asterix e sua turma da irredutível aldeia gaulesa foram a ponte máxima dos quadrinhos franceses com as Américas. Tão populares que acabaram virando desenho animado na década de 70, ainda na França, e logo atravessaram o Atlântico com essas versões cinematográficas de seus gibis.

Asterix, O Gaulês, Asterix e Cleópatra e *Os Doze Trabalhos de Asterix* são da primeira fase de produção. Realizados estritamente para o mercado europeu, esses desenhos sofrem com uma animação tosca – que só é salva, nos dois primeiros casos, pelo brilhantismo dos roteiros originais de René Goscinny e pelo traço carismático de Albert Uderzo.

Quando essas produções começaram a visar o mercado externo é que a coisa ficou boa. Os dois exemplares da nova fase, o já lançado *Asterix e os Bretões* e este *O Golpe do Menir* (versão da aventura *O Adivinho*), têm animação de alto nível e ritmo perfeito, muito próximo da narrativa dos gibis. Portanto, vá direto aos mais novos; os outros só são indicados para os absolutamente fissurados.

Carlos Eduardo Miranda

★ Ruim
★★ Regular
★★★ Bom
★★★★ Ótimo
★★★★★ Obra-Prima

O GRILO PULA-PULA ★★★★

(Hoppity Goes To Town, EUA, 1941) Direção: Dave Fleischer. Mundo Mágico.

Segundo longa-metragem dos irmãos Fleischer – o primeiro foi *Gulliver* – e derradeiro para seus estúdios em Miami. Lançado nos EUA três dias depois do bombardeamento de Pearl Harbor, fracassou nas bilheterias ao ponto da Paramount despedir a

dupla. É um filme brilhantemente animado, como de praxe, com uma história bobinha, típica da visão que se tinha da capacidade mental das crianças na época. Mistura animação sobre filme (rotoscópio) com as habituais – e perfeitas – técnicas de mão livre que consagraram os irmãos animadores.
C.E.M.

CUPIDO ★
(Cupido, França, 1991) Direção: Bernard Deiriese e Christian Choquet. Mundo Mágico.
Imagine uma cidade com quatro bairros, sendo cada um deles de uma cor, inclusive a roupa dos habitantes. E imagine os chefões de cada bairro se unindo para pregar o ódio. Só mesmo um Cupido muito bobo para lançar suas flechas de amor por aí. Nem criança gosta mais disso.
M.P.

SPEED RACER, O HERÓI DA VELOCIDADE – CORRIDA PELA VIDA ★★★
(EUA, 1966) Produção: Translux Television. Reserva Vídeo.
É uma surpresa rever, depois de muitos anos, Speed Racer e descobrir que uma das principais bases da formação cultural de nossa geração (junto com as HQs do Tio Patinhas e o gibi *Combate*) tem uma animação pior até que muitos dos videogames atuais. Mas a mágica permanece, porque a série tem *aventura*, como poucos outros desenhos animados conseguiram ter. Afinal, Speed Racer é emoção da mesma linhagem de Jonny Quest e Indiana Jones.
R.C.

AS DIVERTIDAS AVENTURAS DE BARÃO E GEGÊ ★★
(Sharky & Georges, França/EUA, 1991) Dir.: Jean Arbaud. Mundo Mágico.
Animação trash que conta as aventuras de um tubarão detetive e seu assistente metidos em investigações nas profundezas do mar. O mais engraçado é o nome da cidade marítima onde a dupla atua: Chicágua.
M.P.

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS – VOL. 2 ★
(Amazing Book, EUA, 1989/ Amazing Children, França, 1990) Direção: Bill Wolf, Marija Miletíc-Dail. Mundo Mágico.
França e EUA unem seus desenhistas para fazer apologia do cristianismo. Portanto, não confunda com as maravilhosas *Histórias Maravilhosas* lançadas pela CIC. Doc é um rato de biblioteca, que lê a *Bíblia* para seus netinhos. São duas histórias repetitivas, totalmente cantadas em inglês e legendadas.
M.P.

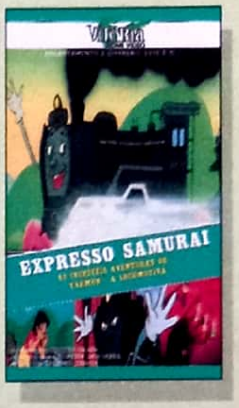
PERNALONGA ★★★
(EUA, 1940) Direção: Tex Avery, Friz Freleng, Chuck Jones. Central Home Vídeo.
Coletânea de animação do arco da velha. Dos sete desenhos, os três do Pernalonga já foram lançados em vídeo. Mas os destaques são: "Campeões Do Esporte", animação sobre filme, de Friz Freleng; "O Gato Abobalhado", com o corvo Buzzy, personagem da Harvey Toons; e o musical "O Ouro Dos Leprechauns", não creditado na capa da fita.
C.E.M.

O JOVEM ROBIN HOOD, DUPLA DE LADRÕES ★
(Young Robin Hood, EUA, 1991) Produção de William Hanna e Joseph Barbera. Vídeo Arte.
Produção da Hanna-Barbera, que hoje não mostra nem sinal do brilhantismo e criatividade que apresentou nos anos 70 (seus tempos áureos), realizada para a TV a cabo americana. São as velhas aventuras do herói-bandido contra o xerife de Nottingham, agora ambientadas numa pretensa juventude dos personagens.
C.E.M.

GRANZOTE E OS GUERREIROS DA LUZ ★★
(Granzort, Japão, 1989) Direção: Shuji Yuchi. Vídeo Arte.
Na Lua, valentes crianças lutam contra o maligno império das trevas. O garoto Taishi comanda Granzort, o primeiro de três robôs mágicos, contra o império. É o início de uma série bem infantil feita para a TV, com muita ação e humor.
Ng.

O ESPADACHIM NINJA II – A BATALHA DE KOGA ★★★
(Yo Touden II, Japão, 1987) Produção: Nippon Victor Corporation. Patriot.
Jovens ninjas enfrentam demônios infernais em belas cenas de ação. A fantasia se mistura a fatos reais na luta pela unificação do Estado feudal japonês neste filme de animação classe A. Em tempo: "o" ninja do título é uma garota.
Ng.

OS SMOGGIES ★★★
(The Smoggies, França/ Canadá, 1990) Direção: Gérald Potterton. Globo Vídeo.
Três histórias de uma série já exibida pela TV. Mostra a luta dos bons e ecológicos Suntots, criaturas pequeninas, contra os três Smoggies, marmanjos que, liderados por uma megera vaidosa, atacam a natureza e tudo fazem para que os "tampinhas" entreguem o coral mágico da juventude. A animação é bastante simples, mas o traço é simpático, enquanto as histórias encantam pela simplicidade. A dublagem nem sempre convence.
Ch.P.



O EXPRESSO SAMURAI ★★
(Yaemon, Japão, 1984) Direção: Takeshi Tamyia. Vitória.
Yaemon é uma locomotiva muito velha que está sendo escorraçada pelas locomotivas modernas, mas é amada pelo garoto Mazda. É choro na certa, mas não faltam bichinhos fofinhos, como a família de ratinhos que vivem na Yaemon, e a transformação dos bons em heróis.
R.Y.

O NATAL DO MICKEY MOUSE ★★★★
(Mickey's Christmas Carol/The Night Before Christmas/Santa's Workshop/Once Upon A Wintertime, EUA, 1987/ 1930/1932/1952) Direção: Burny Matinson, Ub Iwerks, Hamilton Luske. Abril Vídeo.
A adaptação de "Um Conto De Natal", de Charles Dickens, com Mickey Mouse, Tio Patinhas, Pato Donald e seus sobrinhos é muito legal. Mas o melhor é o que vem depois: os curtas "A Véspera De Natal" e "A Oficina De Papai Noel", realizados nos anos 30 pelo mestre Ub Iwerks.
C.E.M.

O lado nojento do mundo se encontra em qualquer um dos *Faces da Morte*

Europa

FACES DA MORTE II ★★★

(Faces Of Death II, EUA, 1983) Direção: Conan Lecilaire. Califórnia.

FACES DA MORTE III ★★★

(Faces Of Death III, EUA, 1985) Direção: Conan Lecilaire. Europa.

FACES DA MORTE IV ★★★

(Faces Of Death IV, EUA, 1991) Direção: Conan Lecilaire. Europa.

O PIOR DE FACES DA MORTE ★★★★

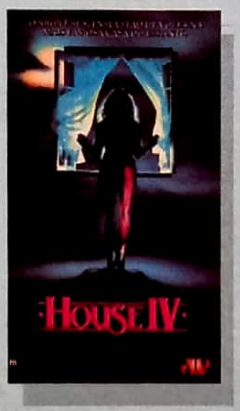
(Faces Of Death V, EUA, 1991) Direção: Conan Lecilaire. Play Filmes.

Acredite se quiser, mas esta série *As Faces da Morte* não é "apelação mórbida e repugnante à tragédia humana". Não, é um legítimo e bem-sucedido representante de um subgênero cultuado – os filmes *mondo*, documentários reais ou trambicados do lado "sujo" do mundo (sexo, drogas, morte etc.).

A coisa começou em 61 com o legendário *Mondo Cane*, hoje sendo reprisado direto na Rede OM. Em seu rastro vieram incontáveis caça-níqueis, inofensivos (como *Mondo Topless* do mestre do thrash Russ Meyer) ou extremamente ofensivos (como *Snuff*, o primeiro de muitos filmes em que os "atores" eram realmente assassinados em frente às câmeras – ou pelo menos assim corria a lenda).

O primeiro *Faces da Morte* quase todo mundo viu – é aquele em que comem o cérebro de um macaquinho vivo. Os seguintes são mais do mesmo e igualmente repulsivos: corpos destroçados em acidentes, leprosos de Calcutá, autópsias, putrefação, barbárie e desgraça etc. Conselho: assista os quatro seguidos, com a mão no fast forward.

André Forastieri



HOUSE IV ★★★

(House IV, EUA, 1989) Direção:Lewis Albernathy. Com Terri Treas, Scott Burkholder, Denny Dillom,Melissa Claytom. Jovem Pan.

Segundo melhor exemplar da série iniciada pelo produtor Sean Cunningham (*Sexta-Feira 13*).Tem sustos bem montados, sem exageros, com tensão garantida do começo ao fim.

P.G.P.

ELES VIVEM ★★★★

(They Live, EUA, 1988) Direção: John Carpenter. Com Roddy Piper, Keith David, Meg Foster. LK-Tel/Vídeo.

Um dos mais instigantes trabalhos de Carpenter, que, com conhecimento de causa, satiriza os filmes de ficção científica e horror dos anos 50. O herói da história é o ex-lutador de luta-livre Roddy "Rowdy" Piper, o tosco sem-teto que descobre que as pessoas mais influentes de Los Angeles são *aliens*, cuja forma real só pode ser vislumbrada por lentes especiais. Roddy descola os tais óculos e se mete numa enrascada colossal, tendo de enfrentar os monstrengos na marra. A maquiagem dos invasores é horrível, e Carpenter nunca explicou se isso fazia parte da piada. De qualquer modo, Carpenter nos deu o único "*serial killer* que nunca morre" que presta – Michael Myers, em *Halloween* –; *Christine, o Carro Assassino*; e o alienígena transmorfo da Antártida em *O Enigma do Outro Mundo*. Isso já basta para que ele tenha todo o direito de brincar com o gênero.

N. N.

OS PATINADORES DO FUTURO ★

(The Roller Blade Seven, EUA, 1992) Direção: Donald G. Jackson. Com Frank Stallone, Karen Black, Joe Esteves. Vitória.

Esta tranqueira futurista deve constar nos anais do cinema de fundo de quintal como o primeiro filme gago já realizado. A repetição da mesma cena até a exaustão é o único efeito utilizado nessa história sem pé nem cabeça sobre seita de patinadores, samurais californianas e muita mulher pelada. Vale para ver Frank Stallone fazendo papel de vilão e tentando descolar algum para pagar o aluguel.

R.Y.

MISSÃO SATURNO 3 ★★★★

(Saturn 3, EUA, 1980) Direção: Stanley Donen. Com Kirk Douglas, Harvey Keitel, Farrah Fawcett. Top Tape.

Você já imaginou ficar numa ilha deserta com uma tremenda gata? É o que acontece com Kirk Douglas, um cientista espacial encarregado de fazer experiências em Titan, uma lua de Saturno, acompanhado da então pantera Farrah Fawcett. O idílio é interrompido quando um militar lunático (Keitel) aparece para construir um poderoso robô chamado Hector, que vai perturbar o sono dos dois cientistas. O filme tem boa produção e um clima de suspense espacial constante, centrado especialmente nas atrocidades de Hector.

P.G.P.

ALLIGATOR, O JACARÉ GIGANTE ★★

(Alligator, EUA, 1987) Direção: Lewis Teague. Com Robert Foster, Robin Riker, Michael Gazzo. Paris.

Terror trash, na linha que foi popular nos anos 70 – vingança da natureza agredida pelo homem. Garota é obrigada a jogar um filhote de crocodilo (mais precisamente um alligator) na privada, no mesmo dia em que o arranjou. Anos mais tarde, o réptil sai dos esgotos, supercrescido e espalhando horror pela cidade. A garota, por sua vez, tornou-se uma zoóloga de renome. Só recomendável para admiradores do trash. E só.

N.N.

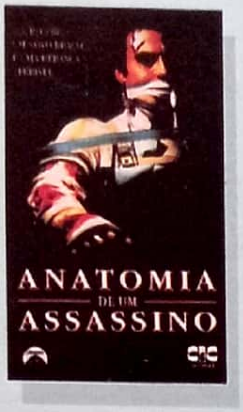
RETRATO DE UM ASSASSINO ★★★★

(Henry: Portrait Of A Serial Killer, EUA, 1986) Direção: John McNaughton. Com Henry Rooker. Look.

Henry e seu amigo Ottis matam com a mesma facilidade e o mesmo prazer de quem vai ao boteco da esquina e, sedento, toma uma cerveja gelada. Longe de fazer uma reflexão sobre o impulso assassino, o diretor McNaughton apenas documenta – a partir das confissões reais do criminoso Henry Lucas – o cotidiano de um *serial killer*.

Obviamente esse realismo de choque recebeu como prêmio um X da censura americana e chegou aqui com seis anos de atraso.

W. A. S.



ANATOMIA DE UM ASSASSINO ★★★

(Body Parts, EUA, 1991) Direção: Eric Red. Com Jeff Fahey, Lindsay Duncan, Brad Dourif. CIC.

A história lembra algo dos clássicos filmes de terror. Jeff Fahey (*O Passageiro do Futuro*), um curioso que estuda a psique de criminosos, perde o braço num acidente de carro e recebe num transplante o de um assassino serial. Sua atitude muda e ele tem rompantes involuntários de violência para com a família. O coitado, enquanto luta consigo mesmo como se estivesse possuído pelo demônio, precisa saber rapidinho quem era o dono do braço e desvendar o mistério.

O que faz dessa trama um filme sem defeitos é a tarimba dos profissionais envolvidos na produção. Eric Red, roteirista de *A Morte Pede Carona* e *Quando Chega a Escuridão*, estréia impecavelmente na direção, com roteiro de Normam Snider, que co-escreveu *Irmãos Gêmeos*, de Cronenberg. Precisa mais?

W.S.

STAR TREK – THE NEXT GENERATION – ALÉM DA TERRA DESCONHECIDA ★★

(Star Trek – The Next Generation – Unification I & II, EUA, 1991) Direção: Lef Landa e Cliff Bole. Com Leonard Nimoy. CIC.

Unification é mitologia menor: um encontro do mais marcante personagem de *Jornada Nas Estrelas*, o Sr. Spock, com seus substitutos da *Nova Geração*, Capitão Picard e Data, lançada aqui em duas fitas separadas. Sempre tem sabor de Toddy ver Nimoy como Spock, e o argumento tem relevância "histórica" no universo *trekker* (trata de uma tentativa de união entre dois planetas inimigos, mas de origens iguais: os romulanos e os vulcanos, de quem descendem).

Infelizmente tem tanto detalhe *trekkie* no roteiro que a coisa fica com cara de livro filmado. E este episódio está sendo lançado fora de seqüência, teve um monte de *Next Generation* entre os que saíram aqui e este. Por isso, não dá para entender o que faz um clone de Tasha Yar no imbróglio. Leva nota sete, pela nostalgia.

A.F.

CORRENDO CONTRA O VENTO ★★★
(One Against the Wind, EUA/Luxemburgo, 1991) Direção: Larry Elikann. Com Judy Davis, Sam Neill, Denholm Elliott. Paris.
Telefilme inspirado em Mary Lindell. Aproveitando o fato de ser uma condessa inglesa residente na Paris ocupada pelos nazistas, Mary promove a fuga de inimigos do nazismo. Ótima reconstituição de época, Edith Piaf na trilha sonora e um bom elenco, em especial Judy Davis (*Mistérios e Paixões*), são garantias de bom divertimento.
Ch.P.

HOT SPOT – UM LOCAL MUITO QUENTE ★★★
(Hot Spot, EUA, 1990) Direção: Dennis Hopper. Com Don Johnson, Virginia Madsen, Jennifer Connely. LK - Tel/Vídeo.
Sexo e calor são os ingredientes explosivos deste trabalho de Hopper. Johnson se envolve com a mulher de seu patrão (Madsen, de *Highlander II*), tem um caso com a secretária (Jennifer, de *Rocketeer*) e rouba um banco. Tudo isso no calor de quarenta graus de uma pequena e asquerosa cidade, embalado por uma excelente trilha sonora *bluesy*. De quebra, as duas belas expõem seus predicados em cenas de nudez.
P.G.P.

A DOR DO AMOR ★★★
(Love Hurts, EUA, 1990) Direção: Bud Yorkin. Com Jeff Daniels, Judith Ivey. LK-Tel/Vídeo.
Cinco anos depois de focalizar crises matrimoniais e familiares em *Duas Vezes na Vida*, o diretor Yorkin volta a tratar do assunto nesta comédia dramática que cresce com a atuação de todo o bom elenco. Mesmo assim o filme exagera na composição de alguns personagens e nem sempre tem a leveza que o argumento requer.
Ch.P.

OS VICIADOS ★★★
(The Panic in Needle Park, EUA, 1971) Direção: Jerry Schatzberg. Com Al Pacino, Kitty Winn, Raul Julia. Abril Vídeo.
Com cenas explícitas de pico de heroína na veia, este legítimo representante da era de aquário traz Al Pacino (22 anos mais moço, mas não menos brilhante) e Kitty Winn numa relação ensandecida onde a droga é o X da questão. Cultura *junkie* pelas ruas e apês de Manhattan, que, se chegou a pintar por estas bandas na época da produção, provavelmente teve sua liberação barrada pela censura.
W.A.S.

OS DONOS DA RUA ★★★★
(Boyz'N The Hood, EUA, 1992) Direção: John Singleton. Com Ice Cube, Cuba Gooding Jr., Larry Fishburne. LK-Tel/Vídeo.
Na noite do Oscar, John Singleton apareceu pisando firme e tratando o veteraníssimo Robert Redford de Bob. Estava gozando o merecido prestígio de mais jovem diretor estreante (22 anos) a ser candidato à famosa estatueta. *Boyz'N The Hood*, com interpretações fortes (como a do cantor de rap

Vídeo Arte

FILHOS DA GUERRA ★★★★

(Europa, Europa, Alemanha/França, 1991) Direção: Agnieszka Holland. Com Marco Hofschneider, Julie Delpy, Andre Wilms, Hanns Zischler, Delphine Forest. Vídeo Arte.
A polonesa Holland realizou um dos filmes mais polêmicos e contundentes do ano passado. Apesar de nada apresentar de novo sobre o assunto "anti-semitismo na Segunda Guerra", ela partiu de um fato verídico e narrou com extrema sensibilidade a saga de um adolescente judeu que, dominando a língua alemã, se faz passar por ariano para poder sobreviver ao genocídio iminente. O confronto com a cultura hegemônica se dá em choques e dúvidas, e o filme perturba o espectador pelo seu grau de absurdo histórico. Não é à toa que fez grande sucesso nos cinemas brasileiros.
Uma prova evidente de quanto o filme incomodou a Alemanha é o fato de não ter sido selecionado pelo comitê alemão para concorrer ao Oscar de melhor filme estrangeiro de 92. Mesmo assim, a Academia o indicou para o Oscar de roteiro adaptado e também levou o Globo de Ouro de melhor filme estrangeiro. No final da fita, aparece o verdadeiro Salomon Perel, em cuja autobiografia o filme se inspirou.
Christian Petermann

Ice Cube, a do jovem Cuba Gooding Jr. e de Larry Fishburne) e trilha sonora à base de hip hop, trata dos problemas sociais dos negros das grandes cidades através da história de três jovens de Los Angeles e suas diferentes formas de enfrentar a marginalidade.
V. J.

POR CAUSA DEUMA MULHER ★★★★
(Whistle Stop, EUA, 1946) Direção: Leonide Moguil. Com Ava Gardner, George Raft. Breno Rossi.
Às vezes as aparências enganam. A mulher que parece ser fatal é simples e virtuosa, e o poltrão é apenas um homem à espera de uma chance para se tornar um modelo de virtude.
Este é o jogo de aparências vivido aqui por George Raft e Ava Gardner.
V.J.

SARAH★★★★
(Sarah, Plain and Tall, EUA, 1991) Direção: Glenn Jordan. Com Glenn Close, Christopher Walken. Paris.
Telefilme que conta com uma das melhores interpretações de Close e Walken, adaptado do livro infantil homônimo, de Patricia MacLachlan, o filme é uma espécie de Mary Poppins à americana. Diálogos inteligentes e a bela fotografia de Michael Fash complementam o clima quase idílico.
Ch.P.

Hopkins e Rourke: alta tensão

Foto: CIC

INSTINTO FATAL ★★★★
(Fear, EUA, 1990) Direção: Rockne S. O'Bannon. Com Ally Sheedy, Lauren Hutton, Michael O'Keefe. LK-Tel/Vídeo.
Sheedy é uma paranormal que ajuda a polícia a descobrir psicopatas. Sua próxima dor de cabeça é caçar um *serial killer* que tem os mesmos poderes que ela. Fantasticamente aterrorizante, essa produção vai fundo na psicopatia, com o assassino fazendo com que a moça participe mentalmente de seus crimes. Uma gratificante surpresa para quem procura na prateleira um bom suspense.
P.G.P.

HORAS DE DESESPERO ★★★★

(Desperate Hours, EUA, 1992) Direção: Michael Cimino. Com Mickey Rourke, Anthony Hopkins, Mimi Rogers, Lindsay Crouse, Kelly Lynch. Mundial.
Michael Cimino é o diretor responsável por um dos maiores fracassos da indústria cinematográfica: *O Portal do Paraíso*, que custou 50 milhões de dólares e arrecadou pouco mais de 1,5 milhão. Em 1980, o filme levou a United Artists à falência, adquirida pela MGM, e deixou o diretor "no gelo" por cincos anos. Ele reapareceu com outro projeto ambicioso: refilmar *Horas de Desespero*, feito em 55 por William Wyler, com Humphrey Bogart e Fredric March nos papéis principais. Alguns podem não acreditar, mas a história do assassino que foge da cadeia com dois amigos e se refugiam na casa de uma família até que consigam escapar da polícia, ficou melhor nas mãos de Cimino.
Cuidadoso, esteticista e grande diretor, Cimino mantém um nível elevado de ação e suspense, sem cair na violência exagerada. O único problema é a presença arrogante e dispensável de Mickey Rourke, no papel que antes fôra de Bogart. Para compensar, um Hopkins sempre afiado, fazendo parceria com Mimi Rogers, cada dia mais sexy.
Marcos Petrucelli

O PESO DA VERDADE: O ÔNUS DA PROVA ★★★
(Burden of Proof, EUA, 1992) Direção: Mike Robe. Com Hector Elizondo, Brian Dennehy, Mel Harris, Stephanie Powers, Victoria Principal. Warner.
Adaptação do best-seller *O Ônus da Prova*, de Scott Turow, o mesmo autor de *Acima de Qualquer Suspeita*. Um filme denso e investigativo, centrado no suicídio da mulher de um advogado. Stemp, o marido – brilhante interpretação de Elizondo – aos poucos descobre que o suicídio tem implicações que poderão arruinar sua carreira.
P.G.P.

A OUTRA FACE DO CRIME ★★
(Internal Affairs, EUA, 1988) Direção: Michael Tuchner. Com Richard Creena, Kate Capshaw. Transvídeo.
Apesar do título original ser o mesmo de *Justiça Cega*, com Richard Gere e Andy Garcia, um não tem nada a ver com o outro. Este fala de um investigador (Creena) que tenta descobrir os reponsáveis por um assassinato. As suspeitas recaem sobre policiais corruptos. Bem feitinho, bem acabado (com o padrão de qualidade da TV americana), mas muito longo. São 200 minutos divididos em duas fitas.
M.P.

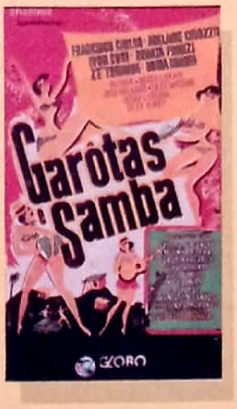
O PURITANO DA RUA AUGUSTA ★★★
(Brasil, 1965) Direção: Amâncio Mazzaropi. Com Mazzaropi, Marly Marley. Reserva Especial.
Outro Mazzaropi e bem datado: retrata o choque de gerações na época do twist e do biquíni. Bons números musicais de Elza Soares e da banda "surf' The Jordans.
N.N.

O JECA E A FREIRA ★★★
(Brasil, 1968) Direção: Amâncio Mazzaropi. Com Mazzaropi, Geny Prado, Elizabeth Hartman, Maurício do Valle, Ewerton de Castro. Globo Vídeo.
Uma das primeiras comédias coloridas de Mazzaropi e um retrato perfeito dos bons tempos do comediante. Com ajuda de uma freira (Hartman), ele resolve socorrer a enteada (Geny) de um rico e malvado fazendeiro (Maurício do Valle).
P.G.P.

QUEREM MATAR O PAPA ★★★
(The Pope Must Die, Inglaterra, 1991) Direção: Peter Richardson. Com Robbie Coltrane, Beverly D'Angelo, Salvatore Cascio. Globo Vídeo.
Filme irregular que parte de uma premissa interessante e aos poucos exagera em suas soluções. Modesto padre provinciano é eleito, por um erro do computador do Vaticano, o novo papa. Sua personalidade difícil desperta a antipatia do cardeal e de um mafioso.
Ch.P.

BINGO ★★
(Bingo, EUA, 1991) Direção: Matthew Robbins. Com Cindy Williams, David Rasche. LK-Tel/Vídeo.
Fórmula infalível: soma de cachorro e criança. Ou melhor, criança que quer cachorro e decide adotar um "foragido" de um circo itinerante. O filme tem humor, ação e muitos valores familiares, mas não vai longe no assunto. As crianças podem se divertir, mas pós-adolescentes só irão bocejar. Bingo, o cão, ao menos, é simpático.
Ch.P.

BEETHOVEN, O MAGNÍFICO ★★
(Beethoven, EUA, 1991) Direção: Briam Levant. Com Charles Brodin, Dean Jones, Bonnieter Hunt. CIC.
Outra comédia infantil de sucesso nas bilheterias. Uma família resolve adotar um filhote de São Bernardo que cresce e se transforma num grande problema. Imagine dormir ao lado de uma montanha de pêlos babona.
P.G.P.



GAROTAS E SAMBA ★★★
(Brasil, 1957) Direção: Carlos Manga. Com Ivon Curi, Renata Fronzi, Sonia Mamede, Adelaide Chiozzo. Globo Vídeo.
Típico exemplar das boas chanchadas da Atlântida. A história é bastante ingênua: três mocinhas tentam a sorte no Rio de Janeiro e se encontram num pensionato. Sonia Mamede quer ser cantora; Adelaide Chiozzo, acordeonista; e Renata Fronzi quer um marido rico. Na busca do sucesso, elas encontram tipos engraçados , como Zé Trindade, Ivon Curi e outras figuras, e se metem em muitas confusões. As músicas são tão importantes quanto o roteiro, e tudo acaba alegremente... em samba.
W.S.

O AGENTE 86... DE NOVO? ★★★

(Get Smart Again, EUA, 1989) Direção: Burt Nodela. Com Don Adams, Barbara Feldon. Globo Vídeo.
Alguém aí não lembra do Agente 86? Aquele do Controle, da 99, do Mel Brooks, das nossas felizes infâncias? Pois o irmão imbecil de James Bond, Maxwell Smart, é reativado neste telefilme de 89. Não tem o pique de antigamente, nem dava para esperar: todo mundo está vinte anos mais velho. Mesmo assim é uma delícia: todos os atores originais estão de volta, com exceção do chefe (Ed Platt, já morto): os agentes Larabee, Hymie, 99 (Barbara Feldon com uma cirurgia plástica tenebrosa) e, claro, 86, o supercool Don Adams – usando o sapatofone, tropicando no nada, soltando "desculpe por isso", fazendo questão de usar o Cone do Silêncio (e espere só para ver o novo arsenal do panaca). Por isso tudo, *Get Smart Again* é muito melhor que a primeira ressurreição de Max, *The Nude Bomb*, em que 99 era substituída por – ugh – Sylvia Krystel.
A.F.

Vinte anos depois, o debilóide Agente 86 e toda a turma do Controle continuam se metendo em enrascadas

Globo Video

Sallinger como o super-herói renascido

Europa

CAPITÃO AMÉRICA ★★★

(Captain America, the Movie, EUA, 1991) Direção: Albert Pyun. Com Matt Sallinger, Ronny Cox, Ned Beatty, Scott Paulin. Europa.

Pode não ser uma das maiores homenagens ao ídolo das histórias em quadrinhos que acabou de completar 50 anos – tanto que foi lançado mundialmente apenas em vídeo –, mas a direção de Pyun (*Cyborg, Dollman*) consegue segurar a onda. O filme narra o surgimento do herói (Sallinger) no final da Segunda Guerra, seu congelamento no Alaska e seu renascimento no presente, onde vai salvar o presidente dos EUA (Cox) das garras do arquiinimigo Caveira Vermelha. Com ritmo alucinado nas seqüências de ação, este filme é bem superior às adaptações para TV das duas décadas passadas dos super-heróis da Marvel, como *O Incrível Hulk* e *Homem-Aranha*. O que também não é muita vantagem.

Paulo Gustavo Pereira

O MERCADOR DO MAL ★★

(Merchant of Evil, EUA, 1991) Direção: Scott Pfeiffer. Com Steve Vial, Tracey Hughes, James Pfeiffer. Vitória.

Garota canadense é seduzida e seqüestrada pelo contato americano de um terrorista maníaco por explosivos e traficante de escravas brancas. Sua irmã contrata um detetive em San Francisco para resgatá-la. Curiosamente não ocorre o conflito direto entre o detetive e o terrorista, desenrolando-se duas histórias paralelas, de pouco interesse e nenhuma profundidade.

N.N.

O CONDE DE MONTE CRISTO ★★

(The Count of Monte Cristo, EUA, 1975) Direção: David Greene. Com Richard Chamberlain, Donald Pleasence, Trevor Jones, Tony Curtis. Top Tape.

Versão do clássico de Alexandre Dumas feita para TV e com elenco famoso. Trata-se da história do nobre Edmond Dante que é preso injustamente. Anos depois, tenta se vingar dos inimigos. Boa direção, interpretações corretas e bela fotografia na costa espanhola. Mas nada que se compare com a versão original de 1934, dirigida por Rowland V. Lee.

M.P.

TRIÂNGULO DE OURO ★★

(Primary Target, EUA, 1988) Direção: Clark Henderson. Com John Calvin, Miki Kim. LK-Tel/Vídeo.

A esposa de um ex-funcionário da CIA é seqüestrada na Tailândia por um grupo de guerrilheiros, que usará o resgate para financiar a luta contra os vietnamitas. Três mercenários, que já lutaram ao lado do líder dos seqüestradores, são contratados para resgatá-la. Após causarem todo tipo de destruição, descobrem que seu contratador é um notório traficante de drogas e que sua esposa consentiu no seqüestro para ajudar a causa tailandesa.

N.N.

LINHA DE CHEGADA ★★

(Crossing the Line, EUA, 1989) Direção: Gary Graver. Com John Saxon, Rick Hearst, Paul L.Smith, Cameron Mitchell. Central.

Garoto problema (Rick Hearst) entra numa competição de motocross para provar ao pai e aos amigos que não é um simples boa-vida. Rebeldes sem causa e malabarismos motociclísticos de baixo impacto.

W.A.S.

DEZEMBRO

OS MAIS ALUGADOS

BRASIL

1 ***Máquina Mortífera 3*** (Warner)
2 ***Pescador de Ilusões*** (LK-Tel/Vídeo)
3 ***O Pai da Noiva*** (Abril Vídeo)
4 ***FX 2 - Ilusão Fatal*** (LK-Tel/Vídeo)
5 ***O Passageiro do Futuro*** (Look)
6 ***Paraíso*** (Abril Vídeo)
7 ***O Engano*** (Abril Vídeo)
8 ***Um Casal Quase Perfeito*** (Warner)
9 ***Batman, o Retorno*** (Warner)
10 ***De Volta para Casa*** (Abril Vídeo)

Fontes: Real Vídeo, Hobby Vídeo, Vídeo Factory (SP); Scorpius, Cine Vídeo, Star Vídeo (GO); Canal do Vídeo, Cia do Vídeo (MG); Cabeça do Vídeo, Copa 6, Vídeo Shack (RJ); Vídeo Gama, Back I (RS)

EUA

1 ***Patriot Games*** (Paramount)
2 ***Sister Act*** (Touchstone)
3 ***Lethal Weapon 2*** (Warner)
4 ***Alien³*** (FoxVideo)
5 ***Far and Away*** (MCA/Universal)
6 ***Basic Instinct*** (LIVE)
7 ***My Cousin Vinny*** (FoxVideo)
8 ***Encino Man*** (Hollywood)
9 ***Batman Returns*** (Warner)
10 ***Beauty and the Beast*** (Disney)

Fonte: *Entertainment Weekly* de 18/12/92

PRÉ-ESTRÉIA

Carlitos Reencarnado

Nem mesmo o visionário comediante teria encontrado um sósia tão perfeito como Robert Downey Jr. para vivê-lo em *Chaplin*, que estréia este mês

Dirigido por Sir Richard Attenborough (realizador de obras grandiosas como *Ghandi*), *Chaplin* conta (óbvio) a vida do maior comediante da história do cinema, Charles Chaplin. O filme acompanha sua trajetória desde a infância pobre em Londres, até o retorno triunfante do exilado aos EUA, para receber o único Oscar de sua vida. Para interpretar as figuras da indústria cinematográfica, Attenborough chamou Dan Aykroyd, para ser o produtor/diretor da Keystone Kops Mack Sennett; sua filha Geraldine Chaplin, como Hannah Chaplin (a mãe de Charlie); Kevin Kline, Douglas Fairbanks Sr.; e Moira Kelly, Oona, a última esposa.

A grande surpresa, no entanto, é a incrível semelhança entre o jovem ator Robert Downey Jr. e o próprio cinebiografado. Conhecido do público adolescente por *Abaixo de Zero* e *Air America*, a tarefa de Downey foi a mais ingrata, como conta nesta entrevista.

Antes de se preparar para o filme, o que você sabia sobre Chaplin?

Muito pouco. Quase nada, para ser sincero. Não sabia que ele mesmo compunha a música para seus filmes, nem que era dono de um estúdio, muito menos de toda a confusão com o FBI. Acho que a primeira vez que o vi num filme foi em *A Corrida do Ouro* (*25*). Eu devia ter uns 11 anos, mas não me lembro bem da minha reação.

Durante quanto tempo você estudou o papel?

Ao todo, acho que um ano. Primeiro vi absolutamente todos os seus filmes *n* vezes, daí selecionei os mais conhecidos e passei a ficar dias e noites treinando com espelhos e telas de *back-projection*, que faziam com que eu me sobrepusesse à imagem de Chaplin e pudesse fazer exatamente os mesmos gestos que ele.

E o sotaque inglês? Era outro detalhe no mínimo essencial.

Bom, eu não diria que foi fácil, ainda mais quando se tem que acertar tantos detalhes numa cena. Quando tudo ia bem comigo, era algum outro problema, continuidade, marcação. Mas Andrew Jack (*professor de dicção*) me ajudou muito, e também o fato de eu ter morado um tempo na Inglaterra.

Chaplin sempre foi uma figura tão conhecida que parecia impossível que alguém pudesse personificá-lo.

Quando eu comecei a trabalhar para valer no roteiro foi que percebi o que tinha pela frente. Comecei a ler as partes em que Chaplin está na Suíça, e a cena começava, "... Chaplin aos 60 anos conversando com seu biógrafo...", ou então "... Chaplin aos 70 anos recebendo um Oscar..."; daí me bateu um pavor instantâneo, pensei, "Deus, por onde eu começo?"

E como foi ao longo das filmagens?

Bom, acho que nessa hora é que Deus entra. Eu sentia como se o próprio Charlie estivesse me guiando, e o fato de Geraldine Chaplin estar no elenco foi um dado importante. Quer dizer, toda a família ajudou, mas sua presença no filme foi como um selo de autenticidade. Além disso, ela é uma atriz maravilhosa.

Esse filme parece traçar uma divisão óbvia entre seu trabalho anterior e o que você pretende fazer de agora em diante.

Esse papel foi um desafio para mim, não só pelo fato de não ser um personagem saído da cabeça de algum roteirista ou escritor, que é basicamente o que eu estava acostumado a fazer, mas também porque Chaplin *é* o filme, e 90% da responsabilidade era minha.

Você ficou satisfeito com o filme?

Existe uma cena em particular que eu gostaria de ter visto na versão final, que é uma discussão entre Chaplin e Joan Barry (*Nancy Travis*): ela ameaça se suicidar e Chaplin consegue acalmá-la; foi uma cena forte, e Nancy é uma ótima atriz. Mas imagino que deve ser difícil para qualquer diretor cortar certas cenas em benefício do filme como um todo. E com todas as mulheres que Chaplin teve... bem, se incluíssemos todas as boas cenas, teríamos no mínimo um épico de seis horas de duração.

Chaplin foi uma experiência e tanto para você, não?

Sem dúvida. Não tenho a menor idéia do que vou fazer agora. Para ser sincero, nem penso em trabalho ainda. Assim que acabarmos de lançar o filme na Europa, quero dormir uma semana seguida e depois tirar longas férias com minha mulher (*Deborah, recém-casados*).

Depois do filme, o que Charles Chaplin passou a significar para você?

Ele é meu ídolo e está no meu sangue.

Você pode imaginar o que aconteceria se Chaplin estivesse ativo agora, em 1993?

Isso até já me passou pela cabeça, mas é difícil pensar nesses termos, porque naquela época não havia ninguém que se comparasse a ele. Talvez hoje, se você pensasse em dois ou três dos mais criativos diretores/produtores em atividade, juntos num só corpo, você poderia ter uma idéia... Mas imagine Chaplin em Hollywood, hoje em dia: ele seria a alma de qualquer festa!

Marinella Setti, de Londres

SET

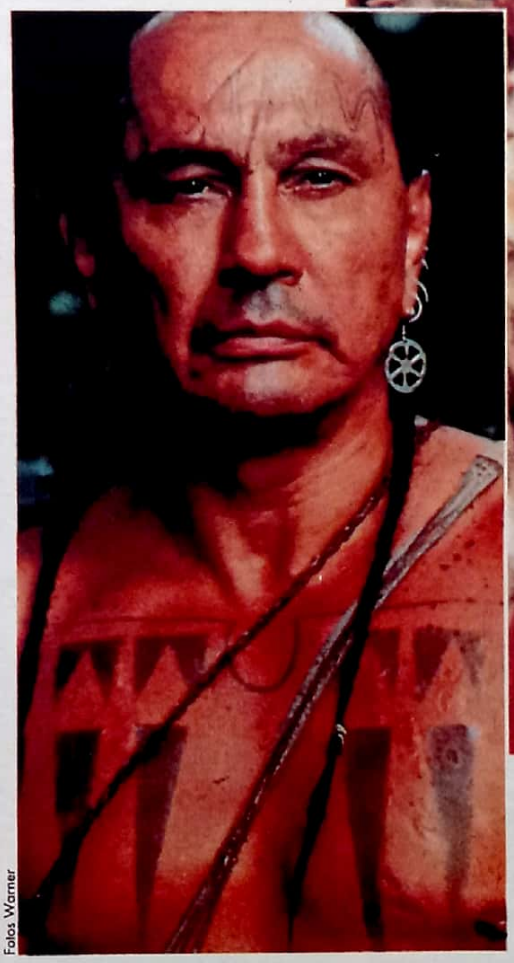
Chaplin, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Richard Attenborough ■ ROTEIRO: Willian Boyd, Bryan Forbes, William Goldman, baseado em *My Autobiography*, de Charles Chaplin, e *Chaplin: His Life and Art*, de David Robinson ■ Com Robert Downey Jr., Dan Aykroyd, Geraldine Chaplin ■ Look Filmes.

Fotos: Look

O ÚLTIMO DOS MOICANOS

Épico Exagerado

Muita ação, pouco sentido e Daniel Day-Lewis bonitão numa versão MTV do clássico



Fotos Warner

Para esquentar e movimentar o romance de Daniel Day-Lewis e Madeleine Stowe, a nova versão de *O Último dos Moicanos* ignorou o clássico da literatura. O diretor Michael Mann preferiu apostar no seguro e recriar uma versão anterior, de 36, com Randolph Scott como Hawkeye

Se o seu negócio for ver Daniel Day-Lewis sem camisa, correndo incessantemente para lá e para cá, bufando com cara de mau, *O Último dos Moicanos* é um prato cheio. Basicamente, é só isso que Daniel faz nessa adaptação ultralivre dos escritos de James Fenimore Cooper, dirigida pelo mesmo homem que deu ao mundo o seriado *Miami Vice*, Michael Mann.

Há, provavelmente, maior parentesco com o filme de 1936, com Randolph Scott no papel do intrépido Hawkeye, do que com o tema original propriamente dito. Quem se lembra da série que passava na televisão, com a tranqüilidade do ator John Hart, vai estranhar essa interpretação atlética *à la* Douglas Fairbanks de Daniel Day-Lewis.

As cenas são bombásticas, ocasionalmente épicas, o que é mais apropriado. Mann nos transporta para a América de meados dos anos 1700, onde se travava uma aliança entre americanos nativos (os índios) e os ingleses para combater o invasor francês, aliado de algumas tribos indígenas.

O diretor orquestra com precisão as cenas de batalha e consegue controlar com rédea curta um roteiro, que ele também escreveu, transbordando de tanta informação histórica e estratégica. Pisque um segundo e você deixa de entender meia hora de filme.

Por que, então, o filme acaba sendo tão pouco convincente? Serão os diálogos afetados demais para uma platéia acostumada aos hot-dogs de celulóide? Ou, então o "romance MTV", como qualificou o *Los Angeles Times*, entre o mestiço Hawkeye (Lewis) e a inglesa Cora Munro (Madeleine Stowe, estonteante, mas só isso)? Ou, por fim, a carga excessiva de ação que atropela qualquer possibilidade de conhecermos melhor os personagens que passam correndo o tempo todo por nossa frente?

José Emilio Rondeau

The Last of Mohicans, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Michael Mann ■ ROTEIRO: Michael Mann e Christopher Crowe, baseado no romance *The Last of Mohicans*, de James Fenimore Cooper ■ Com Daniel Day-Lewis, Madeleine Stowe ■ Warner.

HOFFA

Sindicato do Medo

Jack Nicholson vive o mais temido líder sindical americano

Para o americano, Jimmy Hoffa tem um peso histórico e político semelhante ao de Lula no Brasil. Foi ele quem organizou nos Estados Unidos o poderosíssimo sindicato dos caminhoneiros, os Teamsters, tão fortes que hoje são capazes de paralizar qualquer filmagem.

Mas para os detratores de Hoffa, em vez de líder sindical ele não passaria de um sala-frário corrupto, de um terrorista turrão ligado à Máfia, que no lugar de colocar comida na mesa do trabalhador teria metido a mão grande no fundo de pensão dos motoristas de caminhão.

O diretor Danny DeVito abraça com carinho a primeira versão, graças a um script de David Mamet que apresenta Hoffa como se ele fosse um De Gaulle do povão americano durante a Depressão.

No papel-título, Jack Nicholson navega entre o mediúnico e o caricato – ele consegue ser assombrosamente parecido com o personagem que encarna, mas também tem seus momentos de canastrice absoluta, quando parece estar confundindo Jimmy com o Curinga.

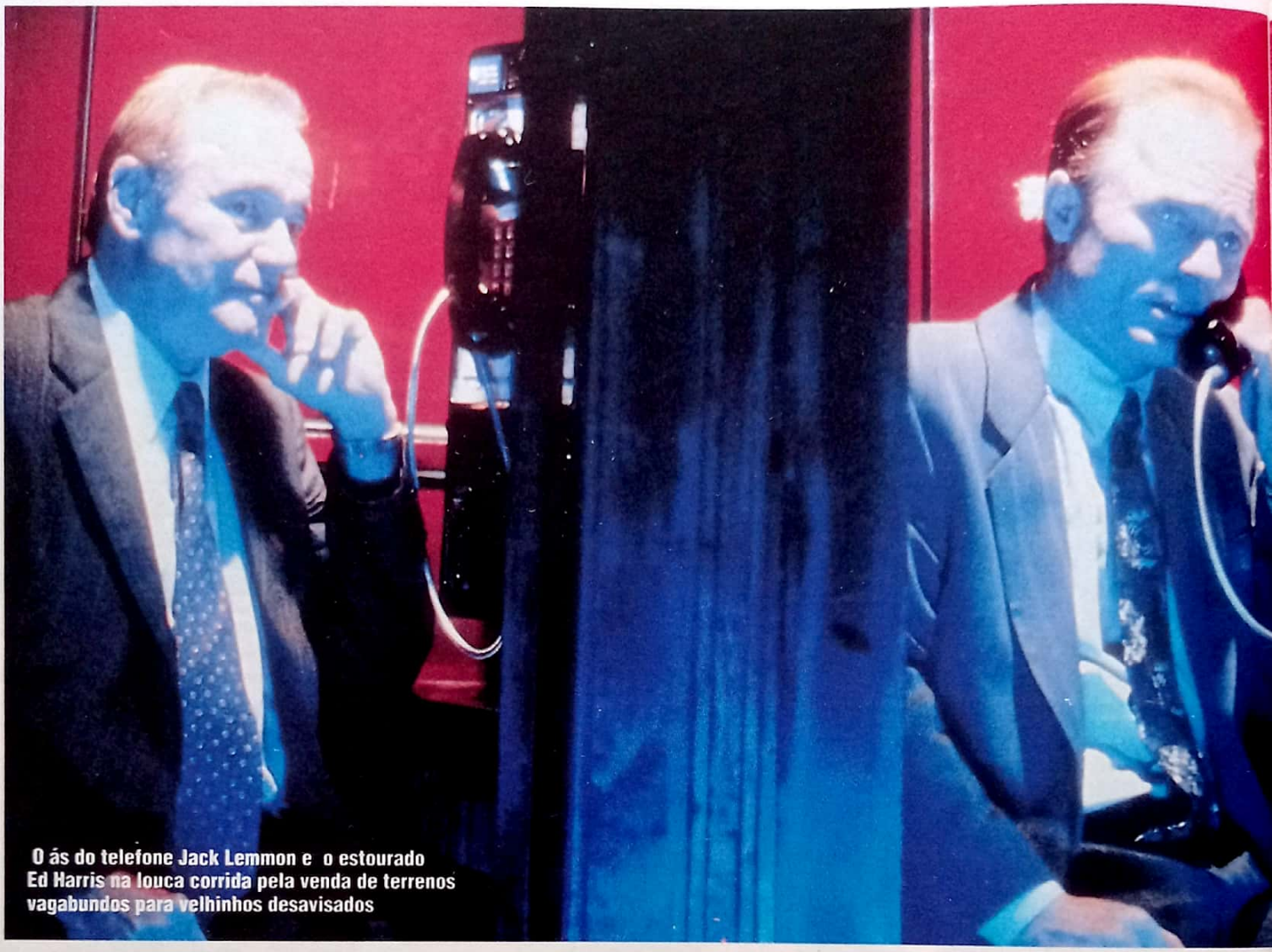
Há muito cuidado com o fato histórico – como os interrogatórios promovidos por Robert Kennedy, em plena caça a Hoffa. Mas DeVito e Mamet se permitem conjeturar a respeito do fim que Hoffa teria levado: ele sumiu em 1975, e nunca acharam um cadáver que pudesse ter sido identificado como sendo dele.

J.E.R.

Hoffa, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Danny DeVito ■ ROTEIRO: David Mamet ■ Com Jack Nicholson, Danny DeVito, Armand Assante ■ Fox Filmes

Fotos Fox Filmes

Depois da maquiagem pesada que usou como Curinga, parece que Nicholson viciou em esconder sua face. Para ficar ainda mais parecido com o personagem real Jimmy Hoffa, ele usou um nariz falso



O ás do telefone Jack Lemmon e o estourado Ed Harris na louca corrida pela venda de terrenos vagabundos para velhinhos desavisados

Loock Filmes

O SUCESSO A QUALQUER PREÇO

Tudo por Dinheiro

Duelo de astros pode render um Oscar para Jack Lemmon

O roteirista e dramaturgo David Mamet tem especial simpatia pelos pobres-diabos, e é dono de um talento perverso que faz com que nos importemos por eles, por mais que o mundo desses pés-rapados de quem Deus se esqueceu nada tenha a ver conosco ou nos interesse de alguma maneira, por mais que, desde o início, já saibamos que o destino desses personagens não possa ser outro que não a danação.

Através de diálogos pontuados de repetições da mesma palavra, invariavelmente incisivos, através de solilóquios angustiados, Mamet torna fascinante e, portanto, quase hipnótico, o sofrimento dos perdedores sem chance.

O Sucesso a Qualquer Preço é o nome do filme adaptado da peça homônima (*Glengarry Glen Ross*), escrita por Mamet e encenada em 84, quando ganhou o prêmio Pulitzer, e agora reorganizada por ele em forma de roteiro para cinema, dirigido por James Foley (*Quem É essa Garota?*). E também é como se chama o empreendimento imobiliário usado como cenoura pelos chefões da firma para motivar seus vendedores, todos perdedores, em graus diferentes, mas igualmente perdedores.

Quem conseguir a façanha de vender o maior número de lotes dos terrenos vagabundos e sem valor que a firma pretende empurrar para cima de velhinhos desavisados – e é para isso que foram treinados esses vendedores, para convencer o cliente de que o lixo que vai comprar é um luxo – ganha o "direito" de vender os mais desejáveis lotes, e portanto mais fáceis de se comercializar.

É em torno dessa competição de vendas que Mamet nos apresenta os sete personagens principais da história: o supervisor de vendas (Kevin Spacey), o consultor yuppie e sem pingo de compaixão (Alec Baldwin, perfeito), o comprador arrependido (Jonathan Pryce) e os quatro vendedores (Jack Lemmon, Al Pacino, Ed Harris e Alan Arkin) que disputarão, no decorrer do filme, os "prêmios" da competição: um atomóvel de luxo, um conjunto de facas para cortar carne. O prêmio de consolação para o último colocado é o olho da rua, puro e simples.

Cada um dos vendedores tem suas qualidades e seus obstáculos particulares: Ricky Roma (Pacino) hipnotiza os cli-

entes, mas fisgou uma vítima que precisa da autorização da mulher antes de finalizar qualquer transação; Shelley Levine (Lemmon) é um ás do telefone, mas está numa fase de má sorte e sente-se ainda mais pressionado pelas contas hospitalares da filha internada; Dave Moss (Harris) tem motivação, mas é estourado, volátil; George Aaronow (Arkin), bem, este nem sabe direito se quer ser vendedor. Mas todos têm algo em comum: precisam ralar; ou então, morrer.

Diante desse panorama, os quatro já entram em campo sabendo que, fatalmente, dois deles já estão com os dias contados. Resta ver quais deles serão os sobreviventes. E, para tanto, vale tudo. Rigorosamente tudo. *O Sucesso a Qualquer Preço* tem o que se chama "elenco-conjunto", grupo de atores que, por força da história, não apresenta destaques individuais; todo o trabalho é feito para fortalecer o conjunto, sempre. Mas é Jack Lemmon (Melhor Ator no Festival de Veneza em 92) quem brilha o filme inteiro, com o único desempenho masculino capaz de tirar o Oscar esse ano de Denzel Washington e Clint Eastwood.
J.E.R.

Glengarry Glen Ross, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: James Foley ■ ROTEIRO: David Mamet, apartir de sua peça homônima ■ Com Al Pacino, Jack Lemmon, Alec Baldwin, Ed Harris, Jonathan Pryce, Alan Arkin, Kevin Spacey ■ Look Filmes

A MULHER DO SOLDADO

Terrorismo e Amor

Diretor de *Mona Lisa* triunfa com elenco desconhecido

Nada é o que parece em *A Mulher do Soldado*. Através de uma narrativa de mestre, em que uma sucessão de surpresas tira o fôlego até da pessoa mais atenta, observadora e astuta, desnorteando todo mundo no cinema, o roteirista e diretor irlandês Neil Jordan convida o público para um tipo de filme apenas para oferecer, no final dos créditos de encerramento, uma experiência bem mais variada e rica do que o proposto inicialmente.

A Mulher do Soldado não é exatamente, e nem tão-somente, um thriller político, apesar de seu estopim ser o seqüestro político de um soldado inglês (Forest Whitaker) por um grupo do IRA, do qual fazem parte o militante desiludido Fergus (Stephen Rea) e sua beligerante e violenta parceira de terrorismo (Miranda Richardson). O cativeiro do soldado dá início a um relacionamento fraterno entre refém e futuro carrasco que leva Fergus, mais tarde, a procurar a ex-namorada da vítima e com ela se envolver, depois que o terrorista mergulha na clandestinidade para escapar às autoridades e às garras exigentes do IRA.

A partir daí, graças a uma revelação desconcertante para o protagonista e para o público – e, acredite, essa revelação muda *tudo* no filme, principalmente o ponto de vista de todos nós –, a jornada de Fergus pára de ser apenas uma reavaliação das convicções políticas e humanistas do militante e transforma-se num estudo de amor, dedicação e fidelidade.

É no mínimo hipnótica a representação de Jaye Davidson, a Dill do filme – cabeleireira, cantora de cabaré e prostituta ocasional que era a namorada do soldado e que, agora, vira o objeto de desejo e obsessão de Fergus. Jordan faz com que nos apaixonemos por ela, mesmo que ela se revele alguém por quem nem todos se apaixonariam, homens especialmente. Ela é o achado do elenco – ainda mais nos momentos em que contracena com Rea, sempre eletrizantes e encharcados de sensualidade. De vítima passiva das circunstâncias que a cercam, ela vira a agente de seu próprio destino e do de Fergus, num clímax triangulado por Fergus, Dill e a terrorista, que reaparece na vida dele. Com todo o crédito devido a Rea e a Richardson, o filme é de Davidson.
J.E.R.

The Crying Game, Inglaterra, 1992 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Neil Jordan ■ Com Stephen Rea, Miranda Richardson, Forest Whitaker, Jaye Davidson ■ Look Filmes

O soldado Whitaker cai nas mãos do militante desiludido Rea

Loock Filmes

GANDAHAR

Viagem Filosófica

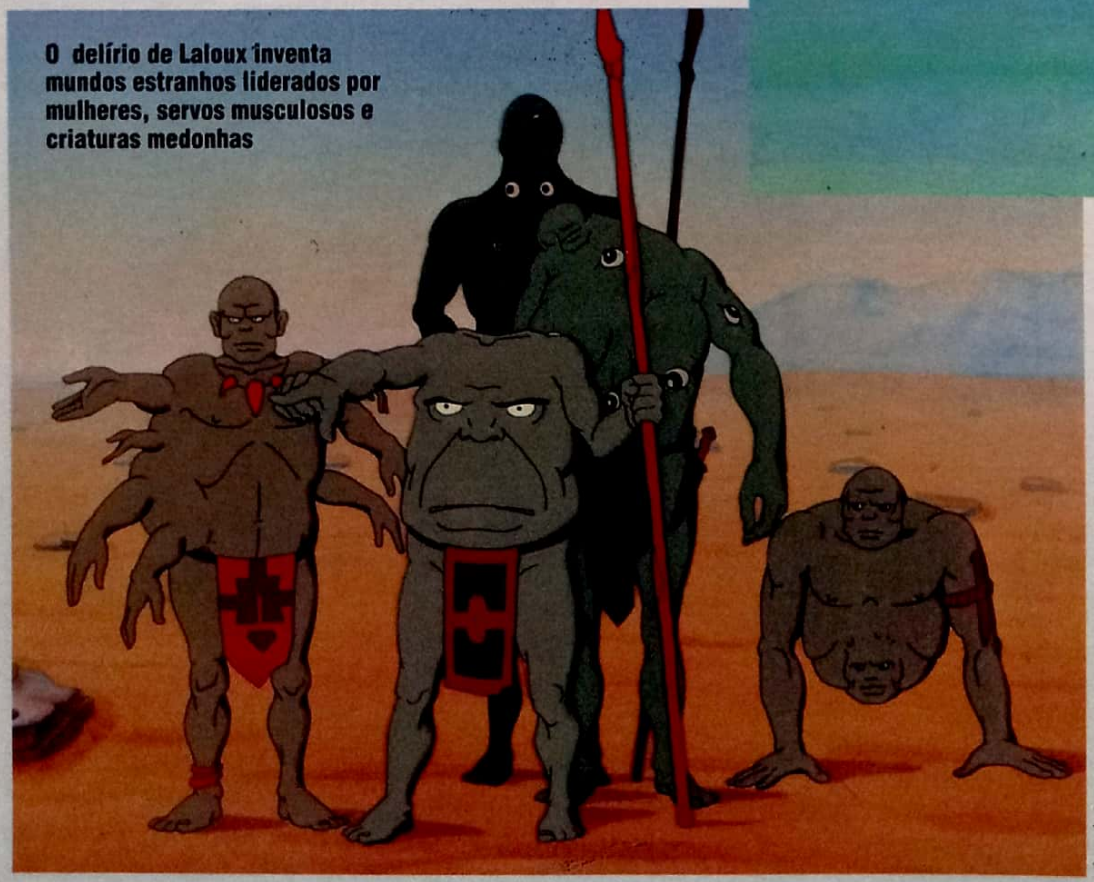
Desenho francês retoma epopéia psicodélica de *Planeta Selvagem*

As marcas características do animador parisiense René Laloux estão aqui presentes, como em *O Planeta Selvagem* e *O Garoto do Espaço*. Os desenhos de Laloux sempre se passam em mundos imaginários, sem definição temporal e de concepção visual arrebatadora e psicodélica, forte herança da geração 68.

A história de Gandahar não foge ao esquema. Realizado em 1987, mas lançado apenas quatro anos depois, o diretor cria o mundo-título, a terra do prazer de viver e de amar, governada por Ambisextra e por seu Conselho de Mulheres, localizado numa cidade móvel com as formas de um corpo feminino.

É neste universo idílico que uma grande ameaça paira com as intermináveis invasões de exércitos de "homens-metais", vítimas de malsucedidas experiências genéticas. Syl, um belo e jovem servo, é enviado por Ambisextra para resolver a ameça às fronteiras de Gandahar. Ele conhecerá povos esquecidos, entidades superiores, portões dimensionais e uma aventura que se estenderá por séculos de hibernação.

O delírio de Laloux é sempre uma "viagem", com personagens exóticos e idéias surpreendentes. Neste aspecto, o filme é digno da carreira do diretor.



O delírio de Laloux inventa mundos estranhos liderados por mulheres, servos musculosos e criaturas medonhas

Filmes do Estação

Se a obra entretém os fãs dos desenhos e quadrinhos adultos tipo *Heavy Metal* – e neste sentido ela funciona, graças aos desenhos do ilustrador francês Caza – ,ela não deixa de ser uma repetição da mesma fórmula de seus filmes anteriores. Com o agravante de se deter em um roteiro nem sempre muito claro – interessante, mas pouco memorável.

Christian Petermann

Gandahar, França, 1987 ■ DIREÇÃO e ROTEIRO: René Laloux, baseado no romance *Les Hommes-Machines contre Gandahar*, de Jean-Pierre Andrevon ■ DESENHOS ORIGINAIS: Philippe Caza ■ Filmes do Estação

RENASCIDO DAS TREVAS

Gótico Moderno

Diretor de A Volta dos Mortos-Vivos atualiza H.P. Lovecraft

Dan O'Bannon não é estranho aos fãs de terror. São dele os roteiros do primeiro *Alien*, de *O Vingador do Futuro* e *Trovão Azul*; e também a direção do pastiche punk *A Volta dos Mortos-Vivos*.

Agora finalmente ele volta à sua especialidade. Escolheu uma base sólida: o conto The Case Of Charles Dexter Ward, de H. P. Lovecraft, grande escritor gótico americano do início do século que já havia inspirado *Re-Animator*.

Por causa de seu orçamento reduzido, *Renascido das Trevas* foi obrigado a trazer para os dias de hoje a história do médico que busca a imortalidade, possuído pela alma de um antepassado bruxo. Pena: é o tipo de história que pede becos escuros, lampiões de gás, bisturis afiados, bacias de sangue – e se possível, Peter Cushing. Em vez disso, O'Bannon teve que se virar com um elenco obscuro (com exceção de Chris Sarandon, bem como o vilão Ward), pouco dinheiro e filmagens no Canadá.

Mas seu amor pelo material (Lovecraft é, para ele, o escritor mais assustador), junto com a capacidade do mestre dos efeitos especiais Todd Masters (*O Predador* e *A Hora do Pesadelo 5*), garantem o tom de terror clássico. Em especial, as seqüências nas catacumbas de Charles Dexter Ward, que trazem à vida os piores pesadelos do pintor Francis Bacon. Quantos diretores por aí entendem de artes plásticas e de apavorar o público?

André Forastieri

H.P. Lovecraft's The Ressurrected, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO:Dan O'Bannon ■ ROTEIRO: Brent V. Friedman, baseado no conto "The Case of Charles Dexter Ward", de H.P.Lovecraft ■ Com Chris Sarandon, John Terry, Jane Sibbett ■ Look Filmes

Foto: Look Filmes

Columbia TriStar

Virginia Madsen como a corajosa e determinada antropóloga

MISTÉRIO DE CANDYMAN

Horror Soporífero

Outra adaptação de Clive Barker que não assusta, nem diverte

O *horrormeister* Clive Barker sofre da "síndrome de Stephen King", uma doença que resulta em expectativas frustradas. Do público, quer dizer. Apenas muito raramente seus livros são bem adaptados para o cinema. Até agora, no caso dos livros de Barker, foi apenas um: o primeiro da série *Hellraiser*.

Esse *Mistério de Candyman*, apesar de ser um projeto arrojado que em algumas instâncias aprimora até o conto original em que se inspira (afinal, no livro *In The Flesh*, de 1986, foram dedicadas apenas 60 páginas a "The Forbidden"), também deixa na mão quem sofre com a falta de um filme de terror bom do começo ao fim.

A tentativa é honrosa, porém, com a trama básica sendo transportada de Liverpool (como era no livro) para a periferia de Chicago, onde uma figura legendária aterroriza a vizinhança há séculos: Candyman (O Baleiro), um ex-escravo com um afiado gancho ensangüentado no lugar de uma das mãos, que ronda em busca de vítimas "voluntárias", é um bom exemplo de mitologia urbana contemporânea.

O ator Tony Todd faz o que pode para dar dignidade e peso a seu personagem, mas suas aparições são tão poucas e mal dirigidas que não contrabalançam o desempenho quase sonâmbulo de Virginia Madsen, no papel de uma antropóloga determinada a saber tudo sobre o Candyman. Mas Clive Barker não pode chiar: ele é o produtor executivo desse filme, o que nos leva a crer que no mínimo concorda com o que está na tela.

J.E.R.

Candyman, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO e ROTEIRO: Bernard Rose, baseado no conto *The Forbidden*, de Clive Barker ■ Com Virginia Madsen, Tony Todd ■ Columbia TriStar

A PROSTITUTA

Fale Sujo Comigo

A intimidade doída de uma *escort girl*, por Ken Russel

Europa Carat

A carnuda Theresa Russell como uma talentosa meretriz

Finalmente Ken Russel nos brinda com um filme em que os seus habituais exageros de linguagem estão todos contidos. Quem já experimentou a pompa de *Viagens Alucinantes*, *Tommy* e *Lisztomania*, vai estranhar o despojamento com que ele trata a profissão tida como a mais antiga do mundo.

Sem fazer elegia, Ken mostra como é dura a vida de uma prostituta. A puta, eficientemente interpretada por Theresa Russell (*O Mistério da Viúva Negra*), não cai na autocomiseração. Ao contrário, encara os percalços com bom humor, antídoto para o sofrimento cotidiano.

A Prostituta não parece um filme inglês. Pelo tratamento descontraído, está mais próximo daquelas comédias italianas carregadas de tragédias, mas que nunca desaguam no apocalipse total.

Theresa Russell ganha a simpatia e cumplicidade do espectador ao conversar/confidenciar o tempo todo com a câmera, indicando, por tabela, como é solitária a vida de uma prostituta. Também é um divertido artifício de Ken Russell que, dessa forma, satisfaz o *voyeur*, levando-o através de uma viagem insólita como convidado onipresente da meretriz.

Walter de Silva

Whore, Inglaterra, 1991 ■ DIREÇÃO e ROTEIRO: Ken Russell, baseado na peça *Whore*, de David Hines ■ ROTEIRO: Com Theresa Russell, Benjamin Mouton ■ Europa Carat

THE MIGHTY DUCKS

Hóquei Careta

Adulto demais para criançada, bobo demais para os pais

O diretor é o mesmo de *Bill e Ted – Uma Aventura Fantástica* e *Critters*, mas não chegue ao cinema esperando encontrar as pirações besteiroladas que elevaram Keanu Reeves à categoria de gato debilóide internacional, tampouco pense que irá ver um festival de terror humorístico.

Aqui, Stephen Herek dança conforme a música, e como o "maestro" é Jeffrey Katzemberg, o todo-poderoso dos estúdios Disney que garimpa "entretenimento familiar" com determinação, você já sabe o que esperar.

The Mighty Ducks é cinema careta, digamos assim, feito conforme o figurino de Jeffrey: o bem, claro e indiscutivelmente, triunfa sobre o mal.

O bem aqui é personificado pelo time de hóquei no gelo que dá título ao filme, formado por um bando de garotos nada talentosos, que vira estrela nas mãos do técnico Gordon Bombay (Emilio Estevez).

Depois de adulto, Gordon se transformou num advogado arrogante e sem coração. Ex-ás do esporte, segue a tática de seu antigo técnico, dado a impor humilhações a seus comandados para que o time vença a qualquer preço.

The Mighty Ducks não chega a ser ofensivo aos neurônios adultos, mas tem temas maduros demais para atrair a garotada que seria, imagina-se, o seu público-alvo.

J.E.R.

The Mighty Ducks, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Stephen Herek ■ ROTEIRO: Steven Bril ■ Emilio Estevez, Joss Acland, Lane Smith ■ Columbia TriStar

Columbia TriStar

Emilio Estevez e seus comandados pouco talentosos

PRIMO BOBBY

Álbum de Família

Documentário de Jonathan Demme retrata seu primo padre

Filmes do Estação

Reverendo Robert, o primo ativista de Demme

Quem diria, depois de apavorar todo mundo com O Silêncio dos Inocentes, Jonathan Demme deu uma pequena guinada nos temas ficcionais e resolveu partir para um documentário familiar. O Bobby do título é o reverendo Robert Castie, um ministro sexagenário da Igreja Episcopal de St. Mary no Harlem, em Nova York, e primo do diretor.

Em 1989, Demme havia recebido o convite de uma produtora hispânica para compor uma série de documentários realizados por vários diretores do mundo todo. O nome do projeto: Filmando a Realidade. O diretor aproveitou, não apenas para retratar a biografia de seu primo Bobby, um reverendo ativista de fortes convicções sociais, mas também para fazer uma reportagem jornalística sobre a vida cotidiana do bairro do Harlem e, conseqüentemente, a realidade americana.

Figura excêntrica e de personalidade carismática, o reverendo Bobby é capaz de organizar uma missa num cruzamento movimentado apenas para chamar a atenção para uma perigosa cratera que a prefeitura de Nova York parece ignorar; exigir semáforos em avenidas que oferecem risco de vida para pedestres; e organizar imensas passeatas com comícios para o combate ao superestruturado comércio de drogas local. Entre uma atividade social e outra, Bobby celebra casamentos, batizados e coisas corriqueiras de qualquer reverendo. Mas o calibre militante deste ministro é mostrado pelas câmeras de Demme com um vigor impressionante.

Sempre aparecendo ao lado do primo, Demme costura o aspecto social com o familiar, dando não apenas o perfil privado de Bobby, mas inserindo-se também neste contexto. O documentário satisfaz uma outra curiosidade do espectador: o de compartilhar o ambiente com os parentes do diretor, com direito a troca de confidências e fotografias antigas. Primo Bobby é um documentário muito simpático com destaque para a seqüência final em que Demme editou um videoclip rap sensacional com os principais distúrbios de ruas ocorridos na história dos Estados Unidos.

W.S.

Cousyn Bobby, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO e ROTEIRO: Jonathan Demme ■ Com Robert Castle, Jonatham Demme ■ Filmes do Estação

BOLSA DE CINEMA

FILME DO MÊS: *Branca de Neve e Os Sete Anões* (Warner)

Não tem jeito, sempre que aparece uma animação assinada pelos estúdios Disney no páreo os críticos não poupam notas: o clássico *Branca de Neve e Os Sete Anões* faturou alto.

		Rubens Ewald Filho TV A Fitmes	Leon Cakoff Mostra de Cinema de São Paulo	Eva Joory O Globo	Marcelo Maia Jornal do Brasil	Marcelo Franca Mendes Mostra Banco Nacional	Luis Carlos Merten O Estado de São Paulo	Christian Petermann Guia de Vídeo Nova Cultural	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	José Emílio Rondeau SET	Ignácio Araújo Folha de São Paulo	Média
1º	*Branca de Neve e Os Sete Anões* (Warner)	10	8	9	9	8	9	9	9	8	9	8,80
2º	*Leolo* (Filmes do Estação)	10	9	7	8	8	4	-	7	-	-	7,57
3º	*Drácula de Bram Stoker* (Columbia TriStar)	6	-	7	10	-	5	7	5	10	-	7,14
4º	*Questão de Honra* (Columbia TriStar)	7	-	8	-	6	7	6	7	7	7	6,87
5º	*Quebra de Sigilo* (UIP)	8	-	7	-	-	6	6	7	8	6	6,85
6º	*Esqueceram de Mim 2* (Fox)	7	-	6	8	-	6	6	7	8	5	6,62
7º	*Mulher Solteira Procura* (Columbia TriStar)	6	-	9	7	5	5	7	5	8		6,50
8º	*Uma Lição de Amor* (Art Films)	-	-	7	7	5	6	-	-	-	-	6,25
9º	*Vício Frenético* (Top Tape)	6	8	2	-	5	7	-	7	-	7	6,00
10º	*Escute Minha Canção* (Look Filmes)	5	7	-	-	4	5	6	6	8	-	5,85

O Pior dos Diretores

Como um diretor incompetente, amadorístico e maluco se tornou uma lenda do cinema

Você provavelmente nunca ouviu falar de Edward D. Wood Jr. Nenhuma enciclopédia sobre cinema traz mais do que duas linhas de biografia sobre esse obscuro diretor, produtor e ator.

Ignorado pelos fãs do cinema de arte, Ed Wood é uma verdadeira lenda do cinema B. Seu nome está diretamente associado com o que de mais incompetente, despretensioso e amadorístico o cinema já produziu até hoje. Ed dirigiu o maior cult movie da história, *Plan Nine from Outer Space*, uma aberração de quinta categoria sobre vampiros extraterrestres que pousam na Terra.

Para a geração pós-David Lynch, que acha que cult é qualquer filme com elementos bizarros, *Plan Nine* não passaria de um simples lixo. É um lixo, sim, só que carregado de um charme pessoal, que o torna único e adorado.

A vida de Ed Wood daria um excelente roteiro para um capítulo de *A Vingança do Bastardo*, aquela historinha linda que saía no *Planeta Diário*, lembra? Ed foi herói de guerra, matou um monte de japoneses e ganhou medalhas a dar com pau. Só que era travesti, um bissexual que tinha uma namorada mas que foi abandonado pela moça porque ela não agüentava "sair na rua com o namorado vestido de mulher".

E isso e só o aperitivo. Em trinta anos de carreira no cinema, na TV, no teatro e até na literatura, Ed não recebeu um único elogio da crítica. Tudo que ele fazia era vaiado e malhado impiedosamente. Se não tinha talento, pelo menos perseverança não lhe faltava. Dirigiu filmes e peças com pouco (às vezes nenhum) dinheiro. Tinha a coragem de filmar roteiros absurdos e escrevia diálogos incompreensíveis, que eram lidos por atores de talento zero. Mas Wood fazia tudo com uma seriedade tão grande que as pessoas até o levavam a sério.

Ed dirigiu seu primeiro filme em 53, *Glen ou Glenda*, na verdade uma história autobiográfica sobre um homem que se travestia e que queria mudar de sexo. Antes disso, havia atuado em peças em troca de comida e dirigiu alguns obscuros episódios de aventura para a TV. Em *Glen ou Glenda*, Ed contou com a participação de um grande ator, na época esquecido por Hollywood: Bela Lugosi.

Depois do sucesso de *Dracula* nos anos 30, Lugosi foi relegado ao ostracismo e sobrevivia fazendo aparições em lojas e clubes vestido de vampiro. Wood resgatou o velhinho desempregado e lhe deu um papel de destaque em *Glen ou Glenda*: ele interpretava uma espécie de ser divino, que por um vagabundo efeito de tela partida fingia guiar a vida dos homens como marionetes. Foi o começo de uma grande amizade entre os dois.

Wood resolve se voltar para a produção de filmes de terror e ficção científica. Filma *Jailbait* e *Bride of the Monster*. Em 55, Lugosi é hospitalizado por consumo de heroína. Assim que ele sai do hospital, Wood filma com ele algumas cenas de um enterro. Parece até que tinha previsto a tragédia: em 16 de agosto de 56, Lugosi morre de um ataque do coração.

Wood resolve usar as cenas de Lugosi em sua próxima produção, *Plan Nine from Outer Space*. Como só havia filmado cerca de seis minutos com Bela, se viu obrigado a improvisar um dublê para interpretar o personagem no "resto" (95%) do filme. Só havia um problema: o cara não tinha nada a ver com Lugosi. Solução

Nesta página, Ed Wood com Bela Lugosi em *Glenn or Glenda* e o cartaz original do filme. À esquerda, o vídeo com a história de *Plan Nine* e os *cards* para colecionar com os personagens, desenhados por Drew Friedman

encontrada: o coitado passa 75 minutos atuando com uma capa cobrindo o rosto.

Plan Nine, já dá para notar, é incrível. Começa com um plano fechado no rosto do vidente Criswell. Ele começa a narração: "Saudações, meu amigo. Nós todos estamos interessados no futuro, porque é lá que vamos passar o resto de nossas vidas. E lembre-se, amigo, eventos futuros como esse irão nos afetar no futuro. Você está interessado no desconhecido, no misterioso, no inexplicável, e é por isso que você está aqui. E agora, pela primeira vez, nós estamos mostrando a história do que aconteceu... naquele dia amaldiçoado".

Daí em diante, são 79 minutos de uma história absurda, que mistura zumbis espaciais, extraterrestres homossexuais e policiais atrapalhados – entre eles o hoje cultuadíssimo Tor Johnson. Se fosse uma comédia, não teria graça nenhuma. Mas é sério, ingênuo e divertido.

Por 36 anos, *Plan Nine from Outer Space* vem surpreendendo gerações de cinéfilos. A cada sessão do filme se descobrem novos defeitos, partes do cenário que se movem, sombras de câmeras e técnicos atrapalhando a cena, dublagens ordinárias, grosseiros erros de continuidade e detalhes absurdamente amadorísticos.

Discos voadores passam voando por cima de Hollywood. Na verdade, são modelos de armar, encontráveis em qualquer loja de brinquedo. No avião que avista as naves, a cabine dos pilotos é separada dos passageiros por uma cortina de banheiro. Só vendo para crer.

E muita gente viu. Joe Dante, diretor de *Gremlins,* é um fã confesso. Sam Raimi, diretor da série *Evil Dead* e de *Darkman*, também. A fama de *Plan Nine* se multiplicou em 78 quando o livro *Golden Turkey Awards* (Prêmio Peru de Ouro), escrito por Harry Medved, escolheu o filme de Wood como o pior da história do cinema.

Depois de *Plan Nine*, Wood só dirigiu um filme que mereça destaque: *Night of the Ghouls*, com a bonita Valda Hansen e com o imenso Tor Johnson. Nos anos seguintes dirigiu pornochanchadas, faroestes vagabundos e até filmes de motoqueiros, na cola de *Easy Rider*. Enquanto isso, escrevia um livro atrás do outro. De 63 a 74, assinou mais de cinqüenta, de romances eróticos com pitadas de terror *(Devil Girls)* a histórias sobre marginalidade gay *(A Morte de um Travesti)*.

Ed Wood era incompetente também nos negócios. Freqüentemente trabalhava por uma miséria. Em 78, pobre e desempregado, foi despejado de seu pequeno apartamento em Hollywood, onde morava com a mulher. Três dias depois, morreu de um ataque do coração.

Ed deixou inacabados filmes que poderiam vir a ser tão famosos e cultuados como *Plan Nine From Outer Space*. Em 57, abandonou o projeto de *Os Mortos Nunca Morrem*, baseado numa história escrita pelo vidente Criswell. Um ano antes, chegou a filmar dez minutos de *Rock and Roll Hell*, sua homenagem a *Rebelde Sem Causa*, mas o produtor George Weiss não gostou do resultado e entregou o roteiro a outro diretor. Com certeza, perdeu toda a graça.

Em 63, Wood foi obrigado a largar o projeto de um clássico em potencial, *O Ataque do Salame Gigante (Attack of the Giant Salami)*, também conhecido como *Operação Salame*. O elenco reuniria Boris Karloff e Valda Hansen, mas Wood não arrumou a grana necessária para fazer o filme.

Outros projetos abandonados por Wood foram *Os Jogadores de Basquete* (73), uma mistura de pornô, terror e drogas, com gigantes de 2 metros sendo assassinados em vestiários amaldiçoados, e O *Dia em que as Múmias Dançaram* (76), que seria filmado no México. Wood não arrumou a verba, e o mundo ficou sem várias obras-primas.

Em 92, o escritor Rudolph Grey publicou a biografia de Ed Wood, *Nightmare of Ecstasy (Pesadelo de Êxtase)*. É leitura obrigatória para todos que se interessam pela história do cinema B e Hollywood, além de ser um relato impressionante de uma das mais controvertidas e ímpares figuras do cinema.

André Barcinski

SET

O Reencontro

O elenco de *Plan Nine* se une para homenagear Ed Wood

No final de novembro de 92, uma festa em Hollywood celebrou o lançamento de *Flying Saucers Over Hollywood – The Plan Nine Companion*, vídeo que conta a história do filme mais cultuado do cinema. Mais cult que o vídeo, só a festa em si.

Velhos companheiros de Ed Wood, atores, produtores e muita gente famosa pintaram. Membros de bandas de rock como os Misfits e Fuzztones babavam de emoção ao pedir autógrafos para atores sessentões como Vampira, Valda Hansen e Paul "Kelton the Cop" Marco.

André Barcinski

No sentido horário: Paul Marco (de quepe), Mark Carducci (diretor do vídeo *Flying Saucers...*), Vampira (acima, no filme), Lee Hans (co-diretor), Valda Hansen e Harry Thomas

Valda Hansen usava a mesma blusa decotada que deixou os cinéfilos babando em *Night of the Ghouls*, de 1958. Estava realmente emocionada com a homenagem a Wood.

Vampira parecia uma simpática dona de casa e em nada lembrava a assanhada gótica de *Plan Nine*.

Paul Marco tentava convencer todo mundo a entrar para seu fã-clube, liderado por sua mulher.

Harry Thomas, mestre de (de)efeitos especiais de *Plan Nine*, comparava Wood a Roger Corman, com quem trabalhou em *A Pequena Loja dos Horrores*: "Os dois eram igualmente talentosos, só que Roger teve mais sorte e hoje está aí, rico, famoso e milionário. Ed merecia um reconhecimento maior".

A.B.

Para comprar *Plan Nine From Outer Space*, escreva para a distribuidora Something Weird: Seattle, EUA, Mike Vraney, PO Box 33664 Seattle, WA 98133. Para comprar o vídeo *Flying Saucers Over Hollywood – The Plan Nine Companion*, mande US$ 24.95 (mais as despesas do correio) para Atomic Pictures, P.O. BOX 15824, North Hollywood, Ca. 91615-5824, EUA.

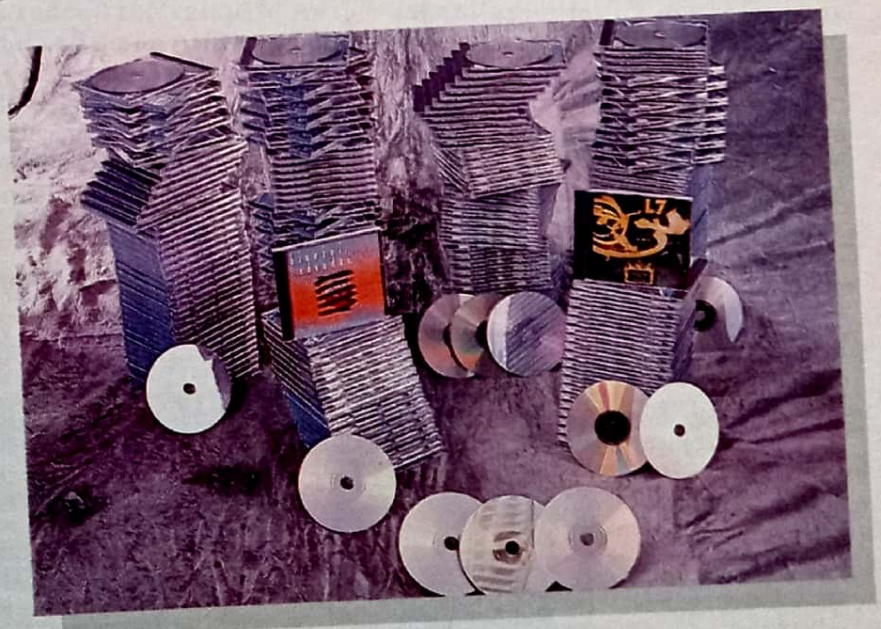
CHEGOU A SUPERPROMOÇÃO

ROCK'N PRÊMIOS

Você já sai ganhando com esta promoção. Abra o envelope que está em Bizz e ganhe adesivos coloridos com símbolos das maiores bandas de rock do mundo.

E MAIS: ACHOU GANHOU!

3.000 CDs para você em 3 meses de promoção - 1.000 por mês. Encontre o vale-brinde e ganhe!



JÁ NAS BANCAS.

BIZZ

EDITORA AZUL

P. nº 101680097322/92-06

Tecnologia Alucinógena

Os freqüentadores de locadoras em breve poderão "experimentar" um aparelho diferente: a Máquina dos Sonhos, que serve tanto para relaxar como para divertir

Eu entrei e sentei. Melhor, deitei. Me grudaram nos olhos uma espécie de óculos de sol, só que no lugar das lentes havia várias micro-lâmpadas verdes e vermelhas. Nos ouvidos, um fone. Aí, ligaram um aparelho de onde começou a sair um som cuja freqüência vibrava numa certa velocidade. Ao mesmo tempo, as luzinhas começaram a piscar rapidamente. Me pareceu que cem capas de discos psicodélicos estavam passando por segundo na minha frente. Era como um caleidoscópio funcionando na velocidade da luz. Depois de alguns minutos, deu para esquecer o mundo lá fora e me senti flutuando. Quando voltei à realidade, dez minutos depois, estava com o corpo totalmente mole.

Droga nova no mercado? Nada disso, trata-se da Máquina dos Sonhos, ou Dream Machine, a viagem mais *clean* que você pode fazer.

O kit é simples: o visor e os fones, ligados num aparelho que pode ter até vinte programas diferentes de som e luz. O segredo está no que as seqüências fazem: induzem as ondas cerebrais a planos de consciência específicos do relaxamento à hiperatividade.

Para se ter idéia, no estado normal de consciência (conhecido como Beta) elas ficam entre 14 e 33 ciclos/segundo. No famoso estado Alpha (relaxadão, meio dormindo meio acordado) as ondas oscilam entre 9 e 13 ciclos. O Delta é o sono profundo, quando as ondas ficam entre 1 e 3 ciclos.

Fotos Synetic Systems

O programa que experimentei era de relaxamento. Funcionou melhor que uma overdose de Maracugina.

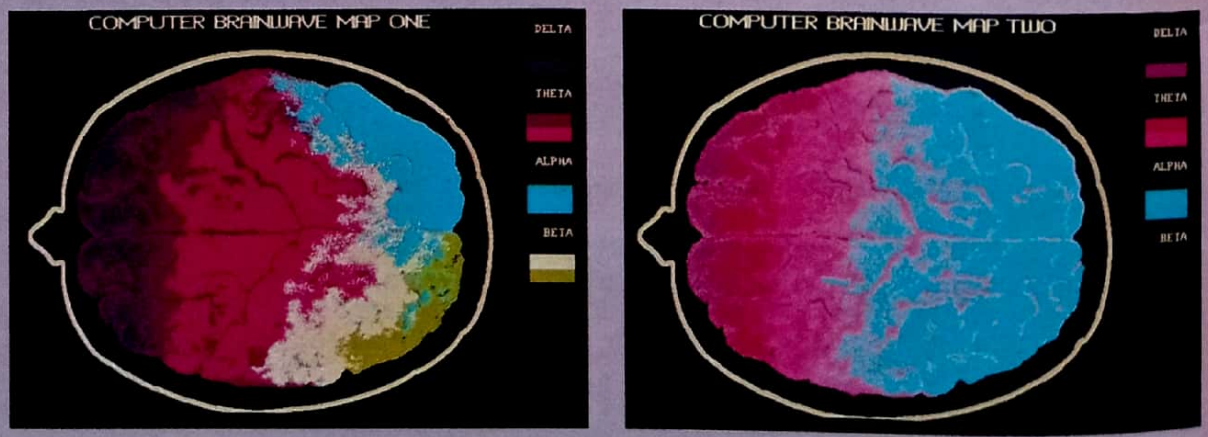
A Máquina dos Sonhos é conhecida nos EUA como Brain Machine (máquina do cérebro). Seu uso lá e na Europa é bastante difundido, sendo usado desde para diversão em casas noturnas até tratamento da insônia e stresse. O maior fabricante do mundo é a Synetic Systems, do Vale do Silício na Califórnia.

Os representantes da Synetic no Brasil pretendem difundir o aparelho através das locadoras. Pense na possiblidade. Você não precisa mais apelar para aqueles filmes de arte suecos quando quiser algo diferente. Basta alugar uma Máquina dos Sonhos.

Se você ficou interessado nesta viagem diferente (e que não faz mal para a saúde), ligue para (011) 36-5676 e bom divertimento.

Camilo Rocha

SET



Mapeamento das ondas cerebrais antes e depois do uso da máquina: à esquerda, o cérebro em condições normais e, à direita, "relaxadão"

Rebeldia Nota Dez

A edição nº 11, ano 6, está fantástica. De todas as matérias, a seleção de vídeo "Jovens Rebeldes" é a minha preferida. Espero que as próximas edições sejam tão glamourosas quanto esta, fazendo-me recordar de grandes momentos de minha vida.
Márcio Roberto Marcelino
(Rinópolis / SP)

Filmes de Férias

Parabéns a SET pela belíssima edição nº 11, ano 6, principalmente pela reportagem "Filmes de Férias". Confesso que não manjava de cinema, mas através de SET fico sempre atualizada sobre a sétima arte. Não importa o que digam os mais críticos (que a revista está um lixo e *otras cositas mas*), mas SET é a melhor revista de cinema e vídeo do país.
Orlanda Almeida Ferraz de Araujo
(Encruzilhada / BA)

Aconteceu... & Strictly...

Parabenizo Walter de Silva pelo texto que produziu a respeito do filme belga *Aconteceu Perto de Você*, publicado na SET nº 11, ano 6. Mas logo adiante ele mesmo errou feio e decepcionou no que diz respeito ao ótimo filme australiano *Strictly Ballroom*. O filme é hiperdescolado, pra lá de divertido, muito bem realizado e montado, enfim um filme encantador com gags impagáveis e excelentes atores.
Cleber Cardoso Fagundes
(São Paulo / SP)

Mau Exemplo

Na seção *Novos Filmes* da edição nº 11, ano 6, há um exemplo de texto que deve ser evitado: o comentário/resenha a respeito de *Terra D'Água (Waterland)*. São vinte e três linhas vazias em que apenas traços do roteiro são mencionados e nada mais. Quantidade não é qualidade. É preferível falar de menos filmes e manter a qualidade editorial. Outro ponto deve ser ressaltado: SET precisa se dedicar ao cinema nacional.
Francisco de Assis Santos Costa
(São Paulo / SP)

Atores Jovens

Quero informar à SET o quase falecimento, por infarto do miocárdio agudo, desta leitora maníaca por causa do gato da capa (nº 10, ano 6) River Phoenix. Adorei e fiz o maior sucesso com a SET no meu colégio. Espero que continuem colocando cada vez mais caras novas.
Cláudia Moreira
(Niterói / RS)

Não posso, de forma alguma, pedir que vocês eliminem matérias supérfluas (a meu ver) como aquelas sobre River Phoenix e Brandon Lee (nº 10, ano 6), pois respeito a opinião de leitores que tenham interesses diferentes dos meus. Mas sinto-me tentado a pedir à SET que tenha mais cautela ao escolher suas reportagens, que valorize aquilo que é realmente legítimo e sincero no cinema – a saber, a qualidade e criatividade dos artistas que colaboram com a sétima arte, coisa que certamente esses "lindinhos e lindinhas" de hoje não possuem.
Fábio Luiz Medeiros Said
(Salvador / BA)

Ridley e Drew

A edição nº 11, ano 6, está simplesmente ótima. Adorei as entrevistas com Ridley Scott e Drew Barrymore e também a matéria "Filmes de Férias".
Milena Larissa Varella de Azevedo
(Natal / RN)

Tenho impressão de que o pessoal da SET não conhece muito bem o Código de Defesa do Consumidor. Seguinte: na edição nº 11, ano 6, havia uma chamada na qual Ridley Scott revelaria o novo *Blade Runner*. A maior MENTIRA do ano! Scott não revelou uma vírgula sequer de *Blade Runner*, do que já não soubéssemos, inclusive pela própria SET. Acho que SET não tem necessidade de se sujeitar a mecanismos baixos para vender. A revista não pode subestimar a inteligência de seus próprios leitores!
Márcio Antônio Assunção
(Florianópolis / SC)

Déjà Vu

Sou leitor de SET há mais de quatro anos e acompanhei muitas de suas evoluções, algumas com satisfação. Gostaria de ficar apenas nos elogios mas não é possível. Em primeiro lugar: por que vocês trocaram o nome da seção *Em Cartaz*, que a meu ver era original, pelo fraco *Novos Filmes*? Segundo: por que vocês não fazem uma cobertura mais ampla da entrega do Oscar; aquele resumo constando apenas o nome dos indicados é muito fraco. Terceiro: por que *Pré-Estréia* e *Em Filmagem* em vez de *Avant-Première*? Quarto: por que vocês não publicam *Filmografia* mensalmente? Quinto: vocês precisam melhorar a qualidade do texto, em muitos casos há muita apelação, as fotos são ótimas, mas de que adianta luxo sem conteúdo? Gostaria que vocês voltassem a publicar um resumo melhor dos filmes *Em Cartaz* e não apenas cinco linhas que não dizem nada, e também que a ficha técnica voltasse a ser completa.
Calirai Pereira Hayek
(Manaus / AM)

André Forastieri responde: *Trocamos o nome* Em Cartaz *por* Novos Filmes *porque é impossível saber com um mês de antecedência que filmes estarão em cartaz num determinado período. As distribuidoras têm o infeliz hábito de mudar as datas de lançamento em cima da hora.*
Fichas Técnicas*: por uma questão de espaço, optamos por só publicar os nomes mais importantes de cada produção, o que necessariamente deixa de fora produtores menos conhecidos ou trilheiros iniciantes. Em compensação, as* Fichas *sempre trazem as equipes técnicas completas.*
E a cobertura do Oscar em 93 vai ser bem-bacana; começa nesta edição, com a matéria de Ana Maria Bahiana "Como Comprar Um Oscar".

Retrospectiva do Leitor

O fato de sempre ser excluído da seção *Cartas* me faz sentir profundamente chateado e discriminado. Com essa, é a quinta vez que escrevo somente em 92, aproveito então para fazer um resumo sobre os meus preferidos de 1992. A edição nº 6, ano 6, foi superquente, com Sharon Stone, o belo Tom Cruise, o incrível Paul Verhoeven e os superadesivos. Já a de nº 8 soube conciliar o talento de Geena Davis com o charme de Patrick Swayze, sem falar da matéria sensacional com a eterna diva Marilyn Monroe. Kim Basinger arrasou na capa da edição nº 9, essa loira merece. A com o ótimo River Phoenix na capa (nº 10) está demais, a segunda parte da matéria "Sexo à Européia" foi muito bem retratada e explícita, tal como a primeira. Valeu! Apesar de alguns erros bastante visíveis, SET vem crescendo e se aperfeiçoando em prol de seus fiéis leitores.
Klauss Barbosa
(São Luís / MA)

Errata

O nome e o local de nascimento correto de Jodie Foster é Alicia Christian Foster, nascida em Los Angeles(*Ficha de Cine e Vídeo Mentes que Brilham*, nº 11, ano 6).

Na *Ficha de Cine e Vídeo* do filme *Minha Mãe É uma Sereia* (nº 11, ano 6) consta que Richard Benjamin teria ganho o Globo de Ouro de melhor ator coadjuvante por *Uma Dupla Desajustada*, mas foi George Burns que recebeu tal prêmio pelo filme, tendo inclusive recebido o Oscar.

Na entrevista com Ridley Scott (nº 11, ano 6) consta que Tom Cruise trabalhou com o diretor no filme *Dias de Trovão*, mas quem dirigiu esse trabalho foi o irmão do diretor, Tony Scott.

Na Mini-Enciclopédia *Os Maiores Mitos da Tela*, Volume III, consta que Clark Gable nunca teve uma indicação para o Oscar. No entanto, em 1934 ganhou a estatueta de melhor ator pelo filme *Aconteceu Naquela Noite*, de Frank Capra, e mais duas indicações, na mesma categoria, pelos filmes *...E O Vento Levou* e *O Grande Motin.*

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editora: Deborah Peleias
Editor-Executivo: Dilson Pedro Gomes
Redatores: Walter de Silva, Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Diretor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramador: Izaú Norbertino
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Colaboradores-Texto: Ana Maria Bahiana, Christian Petermann, Marcelo Bernardes, Marcos Petruccelli, Nikki Nixon, Paulo Gustavo Pereira, Silvia Dale, Valter José, Vitor Paolozzi, Wagner Almeida Silva. **Fotografia:** Ivan Carneiro, Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos. **Arte:** Renata Borges

PUBLICIDADE
Diretor: Rogério Rahier
Gerente de Contas: Miguel Castello
Supervisores de Contas: João Jorge Rangel, Maira Gisele Magno, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marília Hindi (Dir.), Tânia Mattana (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lídia Camarate
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET 68 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril/Abril Press. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - grupos 1534/35, Centro, CEP 20020-80, tel: (021) 532-0313, telex: (021) 36890, fax: (021) 532-1486. CP 4816. Telegramas: Editabril/Abril Press. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista: Circulação desta revista: **fevereiro 93. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio d e seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas e Bureau Azul
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

SET CINEMA & VÍDEO
EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 261-7070
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05066-900 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.
Nome
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço
CEP
Bairro
Cidade
Estado
Tel.
Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

ÁLBUM BIZZ
Biografia, Letras e Fotos

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 211-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-80 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

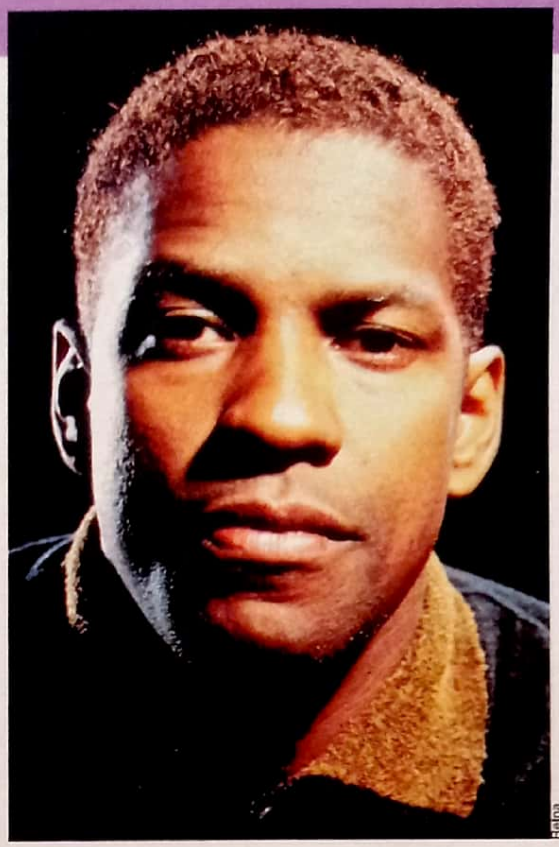
LFI

ROBIN WILLIAMS

Nasceu em 21 de julho de 1952, em Chicago, Illinois, EUA. Diplomado em Ciência Política, Williams preferiu investir em seu talento para contar piadas, despontando em espetáculos cômicos na costa Oeste dos EUA no final dos anos 70. A partir daí iniciou carreira na TV e cinema, em que mostrou-se também capaz de interpretar papéis dramáticos.

Seriados: 1977: THE RICHARD PRYOR SHOW ■ 1977-78: LAUGH-IN; MORK AND MINDY
Filmes para TV: 1986: SEIZE THE DAY (de Fielder Cook) ■ 1991: WE ALL HAVE TALES (de C.W. Rogers, documentário)
Filmes para Cinema: 1980: POPEYE (*Popeye*, de Robert Altman) ■ 1982: O MUNDO SEGUNDO GARP *(*The World According to Garp*, de George Roy Hill) ■ 1983: O NEGÓCIO É SOBREVIVER *(*The Survivors*, de Michael Ritchie) ■ 1984: MOSCOU EM NOVA YORK *(*Moscou on the Hudson*, de Paul Mazursky) ■ 1986: THE BEST OF TIMES (de Roger Spottiswoode) ■ CLUBE PARAÍSO *(*Club Paradise*, de Harold Ramis) ■ 1987: BOM DIA, VIETNÃ *(*Good Morning, Vietnam*, de Barry Levinson) ■ QUERIDA AMÉRICA – CARTAS DO VIETNÃ *(*Dear America: Letters from Vietnam*, de Bill Couturie) ■ 1989: AS AVENTURAS DO BARÃO DE MUNCHAUSEN *(*The Adventures of Baron Munchausen*, de Terry Gilliam); SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS *(*Dead Poets Society*, de Peter Weir) ■ 1990: UM CONQUISTADOR EM APUROS *(*Cadillac Man*, de Roger Donaldson); TEMPO DE DESPERTAR *(*Awakenings*, de Penny Marshall) ■ 1991: VOLTAR A MORRER *(*Dead Again*, de Kenneth Brannagh); O PESCADOR DE ILUSÕES *(*The Fisher King*, de Terry Gilliam); HOOK, A VOLTA DO CAPITÃO GANCHO (*Hook*, de Steven Spielberg) ■ 1992: FERNGULLY, THE LAST RAIN FOREST (de Bill Kroyer, como dublador em desenho animado); ALLADIN (como dublador em desenho animado); TOYS (de Barry Levinson)

DENZEL WASHINGTON


Reina

Nasceu em 28 de dezembro de 1954, em Mount Vernon, Nova York, EUA. Jornalista formado, Denzel Washington mudou-se para San Francisco, onde estudou no American Conservatory Theatre. Estabelecido como ator de teatro, seu nome passou a ser conhecido nos EUA a partir do seriado de TV ST. ELSEWHERE. Em 1989, ganhou um Oscar de melhor ator coadjuvante, por sua atuação em TEMPO DE GLÓRIA.

Filmes para TV: 1977: WILMA (de Bud Greenspan) ■ 1979: FLESH AND BLOOD (de Jud Taylor) ■ 1984: LICENSE TO KILL (de Jud Taylor) ■ 1986: THE GEORGE MCKENNA STORY (de Eric Laneuville)
Seriado para TV: 1982-88: ST. ELSEWHERE
Filmes para Cinema: 1981: CARBON COPY (de Michael Schultz) ■ 1984: A HISTÓRIA DE UM SOLDADO *(*A Soldier's Story*, de Norman Jewison) ■ 1986: PODER *(*Power*, de Sidney Lumet) ■ 1987: UM GRITO DE LIBERDADE *(*Cry Freedom*, de Richard Attenborough) ■ 1988: FOR QUEEN AND COUNTRY (de Martin Stellman) ■ 1989: THE MIGHTY QUINN (de Carl Schenkel); TEMPO DE GLÓRIA *(*Glory*, de Edward Zwick) ■ 1990: MAIS E MELHORES BLUES *(*Mo' Better Blues*, de Spike Lee); CONDIÇÃO CRÍTICA *(*Heart Condition*, de James D. Perriott) ■ 1991: MISSISSIPPI MASALA (de Mira Nair); RICOCHET (de Russell Mulcahy) ■ 1992: MALCOLM X (de Spike Lee)

SPIKE LEE

Reina

Shelton Jackson Lee nasceu em 20 de março de 1957, em Atlanta, Geórgia, EUA. Ator, roteirista e diretor de filmes, videoclips e comerciais, Lee ganhou aclamação instantânea com seu primeiro longa-metragem, SHE'S GOTTA HAVE IT (de 1986), depois de ter cursado o Institute of Film and TV, da New York University. Radical na questão racial (no começo da carreira chegou a se recusar a dar entrevistas para jornalistas brancos), seu sucesso abriu caminho nos EUA para novos diretores negros.

Filmes Super 8: 1977: LAST HUSTLE IN BROOKLYN; BLACK COLLEGE: THE TALENTED TENTH, de George Folkes (como roteirista)
Filmes como Estudante: 1980: THE ANSWER ■ 1981: SARAH ■ 1982: JOE'S BED-STUY BARBERSHOP: WE CUT HEADS
Longas como Ator e Diretor: 1986: SHE'S GOTTA HAVE IT ■ 1988: SCHOOL DAZE ■ 1989: FAÇA A COISA CERTA* (*Do the Right Thing*) ■ 1990: MAIS E MELHORES BLUES* (*Mo' Better Blues*) ■ 1991: FEBRE DA SELVA* (*Jungle Fever*) ■ 1992: MALCOLM X
Videoclips como Diretor: 1986: NOLA (do filme *She's Gotta Have It*); TUTU MEDLEY (de Miles Davis); ROYAL GARDEN BLUES (de Branford Marsalis) ■ 1987: NO ONE IN THE WORLD (de Anita Baker) ■ 1988: DA BUTT (do grupo E.U.); BE ALONE TONIGHT (de The Rays); BE ONE (de Phyllis Hyman); I CAN ONLY BE ME (de Keith John); REACHEN' OUT (de Steel Pulse) ■ 1989: BUCK WILD (de E.U.); FIGHT THE POWER (de Public Enemy); FEEL SO GOOD (de Perri); BORN TO FIGHT (de Tracy Chapman)

* *disponível em vídeo*

HERÓI AFRO

O maior astro negro do cinema, Sidney Poitier, ao lado de Rod Steiger em *No Calor da Noite (In the Heat of the Night*, 1967)

Em algum lugar do seu passado.

Muitas vezes você quis rever aquele filme
que marcou época ou um momento especial da sua vida, mas...
a fita já estava locada ou simplesmente não fazia parte do acervo.
*A **Jointvídeo**, uma revenda de fitas novas e usadas, reúne mais de 10 mil títulos,*
entre eles verdadeiras raridades. São clássicos do cinema mundial ou de
memoráveis produções nacionais como os da Vera Cruz.
*Consulte a **Jointvídeo**, viaje no túnel do tempo e monte sua videoteca particular.*
Boas recordações!

Informações sobre preços, títulos e sistema de remessa
para todo o Brasil.

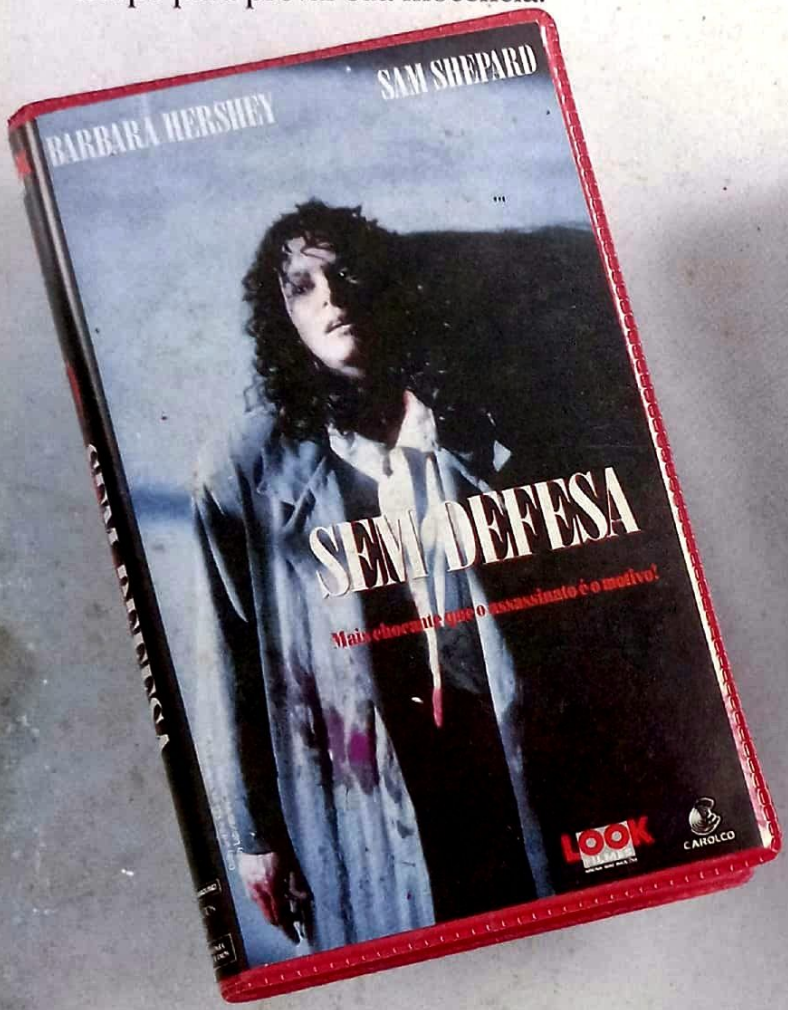
SÃO PAULO - SP
Av. Gal. Ataliba Leonel, 455
Santana (próximo à Estação
Carandiru do Metrô) CEP 02033-000
Fone/Fax: (011) 290.0811

JOINTVIDEO
JOINT VIDEO COMERCIAL LTDA.

RECIFE - PE
R. João Coimbra, 99
Madalena CEP 50610-310
Fone/Fax: (081) 228.3988

PROCURA-SE

Ela é uma advogada acusada de um assassinato misterioso e tem pouco tempo para provar sua inocência.



"Uma trama esperta, de sinalização hitchcockiana."
ELY AZEREDO - O GLOBO

"Tem clima, segura o fio da meada e, sobretudo, tem um par central que combina bem."
CELSO ARNALDO ARAUJO - MANCHETE

Ele é um psicopata frio e calculista que já exterminou mais de 300 pessoas pelo simples prazer de matar.

HISTÓRIA VERÍDICA. ACONTECEU NOS EUA.

"Um filme chocante, surpreendente."
LUCIANO TRIGO - O GLOBO

"Nunca se viu um mergulho tão profundo numa mente doentia."
RUBENS EWALD FILHO - JORNAL DA TARDE

RECOMPENSA

Quem gosta de suspense e fortes emoções vai se sentir recompensado. São dois filmes que vão prender você até o último minuto.

NAS MELHORES VIDEOLOCADORAS

SIMULTÂNEO COM OS CINEMAS

LOOK FILMES

A GRIFE DO CINEMA